

Millau e Olmedilla, escreveram em seus mappas — *Mbutuy*. No *Mappa Argentino* de 1865, está escripto — *Albutuy*, engano evidente do copista ou do gravador que tomou por *Al* a letra *M*.

O mesmo aconteceu com outros autores ao escreverem o nome do actual Butuhy, que serve de divisa entre os municipios de S. Borja e Itaqui, e que nas cartas antigas era denominado Mbutuy.

Azara, o celebre e industrioso chrismador de rios e lugares, escreveu Mbutiay-Mini.

IMERI. — Está assim registrado o nome da lagôa Mirim no *Mappa das Côrtes*.

INATUI — corr. *i-atua-y*, rio do cogote. *S. Leopoldo* dá essa denominação ao Inhatium. Vid. este nome.

INGAHY — corr. *iga-y*, rio do ingá, fructa da familia das leguminosas.

Rio, nasce na encosta oriental da Cochilha Grande, no municipio de Cruz Alta e corre para SE. até sua embocadura no Jacuhy, depois de um curso de 65 Klms.

INHACÁ — corr. *y-nhâ-caa*, o matto da correnteza, da enxurrada. Figura com essa denominação o actual arroio S. João, affluente da margem esquerda do Ibicuhy, nas concessões de sesmarias feitas, em 1814 a José Antonio Bittencourt da Camara, e na de Izabel Maria da Silva, em 1816, está escripto — Inhacan.

INHACAPETUM — c. *inhâ-caa-pitú*, arroio da arvore da casca escura. Nasce este arroio na Cochilha do Espinilho e corre para NO. até sua foz no Piratiny, depois de um curso de 55 Klms., segundo *DOP.*, que escreve — Inhacacuitam; *Cunha Lopes e Selbach*, dão-lhe 75 Klms. e escrevem, respectivamente — Nhaeghuitam e Inhacacuitam; *Rat.* e *B. P.*, cerca de 65 Klms. e grapharam Nhacapetum, assim tambem está escripto na lei 290 de 3 de novembro de 1854, que estabeleceu os limites entre os municipios de S. Borja e Cruz Alta. Na provisão do Vigario Geral, de 8 de março de 1816, que dividiu o territorio missioneiro em 7 freguezias, está escripto — Nhacapetú. O mappa do *Min. Via.*, registra — Nhacohuitan e dá apenas 37 Klms. para seu curso; *Coi.* e *Nie.*, dão-lhe cerca de 73 Klms. e escrevem — Nhacahuitam. O *C. Engenharia*, graphou Nhacacuitam.

O Inhacapetum serve de divisa entre o municipio de Santo Angelo e os de Santiago do Boqueirão e S. Borja.

Resende, localizou suas cabeceiras no municipio de Julio de Castilhos, cuja extremo O. fica a 150 Klms. das nascentes deste arroio.

INHACUNDÁ — c. *y-nhâ-cundá*, a corrente sinuosa.

Arroio, nasce na Serrá Inhancevá, no municipio de S. Francisco de Assis, corre na direcção de N. para S. até a villa de S. Francisco, onde se inflecte para SO. até sua embocadura no Ibicuhy, perto do Passo do Batovy. Conserva sempre grande quantidade d'agua.

Por essa mesma denominação é conhecido um banhado no municipio de S. Gabriel.

S. Leopoldo escreveu In hacundó; no mappa da Demarcação feita em 1759 e 1760, está escripto — Nacondá. Diversos autores grapharam — Nhacundá. A graphia acima, entretanto, já era usada em 1816, conforme se vê na concessão de sesmaria feita a Manoel Pereira da Silva.

INHACORÁ — c. *inhã-corá*, curral de aguas. Rio, nasce no rincão de igual nome, na Cochilha de S. Jacob, e corre na direcção geral de NO. até sua foz no Uruguay, depois de um curso de 110 Kms. Ao penetrar na matta densa recebe as aguas do Buricá, que muito avolumam as suas. Serve em toda sua extensão de divisa entre os municipios de Palmeira e Santo Angelo.

Com aquella denominação existe á margem direita deste rio um aldeamento de indios. No segundo e terceiro mappas do Paraguay figura o mencionado rio com o nome de S. Juan; os demarcadores de 1759, o denominaram Pinday, como tambem o registra Millau e o *Mappa Argentino de 1865*. Azara, escreveu — Mbutiay Guazú; os demarcadores de 1788, copiaram os de 1759, acrescentando um *i* no fim do nome. Chagas Santos, escreveu — Nhucorã; Camargo — Nhocorá e Min. Via. — Nhavicororá.

INHACORUTÚ — corr. *inhã-corutú*, arroio da coruja.

Nome de dois arroios, sendo um tributario do Ijuhy, no municipio de Santo Angelo e o outro do Ibicuhy, em S. Vicente. Serra no primeiro dos municipios mencionados.

INHAMANDÁ — c. *inhã-mandá*, arroio do ninho.

Arroio affluente do Ibicuhy, no municipio de Santa Maria.

INHANCEVÁ — corr. *inhã-cyba*, testa da corrente. Serra no municipio de S. Francisco de Assis, onde nasce o In hacundá.

INHANDIJÚ — corr. *inhã-teyu*, corrego do lagarto.

Arroio, nasce na Serra do Boqueirão no municipio de S. Francisco de Assis; corre a principio para SE. e depois para S. até sua barra no Jaguary. Seu curso é de cerca de 50 Kms. Varela, Coi. e Nie. e Mor. Pinto, escreveram — Inhan-tejú, Cunuha Lopes — Inhandiú, e Montenegro — Inhatejú. Vide este nome. DAS., o localisou no municipio de S. Gabriel e esse erro foi repetido por Mor. Pinto, não obstante ter sob seus olhos o mappa de Coi. e Nie.

INHANDEJUZINHO. — Palavra hybrida c. de *inhã-teyu* (tupi, corrego do lagarto) + *zinho* (suf. diminutivo portuguez). Pequeno arroio tributario do Inhandijú, no municipio de São Francisco de Assis.

INHANDUHY — c. *i-nhandú-y*, o rio das avestruzes ou das aranhas, porque *nhandú*, tambem é aranha em tupi — *nhandupé*, aranha chata; *nhandú quíaba*, teia de aranha.

O rio Inhanduhy nasce por 2 galhos na Cochilha de Sant'Anna, no municipio de Quarahy e corre para NO. até receber as aguas de seu primeiro tributario pela margem direita, ahi faz uma inflexão para NNE. e depois de correr 5 Klms., aproximadamente, entra no municipio de Alegrete e o atravessa naquella mesma direcção até sua barra na margem esquerda do Ibirapuitan.

Seu leito é arenoso e sua corrente toma grande vellocidade nas cheias.

Seu curso é de 90 Klms., segundo *Montenegro*, *Cunha Lopes* e *Oct. Far.* *DOP.*, dá-lhe cerca de 88 Klms., *Selbach*, 75 e pelos dados da *C. C. G. B.* 73.

INHANTEJÚ. — Assim *Coñ.* e *Nie.*, *Mor. Pinto* e *Varela*, escrevem o nome do arroio Inhandijú. Essa graphia, aliás, etymologicamente, é a correcta.

INHATIUM — corr. *y-nhatyû*, arroio do mosquito.

Nasce este arroio na Cochilha Grande, no municipio de S. Gabriel e corre para NO. até penetrar no banhado de seu nome, que atravessa quasi ao meio, na direcção N., que depois conserva até desaguar na margem esquerda do Cacequy.

S. Leopoldo em seus *Annaes*, escreveu *Inatui*, mas no mappa que acompanha a 2.^a edição dessa obra está registrado — *Inhatium*. *DAS.* graphou *Inatuhy*; *Mor. Pinto* — *Inhatui* e diz que „alguns opinam que o Cacequi nasce com este nome.“ *Gay*, affirma isso e escreve — *Inhatuin*. *Montenegro* e *Oct. Far.* dão 60 Klms. para seu curso; *DOP.*, cerca de 46 e *Cunha Lopes*, 32, aproximadamente.

Ainda com aquella denominação existe, como ficou dito, um banhado de cerca de 30 Klms. de extensão, no sentido da corrente de suas aguas, por 15 Klms. de largura.

E' tambem assim conhecido um sangradouro desse banhado.

INHATUI. — Assim escreveu *Mor. Pinto* o nome do arroio *Inhatium*.

INHATUIN. — Assim *Gay* escreveu o nome do arroio *Inhatuin*.

INHOVERÁ — corr. *y-nhũ-virá*, arroio do campo do veado; pode ser tambem corr. *y-nhũ-birã* ou *pirã*, formas contractas de *piranga* e nesse caso é arroio do campo vermelho.

Com essa denominação existe um arroio no municipio de Palmeira.

IPAHA — corr. *y-pab-a*, o extremo da cabeça do rio.

Gay, dá essa denominação ao arroio Imbaha, e traduziu: acabou-se, é o ultimo.

IPAMOROTY — c. *ypá-moroty*, lagôa de aguas mui brancas ou crystalinas. Assim DAS. e Cunha Lopes, grapham o nome do arroio Upamoroty.

A's lagôas dão os indigenas as denominações *yupa*, *ypaba* ou simplesmente *ypá*, alterado para *upa*, em vista da confusão estabelecida pela difficel pronuncia do *y*, que é, como observa o autor do *Diccionario Portuguez Brasileiro*, um son mixto e confuso entre *i* e mais *u*, e que não sendo *i* nem *u*, envolve ambos.

IPANÉ — contr. *y-panema*, agua ruim.

Povoado no municipio de Uruguayana, séde do 6.º districto.

Gay dá essa denominação a um affluente do Ibirapuitan.

Silv. Peixoto e Olmedilla, dão esse nome ao ultimo affluente da margem esquerda do Ibicuihy. No mappa demonstrativo da linha de operações do exercito imperial, em 1844, está assim registrado esse arroio, que tambem figura na concessão de sesmaria feita, em 1814, a Belchior da Costa Rebello Corrêa da Silva.

Tem esse arroio sua origem no banhado de igual nome, segundo se vê da concessão de sesmaria feita, tambem em 1814, a Manoel Ignacio Alves dos Reis.

Ainda por aquelle nome era conhecido em 1816, um rincão existente entre os arroios Ibirocay e Ipané, conforme se vê da concessão de sesmaria feita a Joaquina Mascarenhas Corrêa da Silva.

IPÉ — corr. *ib-pé*, a arvore cascuda. Genero de bigonaceas do Brasil e da Africa.

Com esse nome existem: dois morros e dois lugares, nos municipios de Conceição do Arroio e Taquary; um lugar em S. Sepé e um capão em Rio Pardo.

IPIRANGA — c. *y-piranga*, rio vermelho.

Nome de dois arroios, sendo um tributario do Cahy, no municipio deste nome e o outro no de Gravatahy. Ainda neste municipio existe um povoado com essa denominação.

IPIUCHIN — corr. *y-poî-cyn*, o filete d'agua brilhante.

Arroio affluente do Manoá no municipio de S. Borja.

IPIUITAN — corr. *y-pitanga* rio das pitangas, ou vermelho, póde ser tambem corr. *y-pytã*, agua perenne, isto é arroio que nunca séca.

Arroio no municipio de S. Borja.

IPUITANZINHO. — Palavra hybrida c. *ipuitã* (tupi) e *zinho* (suf. diminutivo portuguez).

Arroio no municipio de S. Borja.

IRAHY — c. *ira-y*, rio do mel.

Nome de um dos tributarios do *Jacuhy*. Era assim tambem conhecido o actual rio do Mel, affluente do Uruguay, que nasce nos campos de Nonohay, no municipio de Cruz Alta e em cuja margem direita existem fontes de afamadas aguas mineraes. Nome de um districto municipal de Palmeira

— o 11.º.

IRAJASSE — c. *ira-yacê*, a séde do mel ou o lugar do mel.

Montanhas perto das cabeceiras do Rio Negro.

IRAPITANGUY — c. *ira-pitanga-y*, arroio do mel e das pitangas; pode significar tambem — arroio do mel vermelho. Preferimos, porém, a primeira traducção, em vista da abundancia daquellas fructas nas margens do arroio que figura com aquella denominação na concessão de sesmaria feita em 1815, a Manoel Godinho Leitão. Esse arroio é hoje conhecido por *Guapinaguy*, a que *Th. Sampaio* deu a traducção — rio dos paus vermelhos.. Impropria porque em a matta que margeia esse arroio, compotsa de matto carrasquenho, não existe madeira vermelha. É mais apropriada e significação que lhe damos — rio das pitangas, em vista da quantidade de pitangueiras que orlam as margens do mencionado arroio, que desagua no Quarahy, por duas boccas, sendo uma natural e a outra produzida pelo erosão das aguas e que tende a substituir aquella.

IRAPÓ — c. *y-r-apó*, a agua crescida, a enchente, *Th. Sampaio*. Pode ser tambem corr. *y-ira-pó*, rio do mel fino. Arroio, nasce na Cochilha de Sant'Anna e corre para SE. até sua embocadura no Quarahy.

IRAPUA — corr. *y-ira-poã*, rio do mel levantado. A colmeia dessa especie de abelha é sempre feita no alto das arvores. Pode ser tambem corr. *y-ira-puan*, rio do mel de favos redondos, por causa da fórma arredondada da colmeia.

O rio Irapuá nasce na serra de Caçapava, no municipio deste nome e corre para E. em um percurso de cerca de 37 Klms. e depois para N. até sua barra no Jacuhy, abaixo do Passo de S. Lourenço.

É navegavel até 10 Klms. acima de sua embocadura.

Seu curso é de 110 Klms., segundo dados da *C. C. G. B.*; *DOP.* dá-lhe 100 Klms., *Cunha Lopes*, 90 e *Selbach*, apenas 53.

Tem como tributarios os seguintes arroios: Irapuazinho, Cria, Caldeirão e Angico e as sangas Palma e Areia.

Com a denominação de *Irapuá* existe um districto no município de Caçapava. Vide este nome.

IRAPUAZINHO. — Palavra hybrida; c. *irapuá* (tupi) e *zinho* (suf. diminutivo port.). Arroio, nasce no município de Caçapava e corre para NE. até sua embocadura no Irapuá, depois de um curso de 36 Klms.

IRAPUITAN — corr. *y-ira-puitã*, rio do mel vermelho. Denominação dada ao *Ibirapuitã*, na concessão de sesmaria feita a José de Souza Brasil, em 1814.

IRIGUATY — corr. *y-yri-gua-ti*, agua do valle do cacho branco.

Arroio tributario do Urubucarú, no município de Santo Angelo.

IROI. — c. *y-roy*, rio d'agua fria. Assim S. Leopoldo e Camargo, grapharam o nome do arroio *Iruhy*.

IRUBUGUÁ — corr. *urubú-gua*, valle dos urubus.

Com essa denominação é assignalado no segundo e no terceiro *Mappa do Paraguay* e nos dois de *D'Anville*, um lugar entre dois affluentes do Ijuhy; provavelmente uma fazenda dos jesuitas.

IRUHY — c. *y-roy*, rio d'agua fria. Arroio, nasce na serra da Encruzilhada, no município desse nome e corre para N. em um percurso de cerca de 30 Klms. e depois para NO. até sua barra no Pequery. Serve de limite entre os municípios de Cachoeira e Rio Pardo, desde a embocadura do Palmas, até sua barra. Seu curso é de cerca de 50 Klms.

ISSACÁ — corr. *yca-cã*, ramos seccos ou gravetos. Arroio tributario do Cacequy.

ITABABERAQUÁ — c. *ita-bae-bera-quá*, pedra do buraco das cousas brilhantes. Por este nome é também conhecida a serra de Baeberaquá, onde nasce o rio Vaccacahy.

Oct. Far. graphou *Itabeberaquá*.

ITABY — corr. *ita-py*, pé de pedra. Arroio tributario do Manoá, no município de S. Borja.

ITACOLONY — corr. *ita-curu-mim*, o menino de pedra.

Nome de dois cerros, sendo um no município de Rio Pardo e o outro no de S. Gabriel. Serra e morro no município de Gravatahy.

Por essa denominação era conhecido, em 1791, um lugar na Freguezia de Nossa Senhora dos Anjos, actual município de Gravatahy, conforme se vê da concessão de sesmaria feita a Sebastião Manoel de Santiago.

ITACORÁ — c. *ita-corá*, curral de pedra. Arroio no município de S. Borja, também conhecido por Itaporé.

ITACURUARÉ — c. *itacurú-are*, pedra caída. Ilha no Uruguay, pertencente ao Brasil.

ITACURUBI — c. *y-tacuruba-i*, rio dos pedregulhos ou cascalhos. Pode ser também corr. *ita-curuba-i*, rio da pedra aspera ou granulada, allusão a uma especie de pedra preta e porosa, commum na região em que corre o Itacurubi, e ahi geralmente conhecida por tacuru, contr. de tacuruba.

O *Itacurubi* nasce na vertente N. da serra do Iguariaçá, no municipio de S. Borja, proximo ás cabeceiras de seu contravertente, o Itu Mirim, e corre para NNO. até sua foz no Camaquam, depois de um curso de cerca de 55 Klms., segundo *DOP.*; *Cunha Lopes* dá-lhe 60 Klms. *Oct. Far.* escreveu Itacarovy.

ITAIPAVA — corr. *itaî-paba*, a estancia do pedregulho ou dos seixos, segundo *Th. Sampaio*. Diz o mesmo autor: „E' vocabulo indigena para exprimir um banco de cascalho, ou travessão de pedras miudas no leito dos rios.“

J. Gonçalves diz que é „palavra abanhenga introduzida no dialecto brasileiro, com a significação de — recife que atravessa o rio de lado a lado. Compõe-se, origem pouco conhecida, de *itá*, pedra e *ipá* — *ipab* — *ipaba*, levantamento, elevação — elevação de pedras.

Entre os guaranis, significa simplesmente recife.“

ITAIPAVA, é uma das denominações locais dada á serra do Mar, em territorio riograndense.

ITAJASSÉ — corr. *ita-yace*, melancia de pedra, pode ser também o lugar das pedras. Assim *Varela* e *Oct. Far.* escrevem o nome de um arroio no municipio de Uruguayana, tributario do Pindahy.

Cunha Lopes e *DOP.*, grapharam Itajassú; vid. este nome.

ITAJASSÚ — corr. *ita-y-açú*, arroio da pedra grande.

Nasce este arroio na Cochilha de Sant'Anna e corre para N. até sua confluencia com o Pindahy. Assim reunidos se lançam na margem esquerda do Toropasso.

ITAJOA — corr. *ita-yua*, pedra do fructo de espinho. Arroio affluente do Uruguay, pela margem direita, cerca de 3 Klms. abaixo da foz do Pepery Guaçú; pertence á Republica Argentina e não ao Rio Grande do Sul, como registraram *Mor. Pinto* e *Oct. Far.*, visto que pelo tratado de 1898 ficou estabelecida a nossa linha divisoria com a mesma Republica, pelo rio Uruguay desde a foz do rio Quarahy até a barra do Pepery Guaçú. E a convenção complementar de 4 de outubro de 1910, liquidou o trecho do rio Uruguay, a partir da foz do Quarahy para o S. até a ponta S. W. da ilha chamada Brasileira ou do Quarahy.

ITAMBÉ — c. *itâ-bé*, rio das conchas razas. Arroio, nasce no banhado de Inhatium e desagua no Santa Maria, acima do Passo do Rosário. Vid. *Ituzaingó*.

ITAÓ — corr. *ita-og*, casa de pedra. Por esse nome era conhecido em 1816, um arroio affluente do Itú, conforme se vê da concessão de sesmaria a Miguel Pereira Simões.

ITAPEBUY — corr. *itapeb-y*, rio da lage. Está assim escripto o nome do Itapevy, nas concessões de sesmaria feitas, em 1814, a Mauricia Clara d'Oliveira e, em 1816, a Pedro Soares d'Oliveira.

ITAPEGUY. — Está assim escripto o nome do Itapevy na concessão de sesmaria feita, em 1815, a Fidelis José de Campos.

ITAPEVA — corr. *ita-peba*, a pedra chata, o lageado, a lage. Lagôa nos municipios de Conceição do Arroio e de Torres. Tem mais de 90 Kms. de perimetro e 33 de comprimento sobre cerca de 7 de largura. E' navegada por barcos de pequeno calado; é abundante em peixes e em suas margens ha muita caça. E' ligada a lagôa de Quadros, por um sangradouro.

Com essa denominação existe um morro no municipio de Torres e uma serra no de Cima da Serra.

ITAPEVY — corr. *itapeb-y*, rio da lage. Rio, nasce na lagôa Parobé, no planalto da serra do Caverá. Corre a principio para NE. até a confluencia do arroio Lageado, onde se inflecte para N. tomando depois de pequeno percurso a direcção primitiva, até se lançar na margem esquerda do Ibicuhy, em frente ao cerro do Loreto e proximo da estação da estrada de ferro de seu nome, no Klm. 410, do ramal de Porto Alegre á Uruguayana.

Limita em toda sua extensão, que é de 45 Kms., os municipios de Rosario e Alegrete. Tem matto em ambas as margens, que formam capões de longe em longe, segundo a descripção do capitão João Rosa da Silva, em o Relatorio que apresentou ao Chefe da *C. C. G. B.*

Com aquelle nome existe um arroio tributario do rio Piratiny e que corre entre as estradas S. Luiz—S. Borja e S. Luiz—S. Nicolau.

E' tambem nome de um passo sobre o rio acima descripto. Nesse passo foi preso, em abril de 1837, por ordem de Bento Manoel, o brigadeiro Anthero de Brito, então presidente da Provincia.

ITAPITANGUY — corr. *ita-pitang-y*, rio da pedra vermelha. E' assim escripto por *Mor. Pinto* e *Oct. Far.* o nome do arroio Guapitanguy, affluente do Quarahy no municipio de Uruguayana.

ITAPITOCAY — c. *itapy-tocái*, o curral de pedra. Arroio, nasce na Cochilha de Pai Passo e corre para ONO. até

sua barra no Uruguay, depois de um curso de 44Klms., segundo dados da *C. C. G. B.*; *DOP.* dá-lhe 30 Klms.

ITAPORÊ. — E' tambem conhecido por este nome o arroio Itacorá, no municipio de S. Borja. Não achamos etymologia conveniente; perece, porém, corr. *ita-pora-eyma*, pedra do sertão.

ITAPORORÓ — corr. *ita-pororoca*, a pedra estrondante ou que arrebenta fazendo ruido.

Arroio, nasce na Cochilha de seu nome e corre para NNO. até sua barra no Ibicuhy, 3 Klms. acima do Passo da Canoa, depois de um curso de 44 Klms. segundo os dados da *C. C. G. B.* *DOP.*, que o registra com o nome de *Vitalina*, dá-lhe cerca de 45 Klms. E' o *Guaçú-Boi* de Cunha Lopes; o *Ibirocay-Mirim*, de *Selbach*, que dá 30 Klms. para seu curso; *Oct. Far.* registra 25 Klms. e *LAF.*, 80!

As antigas cartas de sesmaria o denominavam *Ixingui*. Vid. este nome.

Com o nome de *Itapororó* existem no municipio de Alegrete um districto, o segundo; um cerro, uma cochilha e um porto no Ibicuhy.

ITAPUAN — corr. *ita-poã*, a pedra empinada, o penedo; póde ser tambem corr. *ita-apuã*, a pedra redonda.

Districto (2.º) e morro, no municipio de Viamão. Ponta no Guahyba, na entrada da Lagôa dos Patos, onde existe um pharol aos 30° 22' 24" de lat. S. e 7° 58' 21" de long. O. do Rio de Janeiro; catóptrico; luz fixa; alcança 12 milhas, foi acceso á 1.º de março de 1860.

Os demarcadores de 1759 deram a denominação de Itapuan, ao tributario da margem esquerda do Uruguay, que os Jesuitas em seus mappas de 1722 e 1732, denominam Igua-rarape e que era antes conhecido por Tabaty. E' o Mbutuhy do XIX seculo e actualmente conhecido por Comandahy.

ITAPUCA — corr. *ita-pucú*, pedra comprida, roxa extensa, barra de ferro. Nucleo colonial, districto e povoado no municipio da Soledade.

ITAPUHY — c. *Ytapú-y*, o rio do som do sino; o rio que reproduz o som do sino ou simplesmente — rio do sino. Antiga denominação do rio actualmente chamado dos *Sinos*.

Varias são as versões sobre a origem desta denominação. Ha quem a explique pela natureza do leito do rio, isto é: corruetela de rio sinuoso. Outros pensam que provem do facto de haverem sido encontrados no leito do rio alguns sinos. Essas explicações nunca nos satisfizeram plenamente. A origem, pensavamos, deve ser outra, de uma designação indigena. Em documentos antigos encontramo-lo com o nome

Itapuhy. Entre esses documentos nos occorre agora o alvará de 1809, que dividiu o Rio Grande do Sul em 4 municipios.

Itapuhy, é, como se vê, o primitivo nome do rio em apreço, nome esse que foi officialmente adoptado e que deve ser restabelecido, por amor á tradição.

Sejamos logicos, razoaveis, visto que não dizemos rio dos Jacus, rio das Taquaras, rio da Matta, rio dos Gravatás e sim Jacuhy, Taquary, Cahy, Gravatahy. Alem disso a denominação *Rio dos Sinos* é uma nota dissonante na euphonia nominal do pentario que forma o bellissimo largo do Guahyba. Não devemos continuar quebrando a harmonia desses cinco nomes, tão sonoros e significativos.

O *Itapuhy* nasce no municipio de Conceição do Arroio e corre na direcção geral de L. para O., descrevendo innumeras curvas, até a cidade de S. Leopoldo, cuja parte occidental banha. Ahi se inflecte para S. até sua embocadura no Guahyba, ao N. de Porto Alegre. *Oct. Far.* dá 191 Kms. para seu curso; *DOP*, calculou em 150 Kms.; *Cunha Lopes* e o *C. Engenharia*, em 125, approximadamente.

E' francamente navegavel desde sua barra até S. Leopoldo e nas cheias, até o porto da Taquara, por lanchões.

Banha, alem do municipio onde tem origem, os de Santo Antonio da Patrulha, Taquara, S. Leopoldo, S. Sebastião do Cahy, Gravatahy e Porto Alegre.

Conta entre outros os seguintes tributarios:

Na margem direita: Arroio Grande, Figueira, Rio Rolante, com diversos affluentes e os arroios: Açouta Cavallo, Padilha, Santa Maria, com diversos tributarios que serão mencionados quando tratarmos do municipio da Taquara, Arroio Grande (2.º) Sapyranga, Campo Bom, Sturch, Euzebio, tambem conhecido por Wenitz, Cerquinha, Manteiga.

Na margem esquerda: Caraha, Ferreira, Pesqueiro, Butiá, Guary, Corvo, Pião, tambem conhecido por Thiesen, Padre ou Krause, Carvão, José Joaquim, Cadea.

ITAPUITAN — c. *ita-pitã*, pedra vermelha. Era por esse nome conhecido em 1814, um passo no Ibicuhy, proximo á guarda da Conceição, conforme se vê da concessão de sesmaria feita a Agostinho de Faria.

ITAQUARAXIM — c. *y-taquara-achim*, rio da taquara crespa.

Assim *Varela* escreve o nome de dois arroios tambem conhecidos por *Taquaranchim* e que são tributarios um do Piratiny e o outro do Ijuhy.

ITAQUARARÉ — c. *ita-quarare*, pico da pedra escavada. Linha colonial no Municipio de S. Luiz; ilha do Uruguay, situada no referido municipio.

ITAQUATIA — c. *ita-quatia*, pedra listada ou pintada. Arroio, nasce na Cochilha de Sant'Anna e desagua na margem esquerda do Upamoroty, depois de um curso de 20 Klms.; segundo os dados da *C. C. G. B.* e *DOP.* *Cunha Lopes*, porém, dá cerca de 40 Klms. para seu curso.

Cerro no municipio de Livramento, proximo ao banhado de Cunhaperú, na lat. S. de 21° 2' 20" e long. O. do Rio de Janeiro de 42° 44' 29". Ahi foi plantado em 1862 o marco intermedio n.º 44, da linha de limites entre o Brasil e a Republica do Uruguay.

Desse cerro se aparta uma cochilha para L. que toma o nome de Santo Ignacio e se prolonga até o rincão formado pelos Ibicuhys da Conceição e da Armada.

ITAQUI — c. *ita-ky*, pedra de afiar ou aguçada, segundo *Barb. Rodrigues* e *Th. Sampaio*, que diz não ser correcto se escrever *itaqui*, como geralmente se faz, porque o *u* deve ser sempre liquido depois de *q*. *Alf. Carv.* diz que é corr. de *ita-qui*, a pedra oscillante.

Importante municipio situado na região O. do Estado, na fronteira com a Republica Argentina (Provincia de Corrientes). Sua séde é na bella cidade de seu nome, que se assenta sorridente na cochilha do Cerro, sobranceira á villa argentina de Alvear, na outra margem do caudaloso Uruguay. A cidade de Itaqui teve origem no acampamento de uma guarda de 150 homens ahi destacada em 1821, sob o commando do capitão Pires de Almeida. Foi elevada á cathegoria de parochia sob a invocação de S. Patricio de Itaqui, pela lei provincial n.º 15 de 23 de dezembro de 1837 e á villa em 6 de dezembro de 1858 (lei provincial n.º 419), sendo installada em 30 de março do anno seguinte. Progrediu rapidamente e fez juz a elevação á cidade, o que foi effectivado pela lei n.º 1207, de 3 de maio de 1879.

Os limites do actual municipio de Itaqui são os seguintes: ao N. com o municipio de S. Borja, desde a barra do Butuhy até o ponto em que emerge sua nascente principal e d'ahi por uma linha secca até as nascentes do Itú Mirim; a L. com S. Thiago do Boqueirão, pelo ultimo arroio citado desde suas nascentes até se lançar no rio Itú e depois por este, com S. Francisco de Assis, até sua barra no Ibicuhy, que passa a marcar os limites a S., com Alegrete até a barra do Ibirocay e com Uruguayana, até sua fóz. A O. com a Republica Argentina, pelo rio Uruguay, desde o ponto em que recebe as aguas do Butuhy, até a barra do Ibicuhy.

Os terrenos do municipio são de formação triassica, da época mezozoica ou secundaria. Suas terras são quanto á natureza argillo-calcareas, argillo-silicosas, proprias para a

polycultura. Existem bons campos de criação no Rincão da Cruz e na zona compreendida entre a cidade e o Passo do Mariano Pinto.

O território do município é accidentado a noroeste, ondulado no centro, plano nas margens do Uruguay e do Ibicuihy e pantanoso nas proximidades do leito do Butuihy. Atravessa-o de L. para O. a cochilha do Rincão da Cruz, que divide as aguas que correm para o Ibicuihy das que avolumam as do Butuihy. E' ainda o municipio percorrido por diversos contrafortes da Serra Geral, que ahi toma as denominações locais de *Cochilha dos Mouras* ou *Serra de S. Thiago*, com elevações maiores de 300 metros, e onde o Itú Mirim tem suas cabeceiras. Serra de *Iguariacá*, também conhecida por S. Thiago. Vide aquelle nome. *Cochilha do Espinilho e Cochilha Tuparahy*.

Posição astronomica. — São as seguintes as coordenadas da cidade e de outros pontos do municipio:

Cidade (igreja)	29° 07' 27"	de Lat. S. e 43° 23' 03"	de Long. O.
Cambahy (barra)	29° 07' 10"	de Lat. S. e 43° 22' 30"	de Long. O.
Bororé	29° 01' 09" 6	de Lat. S. e 42° 42' 54"	56 de Long. O.
Aureliano Barbosa	29° 14' 19" 77	de Lat. S. e 43° 41' 47"	68 de Long. O.
Haqui (est. estr. de fer.)	29° 8' 02"	de Lat. S. e 43° 22' 57"	de Long. O.
Passo Santa Maria	29° 23' 20"	de Lat. S. e 43° 29' 40"	de Long. O.
Rodeio (Estancia Nova)	29° 13' 01" 93	de Lat. S. e 42° 43' 08"	85 de Long. O.
Felippe Marques	29° 05' 46" 78	de Lat. S. e 42° 27' 32"	41 de Long. O.
Josephina Dornelles	29° 07' 41" 54	de Lat. S. e 42° 58' 38"	27 de Long. O.
Passo do Mariano Pinto	29° 18' 50"	de Lat. S.	

Hydrographia. — O systema hydrographico do municipio pertence á bacia occidental do Estado. Os tributarios do rio Uruguay são os seguintes:

a) Rio *Butuihy*, que nasce na serra de Iguariacá e corre a principio de N. para S. em um percurso de 26 Klms., isto é, até o ponto em que recebe pela margem direita o Butuihy Mirim, ahi se inflecte para O. até sua fôz. Corre em banhado até receber o primeiro affluente pela margem direita, d'ahi em diante é orlado de matto em ambas as margens até se lançar no Uruguay. Conta os seguintes affluentes no territorio itaquicense: arroio *Uguaboi*, que desce da cochilha do Rincão da Cruz, com 20 Klms de curso; banhado *S. Donato*, que tem origem nos mattos desse nome; banhado *Santo Chrito* que recebe as aguas da sanga *Corticeiras*; banhados *Bororé* e da *Tigana*. *Bororé* é um veneno violentissimo, com que os indios ervam suas flechas. E' o producto do cosimento de umas raizes que colhem nos lagos amazonicos. O preparo cabe ás indias mais velhas, que a isso se consagram com raro estoicismo, visto que varias são as que morrem durante a operação, intoxicadas pelas exalações do veneno. O padre João

Daniel em seu *Thesouro do Maximo Rio Amazonas*, registra interessantes pormenores sobre esse veneno.

b) arroio *Passo das Pedras*, formado pelo banhado Joaquim Nunes e que depois de um curso de cerca de 7 Klms. correndo de L. para O. se lança no Uruguay em frente á ilha Quadrada.

c) arroio *S. João*, correndo na mesma direcção do precedente, com 12 Klms. de curso.

d) *Pintado Grande*, corre de SSE. para NNO. em um percurso de 33 Klms. E' orlado de matto em ambas as margens, desde as nascentes até receber o primeiro affluente da margem esquerda e depois desde a fóz do banhado Pedregal até sua embocadura. Recebe diversos affluentes, se salientando entre elles, na m. d., o banhado *Boa Vista* e o correjo *Pintado*; na m. e. o arroio *Barbosa*, que atravessa o banhado do *Meio* e o banhado *Pedregal*.

e) *Pintado Pequeno*, com cerca de 6 Klms. de curso e que é denominado lagõa *Bonita* pela C. C. G. B.

f) *Cambahy*. Vide este nome.

g) *Cerro*, pequeno correjo com cerca de 6 Klms. de curso, banha a parte S. da cidade de Itaquí. DOP. o denomina *Sanga Itaquí*, e o C. Engenharia, dá-lhe o nome de *Reuno*.

h) *Olaria*, pequeno curso d'agua, proximo á cidade.

i) arroio da *Cruz*, corre de L. para O. até se lançar no Uruguay em frente a ilha de seu nome, depois de um curso de 17 Klms., segundo a C. C. G. B. que o denomina *Sanga Preta*. DOP., calcula seu curso em 12 Klms., aproximadamente.

j) *Sanga da Divisa*.

k) *Restinga*, com cerca de 15 Klms. de curso, corta o leito da via ferrea.

l) arroio *Santa Maria*, com cerca de 9 Klms. de curso, tendo um tributario na m. d., o correjo *Passo Fundo*.

m) arroio *Laranjito*, com cerca de 5 Klms. E' a sanga *Santa Maria* da DOP.

n) *Franquia*, pequeno arroio com cerca de 6 Klms. de curso.

o) *Ibicuhy*. Vide este nome. São seus tributarios no municipio em apreço, o rio *Itú*, e os arroios *Jacuhy* (Vide esses nomes), *Joanico*, que nasce na cochilha do Rincão da Cruz e rumando para S. penetra no banhado de seu nome e o atravessando continua na direcção primitiva até sua barra, depois de um curso de 25 Klms., segundo *Montenegro*. DOP., o confunde com o *S. Francisco*, que tambem desce do Rincão da Cruz e desagua 6 Klms. acima, depois de um curso de 14 Klms., aproximadamente; *Mariano Pinto*, como os precedentes, desce das vertentes meridionaes da cochilha do Rincão da

Cruz e corre para SO. até sua fôz, depois de um curso que *DOP.* calcula em 45 Klms.; *Montenegro*, em 40 O *C. Engenharia*, o denomina *Rio do Salto* e calcula seu curso em 25 Klms. aproximadamente.

Recebe pela margem esquerda as aguas do banhado de seu nome. A *C. C. G. B.* o denomina Banhado Grande dos Pintos.

Ainda como tributarios do Ibicuhy em territorio itaquense existem: arroio *Passinho* ou banhado *Assumpção*, banhados *S. Miguel* e *Bom Retiro* ou *Santa Rosa*.

Existem os seguintes passos neste municipio: Itaqui e da Cruz, no Uruguay; Santa Maria, junto á ponte da via ferrea, Silvestre, proximo á barra do Ibirocay, Laurindo Fortes e Mariano Pinto, todos no Ibicuhy; do Rufino, Don' Anna Hypolito, Botuhy, todos no rio deste nome; Cachoeira, dos Goulartes e Itú, no rio deste nome; Baixo, de Cima e Porteira, no Ibirapuitan; do Emprego e do Canella, no Cambahy.

Existem quatro ilhas no Uruguay que pertencem ao municipio de Itaqui: „*Butuhy*, situada a 20 milhas acima da cidade de Itaqui e separada do Uruguay por um estreito canal; correspondendo ao meio da ilha existe um ilhote que divide o rio em 2 canaes, o primeiro entre a ilha e o ilhote, com cerca de 70 a 80 braças de largura e o segundo entre o mesmo ilhote e a margem esquerda do rio, com 90 a 95 braças; é a 20 braças que começa a cachoeira do Butuhy.“ (*Oct. Far.*).

Ilha *Quadrada*, situada pouco acima do Passo das Pedras; das *Palomas*, a 3 Klms. de Itaqui e abaixo do arroio Pintado Pequeno; da *Cruz*, em frente á barra do arroio do mesmo nome.

Existem no referido municipio os seguintes portos fluviais: Itaqui, Saladeiro Dickson e Pintado, no Uruguay; Santa Maria e Mariano Pinto, no Ibicuhy.

O clima do municipio é saudavel; ahi não existem molestias endemicas. A emperatura maxima absoluta observada de 1914 a 1921, foi de 41,6 em 20 de janeiro de 1917 e a minima de — 3,0 em 29 de maio desse mesmo anno. A media da altura das chuvas, em m/m, foi de 1540,0, segundo as observações feitas de 1915 a 1921.

O municipio de Itaqui que é parte integrante do Estado do Rio Grande do Sul, pertence ao 2.º districto eleitoral, composto de 25 municipios, conforme a lei estadual n.º 3208 de 27 de dezembro de 1916. Pertence á diocese de Uruguayana. E' séde da comarca de seu nome, que é de II entrancia. A primeira comarca de Itaqui foi creada pela lei provincial n.º 799, de 25 de outubro de 1872. Em 1878, lei provincial n.º 1152 de 21 de maio, foi annexada á de Uruguayana. No anno seguinte, lei n.º 1207, de 3 de maio, foi restaurada, em I entrancia.

Em 1911, lei n.º 1779, de 8 de novembro, foi elevada á II entrancia.

O municipio se compõe de 3 districtos administrativos e judiciarios: 1.º Itaquí, com 9040 almas e 567 Kms.² de superficie, creado pela lei provincial n.º 15, de 23 de dezembro de 1837, quando seu territorio pertencia ainda ao municipio de S. Borja; 2.º Itú, com 2946 al. e 3500 Kms.² e 3.º Restinga, com 2194 al. e 800 Kms.², creados em 4 de março de 1858.

O movimento do registro civil em 1922, foi o seguinte:

População em 31-12-922	Nascimentos	Obitos	Casamentos	Natalidade	Nupcialidade	Mortalidade
14 180	349	194	61	24,61	4,30	13,68

Em 1890 a população do municipio era de 7870 almas e em 1900 de 9185. E a calculada para 1910, pelo proc. arith. foi de 10 719.

Sendo a area do municipio de 4867 Kms.², a densidade da população, em 1922 era de 2,91 por Klm.²

O numero de predios existentes no municipio em 1899 era de 1428, sendo 524 urbanos e 904 ruraes; em 1912 aquelle numero se elevou para 1681, sendo 731 urbanos e 950 ruraes. Em 1920 o numero de predios urbanos era de 923, que se elevou para 1926 em 1921 e para 989 em 1922.

A população pecuaria do municipio calculada em 1922, foi a seguinte:

Especie	Quantidade	Valor
Bovinos	298 000	30 396:000\$000
Equinos	66 000	3 300:000\$000
Muares	4 200	378:000\$000
Suinos	6 600	231:000\$000
Ovinos	186 000	3 720:000\$000
Caprinos	2 200	22:000\$000
Total	563 000	38 047:000\$000

Entre os productos agricolas do municipio, figuraram em 1923, milho, feijão e batata ingleza, respectivamente, com 1700, 280 e 30 toneladas.

No quadro da tributação territorial do Estado, em 1921, Itaquí figura entre os municipios do 3.º grupo, isto é, entre os que têm area de 400 00 a 500 000 hectares, da seguinte forma:

Numero de proprietarios	Area em Hectares	Valor venal	Valor medio
749	490 339	35 600:334\$	72\$603

A receita e despesa do municipio no referido anno de 1921, foi a seguinte:

Saldo de 1920	Receita		Total	Despeza		Total	Saldo para 1922
	Ordinaria	Extra-ordinaria		Ordinaria	Extra-ordinaria		
—	292:636\$	267:069\$	559:705\$	269:486\$	271:210\$	540:696\$	19:009\$

Vias de comunicação. — Tanto o Uruguay como o Ibicuihy são no municipio de Itaquí francamente navegaveis. O territorio itaquienense é atravessado de S. a N. pela estrada de ferro *B. Great Southern*, que ahi tem as seguintes estações: Ibicuihy, á margem do rio de seu nome no Klm. 138 e a 27,^m54 sobre o nivel do mar; Xarqueada, ligada ao Saladero Itaquí, por um ramal; Itaquí, na cidade; Parada Cambahy; Tuparahy, Soledade, Recreio, Bororé, que é o mais alto ponto da referida estrada.

Diversas estradas de rodagem cortam o municipio em todas as direcções, ligando a séde com o interior e com os seguintes municipios: á S. Borja, pela estrada de Cima, com 110 Klms.; pela estrada da Serra: á S. Francisco de Assis, 182 Klms.; á S. Vicente, 312; á Cacequy, 311; á Umbú, 322; pela estrada geral Passo Santa Maria, á Uruguayana, 106 Klms., e Livramento 311; pela Encruzilhada das Eguas Marochins, ao Povinho, 124 Klms.; á S. Luiz, 231; á S. Nicolau, directamente, 233, passando por S. Luiz, 271.

O numero de vehiculos registrados em 1922 era de 1372, assim discriminados: automoveis de passageiros 58; carretas de 2 rodas 679, de 4 rodas 4; carros de 2 rodas 75, de 4 rodas 82; carroças de 2 rodas 406, de 4 rodas 6; diligencia de 4 rodas 1; carretões, 10; jardineiras 11; aranhas 4, outras especies 36.

A estação do telegrapho em Itaquí, que é de 4.^a classe e dispõe de um aparelho *Morse simples*, pertence ao 18.^o districto telegraphico. Em 1921 transmittiu 7406 telegrammas, com 122 689 palavras e recebeu 7144, com 135 253 palavras. A receita foi de 24:725\$716 e a despeza de 8:953\$206. A renda do serviço official montou a 6:538\$956.

Em 1923 contava 18 estabelecimentos de ensino, sendo 1 collegio elementar, 3 escolas isoladas, 8 escolas subvencionadas pelo governo estadual; 3 municipaes e 3 particulares.

Eis um quadro da instrucção ahi ministrada:

População do municipio	População escolar	Alunos matri- culados	Coefficiente da pop. es- colar por 1000 hab.	Alunos matricula- dos por 1000 hab.	Alunos matricula- dos para 1000 em idade escolar	Alunos matricula- dos em rela- ção a area do municipio
14 180	2 949	1 198	207,96	84,48	406,59	0,6 por Klm. 2

Sobre a imprensa do municipio a noticia mais antiga que temos é do jornal *Itaquiense*, que ahi appareceu em 1876, e posteriormente do *Alto Uruguay* de 1880 a 1881; *Itaqui*, em 1882; *Uruguay*, 1884 a 1888; *Figaro* 1884 a 1885; *Laterna*, 1885 a 1887; *Gazeta de Itaqui*, 1888, em 1902 ainda era publicada; *Vida Nova*, 1889; *Cidade de Itaqui*, 1889; *Gazeta do Sul*, 1888 a 1889; *Imprensa*, 1890; *Gazeta de Itaqui* (2.^a), 1890 a 1894. Em 1902 ahi eram publicaos o *Pharol*, *Razão*, *Folha da Tarde*, *Ordem* e *Gazeta de Itaqui*, e em 1922 o *Jornal de Itaqui*, fundado em 1918 e o *Jornalzinho*, fundado em 1921. Ainda ali foram publicados depois de 1890, mas em época que não conseguimos constatar os seguintes periodicos: *20 de Setembro*; *Ferrão*, *Futuro*, *Verdade*, *Noite* e *Republicano*, que em 1919 ainda era publicado.

Existe na cidade o theatro Prezewoodowski, construido em 1882, com lotação para 550 pessoas.

O edificio do mercado de Itaqui é um dos melhores do Estado; a edificação da cidade muito se recommenda pelo seu valor e bom gosto architectonico; conta alguns palacetes.

ITARARÉ — c. *ita-raré*, a pedra escavada. Bairro da cidade de Santa Maria.

ITAROQUEM — corr. *y-toró-quem*, jorro d'agua ruidoso.

Nome de uma antiga fazenda no municipio de S. Borja e de um lugar, conforme se vê das concessões de sesmaria feitas, em 1815, a José Pereira e a Maria Joanna Pereira da Silva

ITATY — c. *ita-ty*, pedra branca. Pequeno arroio, nasce nas proximidades do povoado de igual nome no municipio de S. Luiz Gonzaga e corre para SSE. até sua embocadura no Piratiny.

ITAYASACO. — Nome porque era conhecida no principio do XVII seculo uma região á margem direita do Ibicuihy Mirim, onde foi depois fundada a redução de S. Miguel e que *Guevara*, citado por *Teschauer*, interpreta por pedra inclinada.

ITU — c. *y-tu*, queda d'agua, o salto a catadupa. Rio, nasce na serra de Santiago do Boqueirão, no municipio deste nome, divisora de suas aguas das do Camaquam do Norte. Corre para O. em um percurso de 75 Klms. e depois para SSO. até sua barra no Ibicuihy, 11 Klms, abaixo da fóz do Ibirapuitan. Seu curso é de 110 Klms., sendo navegavel desde a barra até o passo da Cachoeira.

Serve de limite entre os municipios de S. Francisco de Assis e do Boqueirão, desde a confluencia do Ituzinho até receber as aguas do Itú Mirim, e d'ahi até desaguar no Ibicuihy, entre o referido municipio de S. Francisco e o de Itaqui.

Seu valle, segundo *Montenegro*, „é formado a O. pela Cochilha do Rincão da Cruz ao NON. e NE. pela serra de Santiago e ao S. pelo contraforte da de S. Martinho.“

Nos mappas antigos figura com o nome de Ibipuitan, denominação essa que passou para um de seus tributarios. Vid. esse nome.

Ainda por *Itú* são conhecidos um arroio, affluente do Pratin, no municipio de Santo Angelo e um districto de Itaquí, o segundo.

ITU MIRIM — c. *itu-mirim*, cascatinha, pequena queda d'agua, saltinho. Arroio, proximo ás cabeceiras de seu contra-vertente — o Itacuruby, corre para SSO., servindo em todo seu curso, que é de cerca de 40 Klms., de divisa entre os municipios de Itaquí e Santo Angelo. E' tributario do Itú.

ITUZINHO. — Palavra hybrida, c. *itu* + *zinho*. Nome de dois arroios tributarios ambos da margem esquerda do Itú.

Nascem na serra de Santiago e correm para NO. em um percurso de cerca de 22 Klms. cada um. O primeiro, que serve de limite, em toda sua extensão, entre os municipios de Santiago e S. Francisco, tem sua barra 12 Klms. acima da embocadura do Santa Rosa; e o segundo 7 Klms, abaixo da fóz do Ibipuytan.

ITUZAINGÓ — c. *ytu-çãingó*, salto pendente, salto a prumo.

Impropria denominação dada ao arroio Itambé, affluente do Santa Maria.

A proposito dessa denominação escrevemos o seguinte na *Revista dos Militares* de fevereiro de 1920: „Dissemos acima que é impropria a denominação de *Batalha de Ituzaingó*, e assim nos externando contrariamos a injustificavel tendencia dos modernos escriptores patricios, que copiando inadvertidamente o que escrevem os platinos, preferem escrever *Batalha de Ituzaingó* em vez de *Batalha do Passo o Rosario* ou simplesmente *Batalha do Rosario*. Não damos esta denominação por pueril debilidade patriotica, como, sem fundamento, pensa o coronel argentino Baldrich, mas por amor e respeito á verdade historica e á verdade graphica.

A batalha foi ferida a uns $\frac{3}{4}$ de legua do Passo do Rosario, no valle entre as duas lombadas chamadas cochilha de Santa Rosa, junto á sanga do Barro Negro, que ficou entre os combatentes.

Um pouco acima daquelle passo desagua no rio Santa Maria um pequeno riacho — cerca e 15 Klms. de curso — que nasce no banhado de Inhatium e que era e ainda é pelos habitantes daquelle região conhecido por Itambé, corr. *itã-bé*,

as conchas razas, segundo *Th. Sampaio*. Assim deve figurar nas cartas e dictionarios geographicos e historicos.

Recebe esse arroio, por occasião das cheias, as aguas da sanga do Barro Negro. Os argentinos, porém, chrismaram-no com o nome *Ituzaingó*, impropriamente, porque esse termo que é tupi, significa salto a prumo, salto pendente.

O *Itambé* deslisa, vagarosamente, em terreno plano, entre rasteiro e denso arvoredor, geralmente chamado malto carrasquenho, e fazendo em todo seu leito, de longe em longe, pequenas covas, que mais se salientam por occasião da baixa das aguas. Vem dahi, sem duvida, a denominação de conchas razas, dada pelos indigenas.

A dar-se a batalha um nome local, esse nome tem que ser forçosamente — *Rosario*, pelo qual era então conhecida toda aquella zona.

São de um *suelto*, da autoria do director da mencionada Revista, relativa ao mez de maio do mesmo anno, as seguintes linhas: „Muito se tem escripto sobre o sitio em que, a 20 de fevereiro de 1827, se feriu a batalha de Ituzaingó, do Rosario ou do Passo do Rosario, como já vae sendo chamada, depois dos trabalhos do secretario desta *Revista*, tenente Souza Docca.

Vê-se que nem o proprio nome por que se designa a batalha está isempto de discordancias.“

Ultimamente o Sr. general Tasso Fragoso ao publicar um interessante e substancioso trabalho sobre a mencionada batalha, o denominou *Batalha do Passo do Rosario*.

O dr. J. Resende Silva, aceitou e transcreveu em seu livro *A Fronteira do Sul*, o nosso ponto de vista sobre o assumpto.

No mappa de *Olmedilla*, que é de 1775, figura com o nome — *Ituzaingó*, o actual *Ibicuhy* da Armada.

Oyarvide, reproduzido no Atlas de *Brabo*, tambem assim o denominou. Copiaram-no diversos autores, entre outros *Guedes Monteiro* e *Cabrer*, de quem, segundo o depoimento de *Parish*, Alvear utilizou a *Carta*, que fôra delineada em 1802 e só impressa 50 annos depois.

Verifica-se, pois, que o *Ituzaingó* de 1827 não é o mesmo de hoje.

O mais antigo mappa em que encontramos o nome *Ituzaingó* substituindo o de *Itambé*, é o do general do exercito uruguayo José Maria Reyes, impresso pela primeira vez em Buenos Aires, em 1846.

Saldias, appellidou o *Itambé*, de *Cutizaingó*.

O general Antonio Diaz, na descripção que fez da batalha a que nos vimos referindo e pela primeira vez publicada em *La Nacion* de Buenos Aires, de 20 de fevereiro de 1892, diz

que na marcha de 19 fez o exercito republicano um alto de duas horas „cerca de las quebradas del campo en que se LLAMOU (é nosso o gripho) de *Ituzaingó*.

Flegeiro, ao se referir à increteza do local em que se ferira a batalha, disse: „De nosso lado (argentino) existem verdadeiros disparates graphicos, que revelam descuidos ou ignorancia inexplicaveis.

„Conheço em obras de autores illustres, croquis, em que o systema hydrographico é de pura phantasia.

E a isso se tem inadvertida senão criminosamente copiado no Brasil! E' tempo de acabar com essa heresia geographica.

Singular batalha aquella, em que tudo é falso do lado platino: falso o nome, falsa a victoria tal qual é cantada e falsos os tropheus!

IUVI. — Assim está escripto o nome do rio Ijuhy no mappa de *L'Isle*, de 1703.

IVAHY — corr. *yba-y*, rio das fructas. Rio, nasce na Cochilha Grande, no município de Cruz Alta e corre para SE. até sua embocadura no Ijuhy, depois de um curso de cerca de 80 Klms., segundo *Cunha Lopes*; *Selbach*, dá-lhe 82 Klms. e *DOP.*, 75. Serve de limite entre os municípios de Cruz Alta e Julio de Castilhos, desde a barra do Japépó, até sua fóz.

No mappa de *Cabrer* e no de *Chagas Santos*, figura com o nome — Ibirayepiró.. Assim também o registrou *S. Leopoldo* e *DAS.* escreveu *Ibirayopiró*. Na carta de *Chrockatt* vem mencionado com o nome — Jaguaperó ou Vahy.

IVAIAACÁ — corr. *yba-yacã*, a fructa verde. Cerros situados nas cabeceiras do Ibirapuitan. Pertencem ao grupo da Serra dos Tapes.

Camargo escreveu Ivaiacú e *Mor. Pinto*, o repetiu.

IVIPUITAN — corr. *yby-pitã*, terra vermelha. Arroio no município de S. Borja, segundo *DAS.*

IVIRACOAY. — Assim está escripto o nome do actual arroio Ibirocay, na concessão de sesmaria feita em 1814, á Manoel José Ribeiro de Faria.

IVORÁ — alt. *y-borã*, que é corr. de *yporanã*, agua bonita. Arroio affluente do Soturno, no município de Julio de Castilhos.

IXINGUI — corr. *y-cyn-guri*, arroio do bagre brilhante. Está assim escripto o nome do Itapororó, nas concessões de sesmaria feitas, em 1814, á Manoel Silveira e, em 1815, a Thomaz Ferreira Valle.

IYIA. — Está assim registrado o nome do Ijuhy no Mappa da America Meridional de *D'Anville*.

IYUI. — Assim *Lozano* escreveu o nome do rio Ijuhy, é essa, aliás, etymologicamente, a graphia certa.

Viagem ao Rio Grande do Sul

(Brasil)

por Augusto de Saint-Hilaire
Traduzido por Adroaldo Mesquita da Costa

Capítulo Terceiro

Capella do Viamão. — População da capitania. — Boa Vista. — Administração dos povos das missões. — Palmares. — Negros escravos. — Estancia dos Barros. — Os capitães geraes. — Estancia de S. Simão. — Bujuru. — Mostardas. — Rezes, ovelhas. — Freguezia do Estreito. — Rio Grande do Sul. — Recepção do Conde de Figueira. — Exportações, areias. — A Lagôa dos Patos. — Ganhos excessivos do rendeiro geral. — Baile em casa do sargento mór Matheus da Cunha Telles. — Posição do Rio Grande. — Má educação das moças. — Negociantes em quasi sua totalidade europeus. — Doenças. — A villa do Norte.

Capella do Viamão, 28 de julho. — Choveu e trovejou a noite inteira e chovia ainda esta manhã, quando recebi uma carta do senhor Lemos, ajudante de campo do general, na qual me avisava que este queria partir após o jantar e me convidava para almoçar. Voltei, por isso, ao palácio com toda a minha bagagem, bastante contrariado por ser constrangido a affrontar o mau tempo e os péssimos caminhos. Encontrei o conde almoçando; disse-me elle que havia resolvido partir, porque as chuvas impêdem os habitantes de Porto Alegre de o acompanhar e que se fizesse bom tempo, a metade da cidade se sentiria obrigada a acompanhá-lo até Viamão. Ao descer, encontrei José Mariano á porta do palácio, o qual me disse com muito bom humor que nenhum dos criados do conde queria se encarregar de minha bagagem. Voltei muito triste para casa, maldizendo a fraqueza que tinha tido em não recusar o convite que me havia feito o conde de viajar com elle. Ao

cabo de duas horas, mandou-me elle chamar por um soldado, voltando eu immediatamente a palacio. Minha bagagem já havia partido. Ordenou o conde que me dêssem um cavallo, mandou o carro na frente e puzemo-nos a caminho, acompanhados de vinte officiaes, dos quaes uns nos acompanharam uma legua, outros duas, e meia duzia veiu até aqui. Ia o conde a alguns passos na frente; os que o acompanhavam iam atrás, em silencio, fallando a meia voz. O conde é alegre, sem arrogancia, sem orgulho; põe a seu geito os que vivem com elle; mas a auctoridade absoluta de que se acha investido inspira tanto respeito, que todos se lhe conservam a muito grande distancia e não lhe fallam sinão com o ar da mais profunda humildade.

Tem chovido sempre, desde Porto Alegre até aqui. A noite surprehendeu-nos em caminho; resvalava muito; chegámos, comfudo, sem accidente.

O conde que é bom e não quer ser incommodo a ninguem, não havia dado aviso de sua chegada. Hospedou-se em uma casa, cujo dono está ausente e immediatamente fomos levados á mesa. Parte das mulas chegou depois de nós, mas os conductores nos disseram que dellas havia algumas que não tinham podido caminhar mais, que estavam longe e que entre essas se encontrava a que trazia as minhas malas; foi preciso mandar outras mulas par substituir as primeiras e a minha bagagem chegou toda molhada. Sem duvida não será este o ultimo contratempo que lhe acontecerá. Só desejo salvar este diario e o livro de botanica; sacrifico todo o resto. O carro do conde chegou mais tarde ainda que a minha bagagem e os creados nos disseram que os cavallos haviam chegado a muito custo.

Nesta capitania, todos têm grande numero de cavallos; mas não se lhes dispensa o menor cuidado; não ha milho para se lhes dar e, nesta estação, em que as pastagens são pessimas, estes animaes ficam magros e enfraquecem. Para a menor viagem é preciso, por isso, levar-se grande numero de cavallos de muda, ou então, ao passar por uma estancia, deixar-se ali o cavallo e tomar-se outro. Fazem pouco caso dos cavallos, não os pegam e os estancieiros conhecem os que lhes pertencem sómente pela marca.

Já havia atravessado a região que percorri hoje; é, como já o disse, accidentada, de pastagens rasteiras, semeada de capões. Nos pontos mais altos vêm-se casinhas, de quando em quando, e nos arredores destas, campos protegidos do gado por fôssos profundos, cercados do lado opposto por uma sébe de cactus. Em todos estes ultimos dias, via-se em Porto Alegre a fumaça das pastagens á que se havia posto fogo do outro lado do lago. E' nesta estação que se faz isto cada anno.

As oliveiras dão muito bem nos arredores de Porto Alegre e ahi, comi azeitonas deliciosas; comtudo, isto até agora só é objecto de curiosidade; mas quando a população augmentar e as terras estiverem mais divididas, a cultura da oliveira poderá tornar-se para esta região uma nova fonte de riqueza. A falta de braços impêde actualmente que os brasileiros aproveitem todos os recursos que o paiz offerece, mas é bom que os conheçam, para que possam aproveitá-los quando chegar o momento.

Segundo os dados que me foram fornecidos pelo senhor José Feliciano Fernando Pinheiro, que é inspector da alfandega e se occupa actualmente com a publicação de uma Historia da Capitania, a população desta se eleva a 32 000 brancos, 5399 homens de côr, livres, 20 611 homens de côr, escravos e 8655 indios. Nas missões em particular contam-se 6395 indios e 824 brancos (!). Tudo isto está de accôrdo com o que me tem sido contado por outras pessoas.

Boa Vista, 29 de julho de 1820, 6 l. — O tempo, hoje, estava ainda ennuviado, comtudo não choveu. Percorri a primeira metade do caminho a carro, com o conde, e o resto a cavallo. Logo que o carro se pôz em marcha, comecei a lêr ao conde alguns artigos da *Biographia dos homens vivos*; a seguir vinham os commentarios, as anedotas e foi assim que se passou o tempo.

Pouca cousa terei a acrescentar ao que já escrevi sobre esta região. As pastagens continuam cinzentas e aridas; nunca se vê ahi uma só flôr. Esquecera-me de dizer que cerca de tres quartos de legua de Boa Vista o caminho atravessa um pequeno lago que se chama *Lagoa da Estiva*; nas proximidades ha immensos pantanos.

Disse-me o conde que os povos das Missões eram administrados da maneira seguinte: Os homens e as mulheres trabalham para a communitade; armazenam-se os productos; distribue-se a cada familia o de que esta necessita para o consumo, vende-se o resto e emprega-se o producto na aquisição de instrumentos de ferro e de vestuario que se partilham. A administração da communitade está entregue a um *cabildo*, composto de indios e dirigido por um portuguez. Este systema de governo é precisamente o que havia sido adoptado pelos jesuitas, mas o interesse desses padres era o dos indios. Os administradores, pelo contrario, que são sempre gente tirada do nada, sem honra e sem probidade, só cuidam de se enriquecer a custa desses desgraçados. Nenhum homem que se préza, apresenta-se para occupar tal logar, porque os vencimentos são insignificantes e o cargo não dá nenhuma consideração.

Boa Vista, 30 de julho. — Passámos aqui todo o dia. Fiz um longuíssimo passeio, mas não me adiantou quasi nada.

Os campos são aridos e é raríssimo encontrar-se ahi uma flôr. Os arredôres de Boa Vista apresentam uma immensa planície e algumas lombas. O terreno offerece pastagens no meio das quaes vêm-se capões, cujas arvores são só *Tillandsia, usneoides* e de uma outra especie. Os logares baixos actualmente estão cobertos d'agua. As plantas que dominam nestes pantanos são um grande *Eryngium*, cujas folhas picantes se assemelham perfeitamente ás das Bromeliaceas, e um *Eriocaulon* de folhas largas.

Havendo eu me perdido, dirigi-me a uma casa que via ao longe; encontrei ahi uma mulher que trabalhava acororada em um pequeno estrado. Recebeu-me com muita delicadeza, mas sem levantar-se e deu-me um criolo para me ensinar o caminho. Apenas encontrámo-nos sós, patenteou-me esse homem a sua admiração por andar eu a pé. Nesta região, a gente mais pobre, os proprios escravos não dão um passo sem ser a cavallo.

Encontra-se uma porção de plantas europeas nas ruas de Porto Alegre, nos arredôres da cidade e até aqui em redôr da casa; agora estão sem flores; creio, no entanto, haver reconhecido com segurança o *Conium maculatum*, o *Rumex pulcher*, a *Urtica dioica*, o *Guarium Robertianum*, um *Linum*, a *Alsina média*.

Palmares, 31 de julho, 6 l. — Durante toda a viagem encontrámos uma planície immensa, coberta de pastagens em que estão disseminados, de longe em longe, alguns capões. Afóra os dois *Oxalis*, n.º 1811 e 1814 *bis*, não vi, absolutamente, nenhuma flôr ahi. Até a estancia em que parámos, não me recorde de haver visto outra casa senão a de Capivary. Tira ella o nome de um rio que corre perto e desagua na Lagoa dos Patos. Este curso d'agua é navegavel desde a casa de que fallei e por conseguinte muito util aos agricultores que moram ás suas margens. E' por este rio que o dono de Boa Vista recebe de Porto Alegre as cousas de que necessita e é por elle que pretende mandar para alli os seus couros curtidos. Outrora havia uma ponte sobre o Capivary, junto á casa do mesmo nome, mas está quasi completamente cahida.

Nas circumvizinhanças da estancia de Palmas, as pastagens são rentes ao chão, o que sempre acontece perto das moradas, porque é principalmente ahi que o gado pasta. As construcções desta estancia comprehendem umas choupanas esparsas e a casa do proprietario, que é coberta de telhas, porém pequena e de um só andar. O interior é quasi desguarnecido de moveis, não offerecendo nenhuma commodidade.

Dizia-nos, no entanto, o dono da casa que possuia 10 a 12 mil rezes, o que constitue um capital de cerca 250 mil francos e presuppõe ao mesmo tempo a existencia de escravos e de um grande numero de cavallos. Parece, em geral, que esta capitania é muito rica, mas não se encontra nem no mobiliario das casas, nem no modo de viver dos habitantes, cousa alguma que denuncie tal riqueza. Diz a maior parte dos estancieiros que, sem diminuir o numero de seu rebanho, pôde um proprietario vender cada anno a quinta parte das rezes que lhe povoam a fazenda. Outros estancieiros opinam que se pôde ir até á quarta e até mesmo á terça parte. Penso que a diversidade de logares deve influir muito na reproducção e, por conseguinte na quantidade de rezes que se pôdem vender annualmente. As vaccas começam a dar cria aos tres annos.

Como já o disse, os habitantes do Rio de Janeiro que estão desgostosos de seus escravos, vendem-n'os para esta capitania, e quando se quer assustar um negro, diz-se-lhe que vae ser enviado para o Rio Grande. No entanto, não ha talvez no Brasil, logar algum em que os escravos sejam mais felizes que nesta capitania. Os senhores trabalham da mesma maneira que os escravos; conservam-se menos afastados delles e testemunham-lhes menos desprezo. O escravo come carne a vontade; não se veste peiôr que alhures; nunca anda a pé; sua occupação principal consiste em galopar no campo, o que constitue um exercicio mais são do que fatigante; emfim, faz sentir, sem descanso aos animaes que o cercam uma superioridade que o consôla da baixeza de sua condição e o eleva um pouco aos seus proprios olhos.

Estancia dos Barros, 1.º de outubro, 5 l. — Continuação da mesma planicie, sem a menor ondulação de terreno, com muito poucos capões. Nos arredôres de Palmares, butiaseiros numerosos, esparsos aqui e alli pelas pastagens, tendo todos cerca de 10 a 12 p. Por toda parte o terreno é arenoso.

Vimos apenas uma casa entre Palmares e a estancia em que parámos. Esta é menos rica em rebanhos que a de Palmares e a casa é ainda mais sem conforto. Desde Palmares, viajámos sobre a lingua de terra que se estende entre o lago e o mar. Aqui, esta peninsula, informaram-me, tem só tres leguas de largura.

Os capitães geraes representam o rei em suas capitánias e se acham investidos dos mais amplos poderes. Sua auctoridade é ao mesmo tempo militar, administrativa e judiciaria e não ha nenhum posto acima delles. Comtudo esse cargo é temporario e quando deixam as capitánias, reassumem o que tinham dantes.

Disse-me o conde haver prohibido ao cura de Porto Alegre enterrar cadaveres na egreja. — Ha em Porto Alegre tres olarias de alguma importancia. Os tijolos são bem feitos e a maior parte colorida de encarnado, como os de Santa Catharina, mas são muito menos finos. São feitos de uma argila preta que se extráe dos terrenos pantanosos proximos á cidade e que fica amarellenta, ao coser-se.

Ao deixar Porto Alegre, a violeta e varias especies de narciseas florião nos jardins; vi ahi outras flôres, mas em pequena quantidade e pôde-se affirmar que haviam apparecido fóra da estação. Comtudo, em regra, ha aqui muito menos regularidade que em França na successão das plantas de ornamento, o que provém do facto de o anno tambem não se dividir regularmente entre o frio e o calor. Enquanto estive em Porto Alegre, soffremos calôres muito fortes e logo depois um frio vivissimo. As fructas amadurecem em dezembro, janeiro e fevereiro; succedem-se mais ou menos na mesma ordem que na Europa, comtudo seu amadurecimento se opera primeiro, acontecendo comerem-se ao mesmo tempo fructas que, em França nunca apparecem no mesmo mez.

Estancia de S. Simão, 2 de agosto, 10 l. — Continuação da mesma planície, quasi nenhuma arvore nos campos, nem a menor ondulação de terreno. A cinco leguas da estancia dos Barros encontrámos uma choupana. O terreno por toda parte é arenoso, mas o é muito mais ainda, em redór desta casa. Os campos estão ainda mais resequidos que nos dias precedentes. Durante oito mezes, não choveu e o gado tem soffrido muito. Desde Boa Vista não encontrámos um unico viajante; aquelles que vão de Porto Alegre a Rio Grande têm o costume de embarcar no lago, o que faz com que este caminho seja pouco frequentado.

A uma legua d'aquí, deixámos á direita a *Estancia dos Povos*, que tem doze leguas. Pertencia ao rei mas este presenteou-a ao chefe de policia, Paulo Fernandes. Não conhecia o rei, por certo, o valor daquillo que doava, nem provavelmente Paulo Fernandes o do presente que recebeu. A' noitinha chegamos ao logar onde parámos. Comquanto não tenha o conde mandado prevenir a ninguem de sua chegada, para não incommodar os agricultores, adivinham os sitios em que vae parar e encontramos as casas preparadas para recebê-lo.

Nesta capitania, cultiva-se muito a mandioca; esta planta produz ao cabo de dois annos; perde as folhas no inverno e na entrada desta estação tem-se o cuidado de cortar-lhe os ramos. Não a cultivam na península que se estende entre a Lagoa dos Patos e o mar. Aqui o mamoneiro perde as folhas. No quintal de todas as estancias por onde passámos, vejo

muitos pés de sabugueiros; agora se estão cobrindo de folhas novas. Fazem-se cercados com elles, attenta a rapidez com que se desenvolvem.

Bujurú, 3 e 4 de agosto, 20 l. — José Marcelino, governador desta capitania, tinha mandado vir indios do aldeamento das Missões, para os estabelecer perto de Porto Alegre, na Aldeia dos Anjos, onde se devia instruir a juventude dos dois sexos. Afim de attender ás despesas deste estabelecimento creou elle a estancia dos Povos. Como já disse, esta estancia foi doada pelo rei a Paulo Fernandes, chefe de policia. Contam-se 12 000 rezes e no entanto o titulo da doação diz que ella é apenas o começo das recompensas que o rei destina ao chefe. Desde São Simão até aqui, continuámos a atravessar uma região muito plana e arenosa, coberta de pastagens muito magras.

A cinco leguas de São Simão encontra-se a villa de Mostardas, séde de uma parochia que se estende sobre o isthmo em uma extensão de 25 leguas, comprehendendo 1500 habitantes de mais de dois annos. A villa está edificada no meio das areias e se compõe de quarenta casas, mais ou menos, que formam uma rua muito larga e muito curta, em cuja extremidade está a egreja, situada a uma egual distancia das duas filas de casas. Entre estas algumas ha cobertas de telhas, mas a maior parte são apenas pobres choupanas. Em frente a Mostardas, do lado de oéste, ha um lago que tem o mesmo nome da villa. E' muito piscoso, mas como ahi só se encontram peixes d'água doce, que têm muitas espinhas, como a trahira, os habitantes da região, acostumados a comer carne, desdenham-n'os.

O proprietario de Palmares acompanhou o general e só nos deixou ante-hontem pela manhã. O commandante do districto, em cuja casa pernoitámos hontem, acompanhou-nos tambem até á estancia de São Simão. O cura de Mostardas só tinha vindo ao nosso encontro a um quarto de legua, mas havia preparado um excellente jantar. Mostrou-nos a egreja, cuja capella-mór, recentemente construida, é muito bonita. A nave é muito mais antiga e está cahindo, em ruinas, mas pensam em reconstruil-a.

Não se planta mandioca na parochia de Mostardas, mas, em compensação cultiva-se ahi trigo e centeio. O gado, em geral, é ahi pequeno, mas a carne é de um sabor especial. As ovelhas constituem a principal riqueza do lugar. Cada estancieiro possui um rebanho que se constitue muitas vezes de varios milhares de cabeças, e com a lan as mulheres fabricam no teiar ponchos muito grosseiros que se vendem no lugar a 6 patacas e se exportam para Porto Alegre, Rio Grande e

outros logares da capitania. Estes ponchos são brancos com listras escuras ou pretas e são usados só pelos negros e indios.

Dizem no logar que as ovelhas dão cria duas vezes ao anno, em maio ou junho e em seguida em dezembro ou janeiro; mas é de se crêr, como muito bem m'o disse o commandante do districto, que as que dão cria em junho não são as mesmas que dão cria em janeiro. Como os rebanhos vivem entregues a si proprios, não se pôde ter sobre isso certeza completa. A lan dos carneiros e das ovelhas paridas corta-se em outubro, mas tosqueia-se em março a dos cordeirinhos de junho. Castram-se os cordeiros com seis mezes de idade pela supressão completa dos testiculos ou com um e mais annos pela torsão dos vasos espermaticos. Como já disse, não ha o menor cuidado com os rebanhos, não se vigiam e a unica precaução que tomam com elles é a de os collocar em pastagem abrigada nas proximidades da casa. Perde-se, por isso, grande numero de cordeirinhos; mal as ovelhas dão cria e já os urubús e caracarás se atiram sobre as crias e comem-lhes os olhos se não são defendidas corajosamente pelas mães. Morrem muitas dellas tambem por não poderem acompanhar o resto do rebanho em que se acham confundidos.

Após deixarmos Mostardas, deparou-se-nos logo á esquerda um lago que tem o nome de Lagoa do Peixe, mas que se não vê quando se caminha pela estrada. Andavamos assim entre duas lagoas, a de Mostardas e a do Peixe. Fizemos alto em casa do commandante do districto denominado Guaritas, mas não pude escrever este diario hontem, á tarde, porque as mulas de carga se desgarraram e só chegaram á meia noite. A Lagoa do Peixe se estende por detrás da casa em que nos hospedamos; é pouco profunda e a agua, salobra. Como fica muito proxima do mar, os moradores daquelle sitio têm o costume de abrir de quando em quando um sangradouro que communica com o Oceano; a lagôa enche-se de peixes que se pescam sem nenhuma difficuldade. Nas circumvizinhanças de Guaritas, as terras são impregnadas de sal e as pastagens transmittem um sabor muito bom á carne das rezes.

O tempo tem sido horriavel, hoje, mas não tenho soffrido nada, porque viajo no carro do conde.

Parámos em casa de um capitão cuja casa é pequena, mas commoda. Em todas ellas ha poucos moveis, não posso, porém, deixar de admirar os leitos. Os lençoes são muito finos, enfeitados de musselina bordada; as cobertas, as cobertas dos pés, são de chita e a do conde sempre de damasco. Em todos os logares servem-nos a comida logo ao chegarmos; a refeição se compõe unicamente de carne: são aves domesticas e carne de vacca que apparecem sob varias fórmãs, assadas, cosidas

ou em guisado. Em parte alguma comemos legumes, a não ser em Barros, onde nos deram um prato de nabos excellentes. A carne é succulenta e de bom paladar, mas como se come, logo após carneada, é sempre muito dura. Por toda parte servem-nos pão e vinho excellentes.

Freguezia do Estreito, 5 de agosto, 6 l. — O terreno é sempre muito uniforme e arenoso. As pastagens que o cobrem são rentes ao chão e disseminadas, como as dos arredores de Porto Alegre, dos dois Oxalis, ns. 1811 e 1814 *bis* e da Composita n.º 1846. Do lado de léste, parallelamente ao caminho, estende-se uma ouréla de mattos magros e acaçapados. Vê-se ahi maior numero de casas que em todo o resto do caminho.

Todos os agricultores queixam-se da secca que tem feito, desde oito mezes atrás; os animaes só encontram no campo herba resequida; estão muito magros e cada dia encontra-se grande numero delles, mortos nos campos.

A algumas leguas d'aqui, o isthmo estreita-se consideravelmente. Não tem mais de meia legua de largura e do caminho se avista a Lagôa dos Patos. Parámos em uma aldeióla que tem o nome de Freguezia do Estreito, porque está situada no lugar mais estreito do isthmo e é séde de uma parochia. O cura veio ao encontro do general e ao appoximarmos-nos soltaram foguetes. As primeiras casas que vimos acham-se situadas á beira do caminho e quasi enterradas na areia. Quando o general apeiou do cavallo, o cura levou-o á igreja, que não está ainda terminada e nada tem de notavel. Em seguida levou-nos á sua casa, e emquanto esperavamos o jantar, levou-nos a passear no jardim, onde vimos um bellissimo parreiral e differentes especies de legumes, chicorea, cebolla, mostarda, nabos, que dão perfeitamente nesta região, aipo, couve, brocolos e até couve-flôr. As narciseas, as violetas e os pessegueiros estão em flôr, agora. O jantar foi muito bom e compunha-se de carnes, peixes e legumes. A' noite houve illuminaria.

A villa do Estreito era outróra situada um pouco mais para léste, mas como as casas têm sido enterradas pelos turbilhões de areia que o vento traz, sem cessar, das praias do mar, transportaram-n'as para o lugar em que se encontram actualmente e onde, sem duvida, terão em breve a mesma sorte. São em numero de quarenta, afastadas umas das outras, pequenas e em geral em muito máo estado. Têm estas casas o tecto de palha bastante alto e são enfileiradas em torno de uma grande praça coberta de relva. Quasi todas são habitadas só aos domingos e dias de festa. A parochia do Estreito estende-se desde a de Mostardas até á extremidade do isthmo e tem 19

leguas de extensão sobre uma largura pouco consideravel, que é a do proprio isthmo. Dois terços da população são escravos, o que não deve causar admiração, pois o Norte, que faz parte da parochia, é o porto do Rio Grande do Sul.

Rio Grande do Sul, 6 de agosto, 6 l. — Em seguida á parochia do Estreito, o isthmo se alarga; o terreno é sempre arenoso e coberto de capim rasteiro ao chão. Vêm-se ahi muitas rézes, porém excessivamente magras. As choupanas continuam sendo muito frequentes. A uma meia legua do Norte, o tenente-general Marques, que commanda a parte mais oriental da fronteira, veio ao encontro do general acompanhado das pessoas gradas da villa. Como ahi só estivemos de passagem, não poderei dar uma descripção minuciosa. Faz parte, como disse, da parochia do Estreito e a igreja é apenas uma succursal.

Atravessámos duas ruas largas, bem alinhadas, cujas casas, contiguas, são muito bonitas e se acham em bom estado; muitas têm um andar além do pavimento terreo. Caminhando-se pelas ruas, enterram-se os pés até os tornozelos numa areia muito fina trazida pelos ventos. A' entrada do conde, na villa, soltaram foguetes, repicaram os sinos, dirigindo-se elle para a igreja. O conde foi ahi recebido pelo cura que nos havia acompanhado desde o Estreito até lá. Haviam nos preparado um jantar, mas o conde quiz passar ainda mesmo á tarde para o Rio Grande do Sul. Embarcámos em uma barca conduzida por varios remadores vestidos de branco que, de quando em quando, gritavam: Viva o conde de Figueira, viva este que era repetido pela equipagem dos navios que se achavam no porto. Era já noite quando chegámos ao Rio Grande. O conde foi recebido no caes da cidade pelos membros da Camara, todos trajando calças, collete e sobre-casaca e de bengala. Tanto quanto me foi possivel vêr á noite, o caes tinha sido muito bem ornamentado. No meio da ponte que existe ahi, levantaram um pequeno arco de triumpho e na ponta da mesma ponte ergueram dois immensos pedestaes encimados cada um por uma estatua. Estes differentes trabalhos são de madeira e de panno pintado, e foram executados por um francês. Debaixo de um pallio foi o conde levado á igreja, que logo se encheu de gente e fizeram-n'o sentar em uma poltrona na capella-mór. Esta estava enfeitada com faxas de damascó encarnado como nos maiores dias de festa e os degraus do altar-mór estavam cheios de uma quantidade immensa de velas accesas; cantou-se um Te-Deum com musica e quando começou este, deram aos principaes assistentes, principalmente aos officiaes, cirios accesos. Após o Te-Deum,

um pregador subiu ao pulpito e fez o panegyrico do conde. Fallou longamente de seus nobres antepassados, de seus nobres avós; repetiu cem vezes que o vencedor de Taquarembó possuía todas as virtudes; disse que o conde era um original sem copia, que o povo estava contente e satisfeito e mil outras lisonjas igualmente grosseiras e mal expressas. Durante esse tempo todo, ficára exposto o Santissimo Sacramento, mas a assistencia não estava por isso mais respeitosa e conversava pouco mais ou menos como num mercado.

Depois do discurso, o padre deu a benção e o conde dirigiu-se para a casa do tenente-general Marques, para onde fomos tambem. Fomos recebidos em um lindo salão e logo depois nos fizeram passar para uma sala de refeição onde nos serviram um esplendido jantar. A mesa estava coberta de varios pratos com carnes, guisados e acepipes de toda especie. Um segundo serviço, composto de assado, salada e massas, succedeu ao primeiro; retiraram a carne e accrescentaram novas massas ás primeiras. Em seguida levantamo-nos da mesa e fizeram-n'os passar a uma outra peça, onde encontramos uma sobremesa magnifica de bonbons e doces de toda qualidade. Não havia outra fructa senão laranjas de qualidade deliciosa, que se chamam *embigudas*; vêm da Bahia. Depois da sobremesa serviram-nos o café, depois os licôres. Durante todo o jantar, haviam sido já feitos muitos brindes; continuaram com os licôres. A reunião prolongou-se muito pela noite a dentro e a maioria dos convivas estavam mais do que *alegres* quando se retiraram. Não me constrangi em admirar a mulher do tenente-general, que, com setenta e quatro annos, acompanhou todos os brindes, bebeu mais que todos, comeu da mesma fórma e conservou todo o juizo e uma vivacidade de prompta resposta, rara entre os moços. Os portuguezes e os brasileiros, quando bebem vinho, bebem-no sempre puro, e nos grandes banquetes, o nocivo costume de erguer brindes excita-os a tomarem-no em excesso.

Rio Grande do Sul, 7 de agosto. — Todos estavam hoje tristes e fatigados. Fui fazer uma visita á mulher do tenente-general, que é talvez a unica de todos os convivas da ceia de hontem á noite, que não parece se resentir della. Além desta visita, fiz outra ao cura do Rio Grande que sabe o francês e não é absolutamente estranho á historia natural. Tem elle em casa uma sobrinha que tem tambem gosto por esta sciencia e que aprendeu sem mestre a fallar a nossa lingua.

Como me é absolutamente impossivel ter todo o meu mundo e a minha bagagem na casa que occupamos e que esta

atravancada, pedi ao cura que me consiga uma casinha em que me possa instalar quando Laruotte chegar. Pedi-lhe tambem que me descobrisse um moço capaz de apprender a preparar os passaros, porque José Marianno me veio dizer que queria deixar-me e embarcar-se para o Rio de Janeiro. Deixame, diz elle, porque deixaram-no morrer de fome desde Porto Alegre até aqui; affirma que os creados do conde nunca o chamavam para jantar e que, quando vinha carne para os soldados, era preciso, para obter sua ração, precipitar-se sobre ella como os urubús sobre a carniça. E' absolutamente possível que tudo isso seja verdade, mas creio que o máo humor de José Marianno provém tambem, em grande parte, de não ter podido governar seus companheiros de viagem como estava habituado a governar a minha pequena caravana.

Rio Grande do Sul, 8 de agosto. — Esta manhã José Marianno entrou no meu quarto e pediu-me a minha roupa para limpá-la. Tal delicadeza, á que não estive nunca acostumado, faz-me presentir que já não deseja deixar-me.

Disse-lhe que já havia tomado informações sobre outra pessoa e que por isso era mistér que me dissesse seriamente quaes eram as suas tenções. Respondeu-me, então, que continuaria a acompanhar-me, mas com a condição de eu o desculpar junto ao seu coronel. Para se fazer valer, diz elle, realmente, que é soldado do regimento de cavallaria da capitania de Minas. Finjo me haver esquecido de havel-o apanhado na rua, de pés descalços e prometti-lhe tudo o que quiz.

Desde que deixámos Porto Alegre, o tempo tem sido sempre nebuloso, como em França no mês de dezembro, e hoje está ventando muito. Segundo me informou o cura e outras pessoas, o vento é aqui impetuoso durante todo o anno; os de oeste e sudoeste são os mais frequentes, durante o tempo do frio, levantam redemoinhos de uma areia fina que penetra até nos moveis mais bem fechados, enche as ruas e já encobriu um grande numero de casas. No verão, domina o nordeste que varre grande parte das areias que se amontoam durante o inverno. Todos os legumes e arvores fructiferas da Europa dão muito bem a algumas leguas do Rio Grande, mas os ventos derrubam muitas vezes as flôres das arvores e desprendem as fructas novas.

Rio Grande do Sul, 9 de agosto. — A cidade do Rio Grande está situada cerca de uma legua da barra da Lagôa dos Patos, á entrada de uma especie de enseada ou canal que se estende na direcção de leste a oeste e fica comprehendido entre a terra firme e uma ilha denominada Ilha dos Marinheiros (vêde o artigo de 16 de agosto). Do lado de oeste, existe apenas entre a ilha e a terra firme uma passagem estreita, navegavel

unicamente para as pirógas. Passeei hoje pelos terrenos que ficam a léste da cidade, entre esta, a Lagôa, o Rio Grande¹⁾ e a Lagôa Mangueira. São muito planos, pantanosos, um pouco banhados de aguas salgadas, constituídos de areia e de uma terra muito preta, e cobertos principalmente de gramineas e do *Salicornia*, n.º 1829. Esta planta é a mesma que se encontra no Rio de Janeiro, no cortume de Siqueira e produz uma excellente sôda da qual S. Lambert fez a analyse logo após nossa chegada ao Rio de Janeiro. E' ella aqui muito abundante e poderia dar margem a um novo ramo de commercio.

Pretendo contar esta descoberta ao barão de Santo Amaro, que tem o projecto de estabelecer em sua propriedade uma fabrica de sabão e que já me pediu informações dos logares em que encontrei o *Salicornia*. Quanto ás gramineas que crescem com ella, não estão em flôr agora, mas presumo que pertençam á especie n.º 1667.

Caminhando-se ás margens da Lagôa, do lado de léste, descortina-se a villa chamada do Norte, que fecha a península que percorri para chegar aqui e que fica mais a léste que o Rio Grande do Sul. Não ha manancial nem fonte em redór do Rio Grande do Sul, mas a alguns palmos da flôr da terra acha-se agua muito boa, da qual se utilizam os habitantes. Quando se abre um poço tem-se a precaução de enterrar uma ou duas cacimbas, afim de impedir que a areia o encubra. Para tirar a agua, servem-se os negros de um corno de boi preso pelo meio a uma vara comprida. Disse-me o cura do Rio Grande que o valor das mercadorias exportadas da provincia o anno passado se elevava a quatro milhões de cruzados; consistem principalmente em xarque, couros e trigo; exportam tambem crinas e chiffres de bois.

Rio Grande do Sul, 10 de agosto. — Quiz ir dar um passeio a pé até o mar, porém, tendo partido muito tarde, não pude fazer a jornada. Fui só até a Mangueira, especie de enseada que se encontra a um meio quarto de legua ao sudéste da cidade e que se estende pouco mais ou menos de léste a oeste num espaço de duas leguas.

Abriram recentemente, através do banhado, um caminho muito largo que vae da cidade á Mangueira. E' ladeado de vallas para o escoamento das aguas. Este caminho ficará bastante agradável se houver o cuidado de plantarem arvores ahi, e seria isso tanto mais necessario porquanto não ha nenhuma nestes arredóres, ficando-se completamente privado

¹⁾ Os quatro rios formam deante de Porto Alegre o que se chama impropriamente lagôa; mas o desaguadouro que a continua e se estende desde São Gonçalo até ao mar toma o nome de *Rio Grande*.

de sombra. Do lado de léste e de sudéste extendem-se, como já o disse, banhados lodosos.

Ao oeste e ao sudoeste, só se vê areia de finura extrema que fatiga a vista pela sua côr esbranquiçada; formam montículos que avançam até as casas situadas atraz da cidade, elevam-se á mesma altura que ellas e ameaçam engulil-as a cada instante. Vi negros que estavam occupados em desentulhar os arredóres da casa de seu senhor, e disseram-me que, sem cessar, eram obrigados a repetir este serviço. Estes montículos de areia se extendem em geral de sul a norte, direcção que resulta da dos ventos que os formam; mas estes mesmos ventos os fazem voar em redemoinhos, augmentam-nos, diminuem-nos, mudam-nos de logar, e no meio delles só crescem algumas plantas pertencentes a diversas variedades do Seneçon alvacento e rasteiro n.º 1853 bis.

Rio Grande do Sul, 11 de agosto. — Em 1818, a quantidade de xarque que sahiu da barra do Rio Grande para os paizes estrangeiros, como Havanna, Estados Unidos, elevou-se a duzentas mil arrobas. Elevou-se a seis tostões (600 réis) por arroba o imposto, que até então tinha sido só de dois tostões (200 réis). Em 1819, a exportação não foi além de quarenta mil arrobas, e julga-se que será ainda menor este anno. Os navios que calam mais de quatorze palmos não pôdem passar a barra.¹⁾ E' pouco profunda deante da cidade do Rio Grande do Sul, para que possam ancorar ahi outros navios que não yachts; os que são mais importantes ancoram deante da villa do Norte, que pôde ser considerada como o porto de São Pedro. E', pois, muito verosimil que esta cidade, que não tem verdadeiramente porto, que está situada no terreno mais esteril, no meio de pantanos e areias, que finalmente está sem cessar ameaçada de ser enterrada por estas, é verosimil, repito, que esta cidade fosse logo abandonada, si não houvessem collocado ahi a alfandega e si não fossem obrigados a levar para ahi todas as mercadorias que chegam do norte.

Descrevi a Lagôa dos Patos como principiando em Porto Alegre, mas isto talvez não seja rigorosamente exacto. As aguas que correm deante desta cidade pertencem em muito grande parte ao Jacuhy, que é infinitamente mais consideravel que os rios Cahy, Sinos e Gravatahy.²⁾

Na verdade, depois de haver corrido muito tempo de oeste para léste, o primeiro desses rios toma a direcção do sul, no logar em que se acha situada a capital da capitania, mas ao

1) Vêde José Feliciano, que diz dezoito a vinte dois.

2) O Jacuhy é muito mais consideravel que os rios Cahy, Sinos e Gravatahy, considerado cada um, em particular; mas creio que todos estes rios juntos levam mais agua á lagôa que o Jacuhy.

formar este cotovello não se alarga repentinamente como pareceria necessario para que se lhe pudesse legitimamente dar o nome de lagôa; ao contrario, até a ponta de Itapoan, que dista umas nove leguas, mais ou menos, de Porto Alegre, elle se alarga progressivamente como todos os rios.¹⁾

O modo pelo qual os moradores da região consideram estas aguas está de accôrdo com o que precede. O rio de que nos occupamos tem realmente o nome de Jacuhy até o lugar chamado Freguezia Nova, que dista umas doze leguas de Porto Alegre, mais ou menos. Na Freguezia Nova, toma elle o nome de Guahyba e o conserva até Itapoan.²⁾

Além deste ponto, são sempre as mesmas aguas que se estendem até Rio Grande e não recebem nenhum outro rio digno de menção a não ser o Camaquam, que vem talvez da Cochilha central; por consequente, seria correcto deixar-se-lhes o nome de rio, considerando-se que uma verdadeira lagôa é uma extensão de agua sem curso que não se communica com o mar?

No entanto, como além de Itapoan, o Guahyba se alarga repentinamente e occupa uma superficie de onze a doze leguas, isto é, ao menos o sextuplo daquella que as aguas cobriam antes, deram-lhe o nome de Lagôa dos Patos, desde Itapoan até Rio Grande.

O Guahyba havia corrido de norte a sul; a Lagôa dos Patos toma a sua direcção de nordeste para sudoeste e se alarga em um espaço de mais ou menos trinta leguas, até a ponta de Cangussú, sem experimentar estreitamento muito sensivel. Em Cangussú ella se contráe, forma um cotovello e até a barra, segue a direcção de norte a sul. E' neste espaço, que póde ter mais ou menos sete leguas, que ella recebe propriamente o nome de Rio Grande.

1) Os rios Cahy, Sinos e Gravatahy não se lançam no Guahyba; mas estes quatro rios se reúnem em um reservatorio commum, em que se distingue perfeitamente a fôz do ultimo d'entre elles; este não descreve nenhum cotovello até a embocadura; mas confina exactamente no reservatorio que se prolonga na direcção da fôz dos rios Cahy, Sinos e Gravatahy. Não é verdade que não haja nenhuma differença notavel entre a largura da fôz do Jacuhy e a do reservatorio em que elle se lança; existe, e até muito sensivel e é esta differença que faz dar ás aguas que se estendem de Porto Alegre a Itapoan um nome particular, algumas vezes o de Lagôa de Viamão ou de Porto Alegre, e mais correntemente o de Rio de Porto Alegre.

2) Algumas pessoas dão o nome de Guahyba ao Jacuhy ainda acima da Freguezia Nova; mas se deve elle mudar de nome, é natural, segundo me parece, que mude no lugar em que augmenta sensivelmente de largura. (Ver sobre tudo isto o que escrevi no dia 18 de junho de 1821).

De Porto Alegre até a cidade do Rio Grande, os navegantes são obrigados, para evitar os bancos de areia e os baixios, a seguir determinada róta que se chama *Canal de Navegação* e mais communmente só canal, que tiveram a precaução de assignalar com balisas até Itapoan. No rio Guahyba, este canal descreve zig-zags e tem geralmente tres braças de profundidade; além de Itapoan, alarga-se directamente de norte a sul, atravessa a lagôa, approxima-se da ponta de Christovam Pereira, que fica á margem direita da lagôa. Entre Itapoan e Christovam Pereira, tem elle uma extensão de mais ou menos nove leguas e quatro braças de profundidade. Desde Christovam Pereira até além da Freguezia do Estreito, continua elle a se afastar pouco a pouco da margem direita da lagôa, sempre com quatro braças; sóbe em seguida para noroeste até a ponta do Cangussú, que fica á margem esquerda, prolonga-se do nordeste para sudoeste seguindo esta mesma margem até a barra do S. Gonçalo e d'ahi, dirige-se para suéste para chegar ao porto da villa do Norte e á barra. Tudo o que escrevi neste artigo é o resultado de algumas informações verbaes e mais ainda do exame de um mappa que o conde de Figueira me emprestou.

Já disse que, até agora, os dizimos da capitania eram postos em hasta publica no Rio de Janeiro. O conde, que desejava esclarecer o rei sobre a perda que ha com semelhante modo de cobrança, colheu informações sobre o preço pelo qual o rendeiro geral cedeu aos sub-rendeiros as differentes porções do dizimo. Resulta d'ahi que para os seis annos de arrendamento o rendeiro geral cobra dos sub-rendeiros novecentos e setenta e um contos e setecentos mil réis, ao passo que paga ao rei sómente duzentos e cincoenta contos. Seguindo o que me informou o conde e o cura, a alfandega produziu seis contos de réis durante o ultimo mez. Disse eu, em data de 10, que seria para se desejar que se plantassem arvores ás margens do caminho da Mangueira, mas como o terreno é montanhoso e impregnado de sal, seria talvez difficil encontrarem-se especies que possam medrar ahi; entretanto parece-me que se poderia tentar com successo a ariciunia que cresce naturalmente em terrenos semelhantes.

Rio Grande do Sul, 12 de agosto. — De accôrdo com o que disse, em data de 10, com referencia ao Guahyba e ao Jacuhy, claro é que mistér se faz mudar alguma cousa em minha descripção de Porto Alegre. Será preciso dizer que o Guahyba, depois de correr muito tempo de léste a oeste, fórma um cotovéllo, muda de direcção e toma o curso de norte a sul; será preciso accrescentar que, á sua margem esquerda e immediatamente acima desse cotovéllo, recebe elle, quasi no mesmo

ponto, as aguas de três pequenos rios navegaveis, que, nascendo na Serra Geral, têm cursos de pequena extensão; que dous dentre elles, o mais occidental, chamado Cahy, e o Rio dos Sinos, que é augmentado pelas aguas do Rio de Santa Maria, vêm do norte, e que o terceiro, Gravatahy, vem do nordeste: que esses pequenos rios são dispostos entre si á maneira de um léque; que, em sua foz, ha um labyrintho de ilhas baixas e cobertas de bosques, por entre os quaes serpeam varios canaes de tal fórma e extensão que se cruzam, se confundem e se dividem alternativamente; que adeante dessas ilhas e immediatamente abaixo do cotovéllo formado pelo Guahyba, a península faz frente á foz dos três pequenos rios Cahy, Sinos e Gravatahy.

Vê-se, á sua margem esquerda, uma península formada por uma collina que avança para o rio, na direcção de nordeste a sudoeste, emfrente da cidade de Porto Alegre e se eleva em amphitheatro do lado da península que dá para o noroeste.

Será preciso mudar tambem alguma cousa na descripção do panorama que se gosa da praça e da rua da Igreja; dizer que do lado do oriente se vê o cotovéllo formado pelo rio, quando elle se dirige para o sul e accrescentar que as aguas que desenhão essa curva se apresentam como um bello rio distincto das aguas vizinhas, pois, em uma enorme largura, não se encontra, sequer, uma ilha.

Além disso, empregando a palavra rio, em lugar de lago, quando me referir ao Guahyba, poderei conservar o resto de minhas descripções.¹⁾ Hoje, soprou um vento violentissimo, nuvens de areia extremamente fina enchiam o espaço; sahí por alguns instantes e fui muito importunado pela areia que me entrava nos olhos e me cobria as véstes. Todas as lojas e vendas estavam fechadas.

Rio Grande do Sul, 13 de agosto. — O sargento-mór Matheus da Cunha Telles, em cuja casa nos alojámos, havia convidado o conde para um baile e, para tal fim, mandára preparar uma grande casa vizinha que não tinha sido ainda habitada. Fomos, ás sete horas, conduzidos para ahi, onde encontrámos reunidas cerca de sessenta mulheres em um salão forrado de papel francês. Estavam todas muito bem trajadas; traziam vestidos de sêda branca, sapatos e meias de sêda; moças e velhas, tinham descobertas as cabeças, os cabellos levantados com um pente e enfeitados com flôres artificiaes.

¹⁾ E' claro que o artigo de 18 de Junho de 1821 torna este completamente nullo.

Tomavam assento em derredor do salão, dispostas em varias filhas de cadeiras collocadas umas adeante das outras. Os homens, muito menos numerosos do que as senhoras, conservavam-se de pé. Os officiaes estavam todos fardados, de calças e botas; os civis trajavam *frack*, camisa de peito pregueado, collete branco, geralmente de sêda, meias de sêda brancas, sapatos de fivêla, emfim, calça branca de sêda ou de casemira. Traziam á cintura esses espadins, de um a um e meio pé de comprimento, usados pelos portuguezes e pelos officiaes da marinha inglêsa e, na mão, um chapéo de três bicos. Varios padres, inclusive o cura da parochia, assistiram ao baile e um delles fazia parte da orchestra: todos estavam de sotaina. O baile começou poucos instantes depois da chegada do conde, mas nunca vi cousa mais insipida. Era preciso, por assim dizer, obrigar os homens a fazer com que as damas dançassem e, com excepção do conde, nenhum cavalheiro lhes dirigia a palavra. Dançaram-se „inglêsas“ e valsas. Entre os portuguezes, esta ultima dança, não é executada com tanta rapidez como na Allemanha e na França; aquelles fazem, na valsa, um grande numero de posições, algumas vezes muito voluptuosas. Uma joven dançou um solo, mas, embora fazendo justiça ás suas graças, não pude deixar de lamentar que uma mãe honesta expuzesse de tal modo sua filha aos olhares de todos. Como não encontrasse pessoa alguma com quem pudesse conversar e como me aborecesse mortalmente, resolvi retirar-me logo que começou o jantar.

Dizia-se, por toda parte, que o general Lecor e o marechal Curado haviam ficado tanto tempo sem agir contra Artigas, porque tinham recebido ordens da côrte e attribuia-se a razões politicas essa inacção da qual murmuravam os soldados. O que ha de certo é que, si essa inacção fosse o resultado de ordens superiores, ella não o poderia ser sempre, porquanto o conde me deu sciencia de correspondencias de Thomaz Antonio, escriptas antes da batalha de Taquarembó e onde o ministro diz expressamente que deu ordem ao general Lecor para pôr em movimento as tropas do general Curado. A avançada idade deste constitúe, provavelmente, a unica e verdadeira causa de sua inacção.

Rio Grande do Sul, 14 de agosto. — O proprietario de uma estancia situada em Camaquã, perto da margem oriental da Lagôa dos Patos, me disse que os algodoeiros médram perfeitamente em suas terras; mas o algodão que elles produzem é de qualidade muito inferior. Os arredores de Rio Pardo e, principalmente, a parochia de Taquary, são, ao que parece, a parte desta capitania que produz mais trigo.

Rio Grande do Sul, 15 de agosto. — Esta capitania é, certamente, uma das mais ricas de todo o Brasil e das mais favorecidas pela natureza. Ella é situada á beira-mar e atravessada por lagos e rios que facilitam os meios de comunicação. A terra, produz, com abundancia, trigo, centeio, milho e feijão e varias experiencias têm demonstrado que todas as arvores, legumes e grãos da Europa ahi dão egualmente bem, si forem cultivados.

Vastas pastagens alimentam innumerous rebanhos e os cultivadores não são obrigados, como os proprietarios de minas e engenhos de assucar, a lançar mão de escravos. Encontam-se, frequentemente, estancias que produzem desde dez até quarenta mil cruzados de renda, e, como os proprietarios têm uma despesa insignificante, sua fortuna deve augmentar rapida e consideravelmente.

Rio Grande do Sul, 16 de agosto. — Já fallei da posição do Rio Grande e o que disse exige alguns commentarios. Esta cidade é construida na extremidade de uma faixa de terra muito estreita que a contorna em uma extensão de duas leguas de léste a oeste e está comprehendida entre a Mangueira e o Rio Grande; cerca de uma legua dessa península foi por mim percorrida.

Como já o disse, encontrei no extremo oriental da mesma terrenos pantanosos que se prolongam em uma estreita orla pelas margens da Mangueira; além disso, vi, apenas, cômodos de areia esbranquiçada e extremamente fina, onde crescem, aqui e ali, alguns pés de cardo (1833 bis). Em todos os logares da península por onde andei, não encontrei, sequer, uma arvore e é mesmo possível que existam no Rio Grande, mulheres que não tenham, tambem, visto outras, além de algumas laranjeiras, pessegueiros e figueiras selvagens plantadas em suas hortas.

Conforme hei dito já, a cidade do Rio Grande está situada á margem de uma lagôa, sobre a faixa de terra a que me acabo de referir, á entrada de uma especie de enseada ou canal comprehendido entre essa mesma faixa de terra e uma ilha, chamada Ilha dos Marinheiros. Entretanto, não é esta que se vê em frente da cidade, mas, sim, uma outra muito menos consideravel, que tem o nome de Ilha dos Cavallos e que achei plana e alagadiça. A não ser uma myrsina, de quatro a cinco pés, mais ou menos, de altura, nenhuma outra arvore nella vingou. Apenas se encontram, ahi, algumas gramineas e o funcho marinho, n.º 1829, e, além destas especies, apenas me recordo de ter visto o cravo de Paris, da espécie cultivada em Cabo Frio, uma umbellifera, a *Tetragonia* n.º 1853 e o Poly-

gonum n.º 1855, cuja haste é lenhosa, mas que, além disso, é notavel por sua semelhança com o *Polygonum ovicular*.

Não estive na Ilha dos Marinheiros, mas todos concordam em que tem ella duas e meia leguas de extensão. E', em grande parte, coberta de mattos e é ahi que se vae procurar o que é necessario no hospital e na caserna. Encontra-se ahi uma agua excellente, cuja qualidade pode bem julgar, pois que della bebiamos á mesa do major Matheus.

O conde estava, hoje convidado para um baile em casa de um dos mais ricos negociantes da cidade. Encontrámos um grande numero de mulheres muito enfeitadas, reunidas em um bonito salão; eram, na mór parte, as mesmas que haviam comparecido ao primeiro baile; possuem ellas olhos e cabellos negros, bella têz e côres bellas; mas, em geral, falta-lhes a graça; esse dom da natureza carece de ser cultivado pela educação e as mulheres desta região não a recebem.

Em todos os pontos do Brasil que tenho até aqui percorrido, não encontrei nem escola nem pensionato para as raparigas educadas no meio dos escravos; desde a mais tenra idade, só têm ellas deante de si o exemplo de todos os vícios e adquirem, via de regra, o habito do orgulho e da baixeza. Ha uma infinidade dellas que não sabe lêr nem escrever: apprendem algumas costuras, a recitar orações que ellas proprias não entendem, e é tudo; as brasileiras são, ainda, em geral, extranhas aos encantos da sociedade e aos prazeres da conversação. Entretanto, nesta região, em que as mulheres se occultam menos do que as das capitánias do interior, têm ellas, é preciso convir, algumas idéas mais; são mais desembaraçadas, conversam um pouco mais, mas que infinita distancia vae, ainda, entre ellas e as mulheres européas?

Entre os negociantes do Rio Grande, encontro, talvez, a mesma indiferença e as mesmas maneiras desdenhosas dos habitantes do Rio de Janeiro. São, em parte, europeus, que nasceram em um meio inferior e que não tiveram educação alguma. Começam por ser caixeiros de lojas e terminam fazendo negocios por conta propria. Como os lucros do commercio são, nesta região, muito consideraveis, não tardam elles, em conseguir fortuna que jámais conseguiriam em sua patria: seu orgulho cresce á medida que vão enriquecendo e chegam, então ao cumulo de comprar á Secretaria de Estado, a Ordem de Christo, que, hoje, nada mais é do que o emblema da riqueza e o fructo da corrupção. Fóra do Rio de Janeiro, não vi, em parte alguma, um tão grande numero de homens condecorados: isso nada mais é do que uma prova da riqueza do lugar.

Rio Grande do Sul, 17 de agosto. — Como o ar desta região é continuamente renovado pelos ventos, certas doenças, taes como as febres intermittentes, são aqui completamente desconhecidas. As mais communs são as dysenterias, as anginas, as doenças de garganta, os rheumatismos, que têm sua causa nas mudanças continuas de temperatura.

Os brasileiros são, em geral, prestativos e generosos; mas o habito de castigar os escravos lhes entorpece a sensibilidade. A esta causa se prende, ainda, uma outra, nesta capitania: a facilidade com que os habitantes podem renovar seus cavalloos os impêde de se affeição a estes, que são tratados sem piedade alguma; vivem, por assim dizer, em matadouros, onde o sangue dos animaes corre incessantemente, em torno delles e, desde a infancia, se acostumam ao espectáculo da morte e dos soffrimentos. Não deve, pois, admirar o dizer-se que elles são, ainda, mais insensíveis do que os seus compatriotas. Falla-se, aqui, das desgraças alheias com um sangue-frio inalteravel; conta-se que um navio naufragou e que a tripulação pereceu afogada, como si se relatassem factos que não interessam a ninguem.

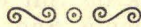
Rio Grande do Sul, 18 de agosto. — Fui, hoje, passear no Norte, aldeia situada, como já o disse, á extremidade da península que separa a Lagôa dos Patos, do mar. Barcos, chamados *catraias*, que andam tanto a rêmo como a vêla, servem para transportar as pessoas que vão do Rio Grande ao Norte ou desta aldeia á cidade.

Os habitantes da região distinguem esses dous logares simplesmente pelos nomes de Sul e Norte, mas a aldeia do Norte se chama, propriamente, São José do Norte e faz parte de uma parochia que tem o nome de *Freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Estreito do Norte de Rio Grande de São Pedro*.

Esta parochia, que abrange, na península, uma extensão de, mais ou menos, dezoito léguas, conta 2000 almas, das quaes dous terços são constituídos por gente de côr, negros e mulatos, livres ou escravos, e um terço de brancos. A metade da população está dispersa pela campanha, o resto habita a aldeia do Norte, que possúe 127 casas.

Esta aldeia é, como a cidade de São Pedro, bastante baixa, cercada de areias, de que até nas ruas se veem pequenos montes. As ruas são largas e em numero de três as principaes. As casas são contiguas, como em nossas cidades; são caiadas e, em geral, bem conservadas; varias têm um andar, além do terreo, e parecem commodas. Entrei em algumas das principaes e as encontrei bastante bem mobiladas. A Igreja é

muito pequena e nada apresenta de notavel. Nada mais é do que uma succursal da da aldeia do Estreito: sob todos os pontos de vista, a aldeia do Norte foi extremamente pouco favorecida pelo governo. Apenas os hiates podem ancorar em São Pedro do Sul e, ao contrario, todas as embarcações que passam a barra podem ancorar no Norte; mas, é em São Pedro que está a alfandega e, por conseguinte, mistér se faz conduzir até ahi, em hiates, todas as mercadorias que chegam ao Norte, mesmo aquellas que, em seguida, devem ser consumidas nesta aldeia. Póde-se facilmente concluir o quanto esses transportes facilitam o contrabando, tendo, além disso, o inconveniente de multiplicar os riscos e as despesas. Entretanto, como o centro de commercio do sul da capitania se acha, de ha muito, fixado em São Pedro, pois os mais ricos negociantes da região têm ahi as suas casas e armazens, fazendo dessa cidade a séde da administração, é claro que não seria conveniente privar-a repentinamente dos privilegios de que, actualmente, goza, ainda que sejam estes contrarios á ordem natural das cousas. Mas, si se estabelecesse uma alfandega no Norte, sem se supprimir a do Sul, o Norte, entraria de novo, sem prejuizos, na posse dos direitos que sua posição parece lhe assegurar, sua população e seu commercio augmentariam a pouco e pouco, os inconvenientes que, hoje, se verificam, cessariam, pelo menos em parte, e nenhum interesse seria sensivelmente lesado.



Geographia imaginaria e sua influencia na Historia

1.

Por muito tempo e até seculos figuraram nos antigos mappas e nos conhecimentos tanto scientificos como populares, ilhas, cidades, paizes que, depois dos grandes progressos da geographia, inteiramente desapareceram. Já muito antes do Eldorado do novo mundo, entrára no numero das existencias geographicas do mappa-mundi de Ptolomeu, o mais remoto monumento cartographico, *Crisè insula*, a Ilha do Ouro, que mysteriosamente vogava nos mappas posteriores e nos mares da India com rumo vario, ora ao oriente de Ceylão, ora na entrada do golfo persico, ora ao oriente da Asia. E que era pois a *Crisè insula*, ou a aurea Insula? Uma vaga miragem, uma tradição ou lenda, uma phantasia nascida da natureza dos mythos solares primitivos e das idéas de substancia da philosophia alexandrina, idéas que inspiraram, como pensa Oliveira Martins, os geographos antigos. Atraz de uma miragem, guiado por uma lenda, foi Vasco da Gama em demanda do Preste e achou a India; atraz da Ilha do Ouro, diz o mesmo historiador foi Eredia e achou (ou um hollandez) a Australia.

Como pesadelo ou noite profunda pesava sobre o antigo mundo o *Mar Tenebroso*, que vendava mais que a metade do nosso globo e mantinha essa acanhada sciencia, cujas noções superficiaes da terra como de uma planicie redonda sobrenadante ao oceano ou cousa semelhante faziam acreditar que os navios em certos pontos do mar desciam um plano inclinado donde era impossivel voltar, si não cahissem no abysmo do fim do mundo.

O Atlantico — foi elle o *Mar Tenebroso* — consideraram-no quasi completamente innavegavel por semeado de escolhos e de pouca profundidade, emquanto as vagas agitadas pelos ventos soltos se elevaram á altura de montanhas e abri-

ram profundos abysmos; quando, porém, presos em grandes cavernas, entrava perigosa calmaria. Povoaram os antigos este mar de prodigios e monstros, fizeram o carro do sol chegar tão perto da zona torrida que queimava tudo e ao mergulhar o disco nas aguas qual ferro em braza commovia-se o mar em terrivel ebulição.

Ainda depois dos descobrimentos portuguezes gozaram de uma existencia imaginaria no oceano ilhas de povos monstruosos, gigantes uns, liliputanos outros ou com orelhas tão grandes que podiam servir de capa ou com beiços tão desenvolvidos que podiam cobrir a cabeça como chapéus de chuva. Os mais audazes navegadores encontraram em toda a parte padrões munidos com legendas e os mappas levavam taes indicando os limites ou o fim da terra que não era licito ultrapassar.

Si estes entes da fertil imaginação desappareceram com a descoberta de Colombo, o novo mundo que, como uma grande maravilha, surgiu do profundo mar, deu origem a outras localidades, ilhas e paizes fabulosos, talvez só com uma differença de que, enquanto aquelles antigos não excitaram a curiosidade ou mandarm cohibil-a, estes da America a estimularam em alto gráo e não pararam nisso: originaram diversos factos historicos como expedições, viagens e entradas de bandeirantes que, apesar de rodeadas de perigos e cheias de inauditas privações e resultados continuamente fallazes, seduziram multos aventureiros, até governadores e exercitos e ainda em nosso tempo uma ou outra lenda revestida de nova forma exerce sua influencia não só sobre individuos, mas sobre nações rivaes.

Porem não anticipemos esse assumpto; enumeraremos e descreveremos primeiro umas localidades phantasticas para depois investigarmos a influencia que umas exerceram no passado, fornecendo assim ao mesmo tempo nova prova do nexo intimo que existe entre a historia e a geographia de um lado e a ethnologia de outro.

O paiz legendario da America do Sul, chamado Dourado variava sua situação em cada uma das versões que acerca d'elle circularam, não só durante a éra da conquista, sinão nos tempos posteriores. Depois de cada fracasso das expedições que affluiram a sua busca, periodicamente renascia como a ave phenix da fabula. Suppunha-se sempre a existencia de uma cidade ou reino, situado em um terreno recondito, inacessivel e cheio de immensas riquezas. A sêde de ouro e as narrações exaggerados dos primeiros exploradores alimentaram continuamente esta lenda.

A origem da lenda do Dourado deve-se collocar no norte da Colombia, onde o rei novamente eleito, dos indios chibchas,

entre certas ceremonias, pintára o corpo com certa resina odorifera, que coloriam com pós de ouro e rebanhava na lagôa ou no rio. Grande devia ser a existencia do ouro onde se usava como areia. Por isso procuravam a região tão rica do amarello metal, com que se ornava o homem ou rei dourado.

Mais tarde o Eldorado é collocado na bacia do Orinoco, onde se levantava a immortal cidade de Manoa sobre as ondas de uma lagôa salina. Todos os utensilios do palacio de Manoa, vasilhas, vasos, moveis, estatuas, tudo era de ouro ou de prata. Formosas aves, quadrupedes, arvores e arbustos de tamanho natural, todos eram de ouro; e até os pescados eram do mesmo metal nos rios, lagôas e mares daquella localidade surprehendente. Quiz o principe e dono de tantas riquezas, que houvesse cofres, prendas e objectos de arte indigena; e os esculptores, tomando ouro dos grandes depositos, chegaram a construir admiraveis maravilhas e deixavam attonitos a quantos os contemplavam." Tal foi a imagem mythica da existencia do Eldorado de um a outro extremo da America espanhola durante o seculo decimo sexto.

Como o Eldorado nas bacias do Amazonas e Orinoco ao Norte, assim nos aridos pampas e bosques impenetraveis da grande peninsula austral tinha-se formado outra tradição não menos romantica, a da cidade dos *Cesares* ou da provincia da *Trapalanda*. Não muito longe do Estreito de Magalhães elevou-se a cidade das tristes reliquias de uma não que naufragou no reinado do imperador ou cesar Carlos V. Segundo outra versão, foram os tres navios que o bispo de Placencia, D. Gutierrez de Carbajal, despachou para as Molucas e que sossobraram no estreito, penetrando os naufragos no interior do paiz, onde umas lagôas rodeam uma ilha. Nesta fundaram uma cidade, que fortificaram para defenderem-se dos indios visinhos, com quem entretinham um commercio por agua, sem permittir-lhes pôr pé na ilha, muito rica de preciosas perolas, que se pescam nas ditas lagôas.

Existe ainda um roteiro ou descripção extensa do caminho que conduz de Buenos Aires á Cidade dos Cesares. „Desde Buenos Aires, assim começa, se irá á serra do Tandil.“ Depois de dar muitas informações detalhadas, chega finalmente a um cerro que chama Payer. „Este cerro grande tem muitos cerros em redor, vermelhos, os quaes são todos de ouro mui rico. Deste morro se tomará o rumo sul e a cinco leguas se encontra o rio Diamantino; chama-se assim porque nasce de um cerro negro em que ha muitos diamantes; entre este rio e o outro, que se encontra a cinco leguas e se chama de S. Pedro, habitam os indios chamados Diamantinos, que na maioria são

christãos e rezam,"¹⁾ Vêm em seguida muitas indicações de rios e cerros que igualmente são mui ricos de ouro; existem lá indios que têm seu cura, que envia o bispo do Chile, por serem a maior parte delles christãos." Proseguindo muitas leguas ao sul, leva-nos a um rio caudaloso em cujas margens moram os indios Cesares. Esta é uma gente mais crescida e agigantada, tanto que pelo crescido do corpo não póde ir a cavallo e anda a pé. Estes indios são os verdadeiros Cesares, pois os que vulgarmente chamam assim não são sinão hespanhóes que naufragaram naquella costa, chamados assim porque estão ou habitam junto ao rio que sae do valle onde habitam os Cesares; e os indios são gente mansa e pacífica... trabalham em metaes e os fundem a fogo."

Depois passa a mesma testemunha a dar uma descripção da cidade encantada: „ella é mais longa que quadrada, quasi tem a mesma planta que Buenos Aires; tem formosos edificios de templos e casas de pedra lavrada e bem trabalhada, como em nossa terra na Hespanha; elles têm indios christãos para o serviço de suas casas e fazendas, que elles com sua educação têm reduzido á nossa santa fé catholica." Silvestre Antonio de Rojas — é este o nome da testemunha — protesta „que tem visto, andado, tocado tudo o que vem referido aqui."

A versão mais original é a Chilena. „Cesar — assim se chama — é uma cidade encantada. Não é dado a viajante algum descobri-la, ainda quando a está pisando! Uma nevoa espessa entrepõe-se sempre entre ella e o viajante, e a correnteza dos rios que a banham reflue para afastar as embarcações que se aproximam della demais.

Sómente no fim do mundo far-se-á possível para convencer os incredulos que duvidaram da sua existencia. O pavimento da cidade é de prata e ouro massiços. Uma grande cruz de ouro corôa a torre da igreja. Quem se approxima da cidade, ouve-lhe os sinos. Possui um de tanta dimensão, que debaixo d'elle podem installar-se duas mesas de sapateiros com toda sua ferramenta. Si conseguissem tocar esse sino, ouvir-se-ia no mundo inteiro.

Para melhor observarem o segredo da cidade, não se constroem navios nem embarcações de classe alguma.

Quem uma vez entrou na cidade, perde a memoria do caminho que a ella o conduzira e não se lhe permitte sahir sinão com a condição de não revelar a ninguem o segredo."²⁾ Nada diz a lenda acerca do castigo imposto aos violadores do segredo; porém suppõe-se que ha de ser terrivel.

¹⁾ Revista de la Bibl. Publ. de Buenos Aires, t. III.

²⁾ Revista Chilena de Hist. y Geographia, 2. Año de 1912. Santiago, 1912.

Ao norte da Republica Argentina, no Chaco, segundo narram os chronistas, existem a *Terra dos Pygmeos*, que vivem em covas ou casas pequenas. Só de noite ousam buscar comida, pois si de dia sahem, são atacados pelas grandes aves. O auctor do poema „Argentina“ colloca-os na visinhança dos Xarayes; um missionario conta em carta, ainda em 1757, que os indios Chiriguanos apanharam um pygmeo mui pequeno.

Não longe dessa fica a *Terra dos Cullus*, homens na essencia, porém imitam animaes na apparencia e fórma. Na cabeça crescem-lhes cornos não mui longos, sobresahindo, porém, no cabelo, de sorte que se distinguem a certa distancia; as pernas têm-nas sem barrigas e os pés rematam na parte anterior com grandes dedos abertos, algo maiores que os de avestruz. São tão ligeiros na carreira que vencem o cavallo e tão dextros que na caça difficilmente lhes escapa animal.“¹⁾

Ainda mais ao norte, no Paraguay, estende-se o famoso *Paítiti* ou o *Imperio do Gran Moxo*, segundo nos assevera Barco Centenera. Acha-se este imperio ilhado no meio de uma grande lagôa, cuja circumferencia cinge montanhas de inestimavel riqueza. Os edificios são todos de pedra branca, com divisão de ruas, praças e templos. No centro da Laguna levanta-se o palacio do imperador Moxo, superior aos demais em grandeza, formosura e riqueza. Leões aferrolhados de cadeias de ouro defendem as portas do palacio. As credencias e a baixella tambem de ouro ostentam a riqueza e o luxo do monarcha. Abunda a ilha em arvores, jardins e fontes artificiaes que despejam agua por grossos gryphos de ouro sobre ornamentos de prata. A imagem da lua se eleva sobre columnas de prata, que é tão tersa e brunida que, tocada pelo sol, derrama sobre a Laguna raios de formosura e claridade.

Não é inferior a estatua do Sol, toda de lucidissimo ouro, que descansa sobre altar de tersissima prata. Ardem em seu obsequio muitas lampadas de prata, e ministros deputados para alimentar-as, perpetuam-lhes as luzes. Para as obras de ouro e prata, dizem que ha uma rua de tres mil ourives, mestres consummados em fundição e uso do martello, que fornecem as credencias de exquisita baixella e delicada manufactura.“

O cultó do sol, que nesta lenda se manifesta, suppõe qualquer contacto com o reino dos Incas.

Pelos esforços que o P. Quevara faz na sua Historia do Paraguay, de negar a realidade a essas narrações, vê-se que ainda na segunda metade do seculo XVIII passaram por verdades na America.

²⁾ J. Quevara, Hist. del Paraguay, Dec. II, p. I.

Nesta região e particularmente ao passarmos a bacia do Uruguay, encontramos uns logares ou cavernas encantadas, chamadas *Salamancas*, encerrando em suas entranhas consideraveis riquezas de ouro e prata e oraculos de mysteriosos mestres. Tomaram este nome da cidade de Salamanca, onde existiu, segundo affirmam autores fidedignos, uma escola de magia, que se attribuiu á influencia dos Mouros na peninsula iberica. E' difficil penetrar em tal caverna encantada e demanda toda a coragem de homem valoroso. Ditoso quem tiver corrido o véo que occulta tanto mysterio; merecerá aprender as muitas cousas que alli se ensinam tanto em materia de sciencia como nas artes e habilidades que fazem appetecivel e facil a vida. Dali têm sahido adivinhos, homens de fortuna, guerreiros sempre vencedores, politicos eminentes, musicos e poetas sublimes, chimicos e mechanicos maravilhosos. Muitas das curas por sympathia ali foram aprendidas. Ali se satisfazem mesmo as pretensões mais triviaes; proporcionam-se os meios para ser feliz no jogo, para bem tocar a guitarra ou não errar um tiro. Tudo está em ter coragem e metter-se na salamanca.

Dizem que Bento Manoel, o famoso caudilho rio-grandense, deveu riquezas e victorias que o celebrisaram na guerra dos Farrapos ás consultas que pediu em uma dessas salamancas, provavelmente naquella que se acha no cerro do Jarão, situado um pouco ao norte da cidade de Quarahy, neste Estado do Rio Grande do Sul. A salamanca que, segundo dizem, ha nesse cerro, é uma das mais celebradas e rodeadas de attraentes lendas. A seguinte circula nas margens do Uruguay.

Certo gaúcho, procurando um animal que se perdera, foi surprehendido por um temporal em que errou o caminho. Baldados todos os esforços de reencontral-o, finalmente largou ao cavallo as redeas para que o levasse aonde conduzis-se ao animal o instincto. Caminhando, caminhando foi para perto do cerro do Jarão, onde topou com um christão da cidade de S. Thomé, o qual se deu por encantado. Este persuadiu o peregrino que o seguisse, promettendo-lhe mundos e fundos, grandes thesouros que escondia a salamanca que lhe servia de albergue. O desencaminhado rio-grandense, revestindo-se de todo o valor que poudes, seguiu passo a passo o desconhecido.

Entraram em uma caverna que, por labyrinthicas veredas, os conduziu a mansões resplandecentes, onde pedras preciosas e ouro, derramados com profusão por toda a parte, os não deixaram sahir de admiração e de pasmo.

A entrada no interior da salamanca está em geral prohibida aos mortaes. Para merecer este privilegio é necessario revestir-se de grande coragem e de não menos indifferença

a quanto o rodeiar e fôr capaz de fazer impressão no aspirante, que ainda deve dispôr de uma impassibilidade estoica. Provas terríveis, ceremonias pomposas que lembram as Eleusínicas ou aquellas que, dizem, a maçonaria usa na iniciação de seus candidatos, esperam o individuo que quer iniciar-se nos mysterios de salamanca. Depois de passar por um labyrintho de cavidades e enredados corredores sem saber como nem quando, topa talvez com formidaveis tigres pelo meio dos quaes deve passar, proseguindo seu caminho sem temor, serenamente. Se fôr adiante, lá põem-no em manifesto perigo as reluzentes espadas de dois combatentes; porem passa por entre elles illeso. Afinal chega a uma espaçosa campina alcatifada de macia relva, sombreada de arvores frondosas, matizada de flôres e plantas odoríferas, que encantadoras nymphas cultivam; a azulada abobada do céu é povoada com bandos de passaros, que enlevam pela belleza de sua plumagem e pelas suavissimas melodias do seu canto. O aspirante, porém, deve ser tão indifferente a estes seductores attractivos como insensivel aos perigos e ás occurencias mais repulsivas.

Se uma vez só fraquear-lhe a constancia, perdidos são todos os sacrificios; ou se no livro dos destinos estava de antemão escripto seu fado, ao sahir da salamanca não sabe se será feliz ou desgraçado.

Depois de mencionar o fado, vem a proposito uma advertencia. O mesmo que affirma um ethnologo americano a respeito do destino, palavra que anda na bocca do argentino, tenho observado na nossa campanha; a tradição arabe, trazida pelos peninsulares, ainda não abandonou a imaginação da gente sul-americana. Até aquelles que dizem que um facto succedeu por intervenção da vontade divina ou não parecem excluil-a, têm uma maneira de falar do destino ineluctavel e necessario, que se resente do fatalismo musulmano.

Na mesma bacia do Uruguay, em que nos achamos, collocou a lenda as celebres minas de ouro. Tenho sobre a mesa uma photographia de um „desenho geographico do sitio das minas occultas...“ cujo original se encontra hoje no archivo publico de Sevilha.¹⁾ Para bem e claramente designar a localidade vêm traçados em linhas parallelas os tres rios do Paraguay, Paraná e Uruguay; na margem esquerda e oriental, na altura das Sete Missões, no Rio Grande do Sul, acha-se uma fortaleza que circumda as minas de ouro, segundo reza a legenda que acompanha o desenho. Sobre tres torres avistam-se guardas armados; a fortaleza está por dentro e por fóra guarnecida de diversos canhões. A pessoa alguma é lícito

¹⁾ Sevilha, Archivo de Ind. 74, 6, 29, fol. 11 y 44.

entrar. O proprio governador do Paraguay, D. Pedro de Lugo, como nota a legenda, chegou só ao rio Paraná, não deixando-o os missionarios transpôr o Uruguay.

Ao mesmo tempo em que se compoz o nosso desenho, no segundo quartel do seculo XVII, espalhou-se o boato da existencia das minas no Prata e Buenos Aires. Veio dar-lhe grande força o testemunho de um indio, contando que no paiz donde chegára, possuiam os jesuitas ricas minas de ouro; falava com tanta convicção e coherencia que persuadiu muita gente. Deixou-se ir ao ponto de affirmar que elle mesmo tinha trabalhado nas minas do Uruguay e que durante tres dias tinha achado tanto pó de ouro, que bastava para encher um meio alqueire. Accrescentou que para a defesa das minas tinham erguido uma fortaleza guarneçada de gente com armas de fogo.

Veremos depois de quanto ruido encheram essas minas a bacia do Prata e quantos pés e mãos e cabeças puzeram em actividade.

Por muito tempo existiram no Brasil as *minas de prata*; mais potentes que as do proprio Potosi, mais ricas que as de ferro de Bilbao e com as quaes se poderiam calçar todas as ruas de Madrid.

De prata foram as *serras resplandecentes* dos sertões do Porto Seguro, que se tornaram lendarias com o nome guarani de *Itaberábussu*, toda de prata a encantada *cidade de Manóa*, cujos reflexos á noite imitavam no céu a via lactea. Não seria identica com a cidade *abandonada* no sertão da Bahia nem com as *Sete Cidades* no Estado do Piahy.

Mui formosa, resplandesce no Estado do Espirrito Santo a serra das *Esmeraldas*.

No globo construido por Martim Behaim em 1492 encontra-se no lugar que occupa a republica sul-americana de Colombia, nas suppostas aguas do oceano, uma ilha de São Brandão. Esta ilha imaginaria é producto de uma antiga lenda irlandeza, entre as muitas da idade antiga e media, que rememoram viagens e descobrimentos fabulosos; como a de São Brandão, criação da calorosa phantasia do prior de Clesanfort (Irlanda) que morreu em 577.

São Brandão lançou-se ao oceano com 75 monjes em busca da *Terra da Promissão*, de que tinha falado o irmão Barintus, outro visionario como elle. Ancoraram em diversas lihas e em uma dellas resolveram-se a celebrar o santo sacrificio da missa, depois do que fizeram uma grande fogueira. Instantes mais tarde a supposta ilha movia-se, pelo que se refugiaram os viajantes a seu navio: a ilha era uma baleia, que se afastou levando aquelle incedio no enorme lombo.

Sete annos navegaram sem rumo nem norte, a cujo termo chegaram á anhelada Terra da Promissão.

Esta lenda, apezar de assás grotesca e aerea como é, foi acolhida por diversos sabios, entre elles Martin Behaim, em cujo globo apparece no lugar indicado acima.

O que parece indubitavel é que os navegantes irlandezes foram os primeiros a conhecer a America.

No globo construido por João Schoener, de 1515—1520, este desenhou uma *Brasilia inferior* ao sul do porto de São Vicente e entre ambos um estreito semelhante ao que neste tempo ou pouco mais tarde, uns vinte grãos mais ao sul, descobriu Magalhães e tem o seu nome.

E' sabido que em diversas regiões do Atlantico, nos antigos mappas e antes do descobrimento do Brasil, figuravam *ilhas do Brasil*. Segundo as informações do ministro hespanhol na côrte britannica de 25 de julho de 1498, os habitantes de Bristol desde sete annos enviavam duas, tres, mesmo quatro caravelas para visitar, entre outras, a *Isla de Brazil*.¹⁾

2.

Vejam os factos historicos que deveram sua origem a umas dessas entidades phantasticas, cuja influencia não ficou reduzida ao reino dos sonhos.

Pela expedição feita pelo interior de Venezuela pelo allemão Federmann, que em 1540 chegou até Bogotá, espalharam-se as primeiras noticias acerca do fabuloso Eldorado.

As expedições mais famosas que se originaram pela lenda foram as de Gonçalo Pizarro (1541), acompanhado de Francisco Orellana e um lucido exercito, as expedições de Fernan Perez de Quezada e Felipe de Hutten (1545), Pedro de Ursúa (1559), Martin de Proveda, Nuflo de Chaves (1560), Pedro de Silva (1569), Gonçalo Jimenes de Quezada (1579), Antonio de Berio (1584) e Walter Raleigh (1595—1618).

Tanto os espanhoes, como os allemães e inglezes estavam fascinados pelo Eldorado e difficil seria citar qualquer mytho que tenha exercito attracção tão poderosa sobre os homens. Belcaçar o buscou em a planicie de Cundinamarca, Pizarro e Orellana nos mattos virgens do Amazonas; os dous Quesadas exploraram os contrafortes da cordilheira oriental dos Andes da Colombia, chegando até os bosques do Caquetá. Hutten e Martinho de Proveda e Pedro de Silva vagaram pelas planicies de Venezuela e Nova Granada. Ursúa e Ant. de Berio atravessaram o continente de E. a O., assim como Nuflo de Chaves que

¹⁾ Cf. o que escrevemos sobre a *Prioridade dos Portuguezes no descobrimento da America*. Fortaleza, 1903.

subiu ao Perú, transpondo o mysterioso Gran Chaco desde as margens do Prata.

Depois da conquista da Colombia, effectuada por Gonçalo Jimenes de Quesada, razoavelmente devia-se ter extinguido a lenda. Porém a illusão dos buscadores de thesouros fez della um phantasma dourado, „cujas fauces jámais se saciavam com as almas de heroes,“ como diz um autor, alçando-se nos mais distantes logares do continente e cuja unica autenticidade se fundava no desconhecido do territorio. O mais vago rumor lhe dava nova vida e certeza. Não tendo-se encontrado aquella cidade e imperio fabuloso no norte de Colombia, os aventureiros e exploradores o buscaram entre os indios dos valles do Caquetá e Putumayo. Toda a região entre a lagôa de Macaibo até as cascatas do Huallaya, desde os Andes até o rio Caroni nunca mais foi, até a epoca contemporanea, explorada e registada tão minuciosamente como então.

Walter Raleigh, favorito de Isabel, a poderosa rainha da Inglaterra, escriptor de alento, poeta e historiador, marinheiro e homem de Estado, appareceu mais de uma vez, á frente de uma frota, no delta do Orinoco, em procura da maravilhosa terra de ouro, a afamada cidade de Manóa, resumindo um seculo de aventuras, loucuras e quimeras. Assim tornou-se „o pai da America ingleza“, fazendo as primeiras tentativas da colonisação britannica.

Desde o segundo quartel do seculo XVI seguem-se as *bandeiras* ou expedições feitas atrás do Eldorado brasileiro em relativamente curtos intervallos. Si Martim Affonso, desprezando a formosa bahia de Canabarro, fundou o nucleo colonial de S. Vicente, foi sem duvida por julgar-se nesta altura mais perto das minas de prata. Si elle depois do malogro da primeira expedição dos oitenta homens, que enviára para descobrir as minas, se retirou para sempre do Brasil, faz a impressão como si previsse o longo periodo, que seguiu, de „baterem os sertões atraz d'uma chimera“. O primeiro governador do Brasil, Thomé de Souza, si não conseguiu ver a partida, animára a entrada de Francisco Bruza de Espinhosa, da qual fez parte o P. João de Aspiciueta Navarro, da companhia de Jesus e a quem devemos os dados do itinerario percorrido.

As entradas de D. Vasco Caldas (1561), de Martin Carvalho (1570), Sebastião Torrinho, encarregado officialmente em 1573, seguindo o rio Doce com cincoenta homens, de Antonio Adorno (1574), que trouxe turmalinas julgadas esmeraldas, de Gabriel Soares em 1591, o reputado autor do *Roteiro do Brasil*, que depois de grandes excursões em todos os sentidos em redor das minas suppostas da serra de Jacobina, foi colhido da morte com seus companheiros em logar até

hoje desconhecido; as entradas de Belchior Dias Moreya em 1594, o inventor das famosas minas de prata, até hoje ignoradas, a do governador D. Francisco de Souza, que veio ao Brasil para descobrir essas minas, o que nem o flamengo Glimmer (1592) nem Nicoláo Barreto (1602), encarregados por aquelle governador, conseguiram; a do capitão-mór Pero Coelho com as instrucções do governador D. Diogo Botelho, — todas estas expedições representam outras tantas decepções.

Um seculo antes de revelar-se o thesouro que foi o sonho das gerações dos colonos, tinha-se o governo aparelhado para esse almejado momento. O governador Francisco de Souza trazia o pomposo titulo de governador e intendente das minas. Em Madrid elaborára-se já em 1605, sob Felipe III, com muitas e escrupulosas minudencias, o *Codigo mineiro*, que havia de regular as formulas da especulação futura. Entretanto, annos, lustres, decennios, um seculo inteiro decorriam marcados de continuas illusões.

Tambem os hollandezes do Brasil, tendo noticias de *quatro minas de ouro* no mysterioso morro de *Capoaba*, fizeram uma inutil jornada sob a direcção de Elias Herkmans; outra grande do mesmo exito foi dirigida por Mathias Beck. Um certo Marcos de Azevedo reproduziu pelos meados do seculo XVII as aventuras de Melchior Dias. Em 1673, Dias Paes Leme, animado pelo titulo de capitão-mór das minas, que por antecipação lhe concedera o governo, pratiu á frente de uma bandeira, que á propria custa organizára, para longa e extrema jornada; de espaço a espaço lavravam plantações e formavam estações que deviam ser intermediarios entre o termo da expedição e o ponto da partida. Depois de penosas marchas, attingiram a *terra deserta*, situada entre as cabeceiras do Rio Doce e do S. Francisco, no logar que é hoje o Cerro; ahi fez quartel o aventureiro e por quatro annos destacou sortidas para todos os pontos. Ouro ou pedras preciosas não se acharam.¹⁾

Quando, pelas incalculaveis provações que soffriam, grande parte dos companheiros esmorecera e outros conspirando contra o chefe se desligaram, tomando o caminho da patria, Paes Leme, conservando-se inaccessivel ao desanimo, internou-se mais pelas florestas ainda hoje invias e desconhecidas e attingiu á lagôa encantada de Vupabussú, onde, como reza a lenda, eram em montões as esmeraldas, e ahi permaneceu, desprezando as febres, a insalubridade da região e o descontentamento dos seus. „A' sua vontade de ferro tudo se dobrava au havia de quebrar-se. N'uma rebelião deu o

¹⁾ João Ribeiro, *Historia do Brazil*, 3.^a ed. Rio, 1909.

duro exemplo de enforçar na primeira arvore um seu filho natural que surprehendera entre os rebeldes. Com esse castigo, a que a sua louca rudeza emprestava extranha auctoridade, todos voltaram á obediencia. E afinal, após tantos trabalhos, conseguiram esses aventureiros achar as preciosas pedras que pesquisavam. Carregados de montões dellas, voltaram a São Paulo, que Paes Leme não conseguiu tornar a ver, porque, esfalfado e desfallecido, expirou nas margens do Rio das Velhas. Não teve ao menos a decepção de verificar, como se verificou, que as pedras que descobrira não eram esmeraldas. O seu genro Manoel Borba Gato, que veio com um novo bando depois nas suas pegadas, chegou ainda a tempo de dar um adeus ao moribundo e de receber-lhe das mãos o illusorio thesouro.⁽¹⁾

Este, como Garcia Rodrigues Paes, filho de Paes Leme, arranjando nova bandeira, encontrou-se casualmente com Rodrigo Castello Branco, funcionario da corôa, que lhe exigiu submissão que aquelle recusou; ao ouvirem qualquer palavra que lhes parecia inconveniente, alguns camaradas assassinaram o official do governo. Ameaçado pela justiça, Borba eortou todo o commercio com o mundo civilizado, entregando-se tanto mais á indagação das minas, cujo descobrimento, se o fizesse um dia, traria a prescripção do hediondo crime de que fôra cúmplice, senão o proprio mandante.

E de facto, foi elle que poudé realizar esse sonho secular: no logar onde é hoje Sabará achou e explorou diversas jazidas de ouro, podendo voltar em 1700, depois de uma expiação de quasi vinte annos, rehabilitando-lhe o governo o nome pela revelação dos thesouros que tinha descoberto.

Se assim perderam no centro as lendas a côr de phantasia, ainda conservavam toda a sua força mysteriosa de attracção no sul oriental. Lá o boato das minas de ouro que occultavam os jesuitas no rio Uruguay, fez tanta impressão no governador de Buenos Aires, D. Pedro Estevão de Avila (1632—38), e foi tanto seu empenho em averiguar este caso, que enviava um alcaide ordinario sempre que sahiam ou voltavam jangadas das Missões. Soffriam essa vexação com religiosa resignação, sem que pudessem descobrir os visitantes um só grão de ouro, seja em poder dos indios, seja na bolsa dos missionarios, seja no mais escondido recanto das embarcações missioneiras.

Sahindo com estas e outras dilligencias, a que mandou proceder, o governador, do seu engano, adquiriu a formal certeza de que eram invenções dos inimigos dos missionarios

1) L. c.

aquellas sonhadas minas de ouro, tendo a ooragem e força moral de retratar-se publicamente.

Passados apenas dous lustros, emergiu de novo o boato do ouro do Uruguay. Desta vez occasionou uma visita do governador D. Jacintho Lariz áquella região. Não andava bem com o prelado da igreja de Buenos Aires e os jesuitas mereciam-lhe tanto desaffecto que se indagava e até insultava a quem se atrevesse a pôr-lhes os pés no collegio. Em taes circumstancias não foi para admirar que os inimigos dos padres tivessem muito animo de calumnial-os com o governador nem que triumphassem, entre elles o indio de nome Boaventura, que mostrava uma carta em que vinham marcadas as minas do Uruguay, affirmando ao mesmo tempo que lá em pouco tempo colheu meio alqueire de pó em ouro. D. Jacintho Lariz resolveu ir pessoalmente ao Uruguay para verificar por seus olhos o verdadeiro estado das cousas, vencendo 150 leguas de distancia, empreza respeitavel naquelle tempo. Embarcou-se com uma escolta de cincoenta soldados, levando comsigo o indio e fazendo se acompanhar de D. Martin Vera, que passava por mineiro habil e mui experimentado.

A cousa ia tornando-se seria para Boaventura e ainda não se tinha feito muito caminho, quando desapareceu o homem. Lariz, fosse qual fosse sua opinião a respeito da veracidade do fugitivo, seguiu viagem sem ser sentido nas Reducções, até que se achou nellas; e sem communicar aos missionarios o fim da sua expedição, começou a interrogar alguns neophyts, recomendando-lhes silencio. Os indios vendo os soldados, conceberam suspeitas, começando a inquietar-se, até que o P. Dias Tanho, o superior das Missões, supplicou ao governador a visitar todas as Reducções, não em segredo, mas publicamente. Serenados assim os guaranis perderam todo o receio, prestando ao governador todas as honras devidas a seu alto cargo e nenhum o impediu de proceder a todas as investigações, o fim principal da sua visita, antes proporcionando-lhe todas as commodidades e auxilios á sua disposição.

Começou D. Lariz a visita por declarar a seus soldados que quem primeiro descobrisse uma mina ou obtivesse as desejadas noticias, seria promovido ao grão de capitão, receberia o respectivo fardamento e uma gratificação de 200 philippes. Pode-se imaginar que a 50 soldados estimulados por taes promessas não escaparia o que tanto se procurava. Baldados, porém, todos os esforços, afinal um delles se apresentou com um indio, que dizia que, de menino de cinco annos, fôra levado a uma mina de ouro e se offereceu a conduzi-lo lá, pois lembrava-se perfeitamente do lugar. Immediatamente enviou o governador ao mineiro D. Martin, acompanhado do

indio e de uma escolta, para proceder ao exame do ouro. Depois de uma viagem de alguns dias por caminhos quasi intransitaveis, chegaram ao sitio indicado; mas nada acharam senão uma substancia brilhante, que uma criança podia tomar por metal. Se ainda uma sombra de duvida pairasse sobre o caso, nasceria do desaparecimento do indio Boaventura. Os missionarios, que se aperceberam que não faltaria quem dissesse que elles o tivessem feito desaparecer, não pouparam diligencias até que o descobriram.

Levado á presença do governador, offereceu-lhe este grandes recompensas, se lhe revelasse as minas como promettera. Negou, porém redondamente que jamais tivesse feito semelhante promessa nem dito palavra a este respeito. Suspeitando o governador que o medo de affrontar os jesuitas tapasse a Boaventura a bocca, prometeu-lhe solememente sua alta protecção, tentando, porém, inutilmente todos os meios de persuasão. Mandou então empregar a tortura, recurso esse que naquella época nenhum governador escrupulisava. Mas não pôde arrancar-lhe mais que uma mentira, que nunca tinha falado em minas nem fortalezas, que devia ter estado ébrio. „Embriaguez ou impostura, exclamou D. Lariz, ha de custar-te a vida,“ e condemnou-o a ser enforcado, sentença que á intercessão dos padres converteu na de duzentos açoites.

Tres ou quatro annos depois da expedição de D. Jacintho, que por inquirição pessoal se convenceu da sua nullidade, levantou-se nova balela do ouro do Uruguay. Desta vez não são indios boças que figuram como descobridores de minas de ouro, mas graves militares e um ecclesiastico de alta categoria, alferes, capitães e generaes de exercito.

Existe, como em outro logar dizemos, um „Auto sobre el oro fingido“ de 10 de janeiro de 1651, emittido em Assumpção pelo visitador geral e governador do Paraguay, D. André de Leon Garabito, onde se vê e lê que os capitães Melchior Casca de Mendoza, Christovão Ramires, João Leal, João de Asarsa, Thomas de Aristigueta, o alferes Garcia Banegas de Gusmão, os generaes Diogo de Yegros e Francisco Nunes Davalos pedem e requerem se lhes despache a licença e faculdade de com suas armas e á sua custa descobrirem a S. Majestade um novo Potosi, mais rico do que aquelle de que a real corôa goza tão crescidos augmentos.¹⁾ Pergunta-se, em que paiz existe tal novo Potosi para ser conquistado? Qual o inimigo a combater, qual o exercito a derrotar?

¹⁾ Annexos a la Memoria sobre Cuestión de limites, etc., por M. R. Trelles. Buenos Aires, 1867.

O citado documento esclarece nossas duvidas, dizendo que é nas Reducções da Companhia de Jesus, no alto Uruguay, no Rio Grande do Sul, que se encontra esse novo Eldorado e que, como estes senhores propalaram por libellos pelos tribunaes e o mundo, estes padres occultam para seu proveito as ditas minas de ouro. Mas para que então as armas? Disso nos dá outro documento¹⁾ o necessario e inesperado esclarecimento. Nelle lêmos que os ditos missionarios, accusados de não só occultarem nas regiões do Uruguay as minas, mas ainda de defenderem-nas, de comprarem armas de fogo em cujo uso adextram os indios, até escolheram um rei para o dito effeito. Este, sem duvida, devia ser quem recrutasse os itatines para o exercito do Uruguay, levantasse a fortaleza e a guarnecesse de artilharia, canhoneando os hespanhões, segundo a informação „que o mui reverendo frei Jacintho de Zorquera, provincial que foi da sagrada religião de S. Domingos, fez à Audiencia real de Chile“. Seja de passagem lembrado que o mytho do rei jesuitico do seculo XVIII nas Sete Missões do Rio Grande do Sul teve um predecessor no seculo XVII, si me não engano até hoje desconhecido.

Quanto aos conquistadores do novo Potosi, temos que dizer que o governador e visitador geral aceita-lhes com boa sombra o generoso offerecimento, anima-os e offerece-lhes todo o auxilio necessario garantindo-o com sua pessoa, para que ninguém os estorve nem hostilise. Notifica-lhes, porém, que dentro de vinte dias sahisses pessoalmente ao descobrimento das minas, visto que andava aqui empenhado o credito dos religiosos da Companhia de Jesus. Por fim ainda promette-lhes um premio proporcionado a tão grande serviço que iam prestar á corôa e á patria.

Mas passaram os vinte dias marcados e mais de vinte semanas e nada emprehenderam os cavalheiros. Que motivo teriam para um proceder tão pouco coerente? Seriam os receios dos exercitos e canhões do rei do Uruguay?

De outro auto de 19 de julho, seis mezes mais tarde, collige-se que excusaram-se de deixar a cidade. O governador agora lhes impõe a expedição, ameaçando-os com os castigos da lei, eximindo, porém, o general Diogo de Yegros desta obrigação, pela satisfação que apresentou para o credito e em abono dos mssionarios.

Pareciam os proprios descobridores tão pouco convencidos da existencia das minas de ouro, que ainda depois de um mez não tinham dado um passo para sua exploração, apesar da comminação do governador. Procedeu, pois, este contra

1) Ibid., p. 54.

os fingidos descobridores das chimericas minas, que não eram senão injurias e calumnias levantadas aos missionarios da Companhia de Jesus. „Devo declarar falsas, diz D. André Garavito,¹⁾ e de nenhum valor as accusações e calumnias que disseram e affirmaram em seus escriptos. . . em particular nequelles que se referem á occultação das muitas riquezas e minas. . . levados de sua paixão, espalhando-as em informações e outros instrumentos, com tão grande prejuizo e desdouro dos ditos religiosos. . . enchendo os ditos delatores o mundo e os tribunaes de vãs promessas de descobrimento de um novo mundo de riquezas maiores que as de Potosi. . .” Em seguida condemna-os a dar aos missionarios a mais completa satisfação, ao desterro perpetuo e á multa de quinhentos pesos o general Francisco Nunes Davalos e os capitães Melchior Casca de Mendoza, Thomás de Aristiqueta. Os demais cúmplices foram multados em menos. Interpondo appelação os réos, o tribunal appellado não deu provimento ao recurso dos appellantes e sustentou a sentença. Apesar de mais duas vezes admoestados pela autoridade, não fizeram retracção das calumnias, mostrando-se contumazes e rebeldes aos mandados da real justiça e continuaram a repetir as mesmas calumnias.

Em vista deste procedimento, manda um decreto, que se executou, que os criminosos ao serem retirados da prisão em que se acham, para serem levados á barca em que têm de ir a cumprir seu desterro, sejam postos em publica praça e ali em sua presença se publique e leia a dita sentença ao som de caixa e voz do pregoeiro, para que aqui valha esta diligencia de satisfação publica, que os réos deviam fazer e dar segundo lhes manda, para sua infamia em que têm incorrido como falsos delatores e se restitua aos ditos religiosos mais plenamente sua boa fama e se reconheça sua innocencia.

Parece incrível, mas é facto: depois de poucos annos a Lenda levantou outra vez a cabeça e com tanta apparencia de verdade que a real Audiencia informou o Conselho de Indias, que julgou andar bem avisado enviando um novo visitador. D. João Blasquez de Valverde. Sendo este caso tanto no seu desenvolvimento como no seu resultado tão semelhante ao anterior que parece sua reproducção, basta tel-o mencionado.

As minas de ouro não tinham ser senão na phantasia de certos descobridores. Passando dos meados do seculo XVII aos do XVIII, encontramo-nos com a famosa guerra das Sete Missões no Rio Grande do Sul, na mesma região que já conhecemos.

¹⁾ L. c. p. 67.

Uma das causas que determinaram essa guerra da parte dos portuguezes foram os suppostos thesouros e minas dos jesuitas naquellas Reducções.¹⁾

Occupados os Sete Povos pelos exercitos alliados e evacuados seus habitantes, puderam os soldados do governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire, proceder ás desejadas investigações. Uma testemunha ocular nos narra com que avidéz pesquisaram por toda parte o appetecido ouro. Descreve como as baionetas levantaram os ladrilhos dos corredores e pateos, como esquadrinharam todas as cacimbas e caixas em que os padres tinham sua agua para conservar a fresca, como bateram nas paredes das casas, sequiosos do amarello metal; até na praça examinaram as pequenas pedras que tinham algo de brilho metallico ou micaceo, esforçando os olhos a vêr se não descobrissem uns vestigios de pontinhas de ouro.

Não admira a peça que pregaram ao governador Gomes Freire. Um indio ladino de S. Miguel lhe disse em segredo que o P. Lourenço Balda, seu parochó, antes que pelos indios rebeldes fosse obrigado a refugiar-se nos bosques, enterrára debaixo do altar mór onze barris de ouro e prata. Logo apoderaram-se da pessoa do indio e, depois de entrarem os portuguezes na povoação de S. Miguel, o primeiro cuidado dos portuguezes foi correrem e guardarem o altar mór da igreja com um destacamento de soldados de baionetas alçadas, para que ninguém pudesse approximar-se do escondido thesouro.

Em seguida procuram o indio; este, porém, se tinha azulado para nunca mais apparecer. Os bravos de baioneta alçada na igreja fream lá sem o indio e sem os barris de ouro, de todo envergonhados e ainda em cima foram ridiculizados nos diversos circulos do exercito.²⁾

Apezar de todas as sortes de pesquisas que se fizeram nas Sete Missões, nada se achou nem de thesouros nem de minas.

1) „Idem error lusitanorum in Brasilia animis altissime insederat, qui nostris ad Uruguayum flumen missionariis (dicere?) ausi sunt aliquando: Hoc solum omne quod vestris calcatur pedibus aurum est. Auri spes fuit quae notissimum Gomes Freire de Andrade flum. Jan. in Brasilia gubernatorem impulit, ut aulae Ulyssiponensi permutationem Coloniae ss. sacramenti cum septem Uruguayensibus oppidis persuaderet. Haec expulsis 32 Quaraniorum millibus inculis, ut supernis retuli, Hispani jam ex pacto tradere volebant sed a lusitanis non fuere acceptata. Hujus rei praeter alias causa passim vulgabatur in Paraguaría; quod lusitani diligenter nunc inspectis et belli occasione lustratis ad Uruguayum terris nullum prorsus metalli cujuscumque indicium istic deprehenderint, ubi quandam solis nixi suspicionibus aureos montes sibi somniarunt.“ (Dobrizhoffer, *Hist. de Abiponibus*. I, p. 232. Viennae, 1784).

2) Nusdorffer, *Schreiben*, § 22.

Desta vez não foi por uma sentença judicial demonstrada a insubsistência das acusações levantadas aos jesuitas, mas por um facto que, se possível fosse, falava ainda mais alto: a invasão e as investigações dos dois exercitos alliados, hespanhoes e portuguezes. Officiaes e soldados não pouparam esforços para descobrir a verdade; e descobriram-na: os thesouros e as minas de ouro revelaram-se o que eram, uma lenda. Se esta não moveu mais exercitos nem expedições de governadores, ainda no seculo das luzes poz em actividade pennas como a do historiador Pedro Taques e de outros autores, que sustentam a realidade das minas das Sete Missões.¹⁾

Historica é a expedição de *Axuhi* para o descobrimento de uma riquíssima cidade encoberta no interior da então capitania hoje Estado do Maranhão.

Foi em 1792, primeiro anno de governo de D. Fern. Ant. de Noronha, que um negro fugido, de nome Nicoláu, aproveitando-se do boato antigo de existir nos campos da Lagarteira um mocambo que pouco a pouco se tinha transformado em uma riquíssima cidade, Axuhi, apresentou-se ao governador affirmando tel-a descoberto nas margens da lagôa Caço, circular ali immenso dinheiro de ouro e prata, servindo de vigario um jesuita, beberem os negros seus moradores em cuias do precioso metal e venerarem uma grande imagem de N. S. do Rosario, toda de ouro massiço. O governador, como parece, algo credulo e, como todos seus collegas, inclinado a descobrir novas minas, entregou sem demora a Nicoláu a patente de capitão de milicias, autorizando-o a emprehender a planejada expedição descobridora. O novo capitão, muito matreiro, deu-se a prender diversas pessoas, accusando-as de entreter relações secretas com os negros aquilombados. Para se subtrahirem ás vexações affirmaram algumas ser verdade o que Nicoláu referia, declarando-se promptas a tomar parte na empreza de conquistar a cidade do ouro.

Abalou de S. Luiz com grande estrondo uma expedição de dous mil homens, divididos em duas columnas, „atravesando riachos e muritinzaes e gatinhando morros,“ na phrase do autor da *Poranduba Maranhense*, para ganhar os campos da Lagarteira. Chegados, porém, a essa localidade, notaram com grande surpresa que o chefe Nicoláu tinha fugido, convencendo-se todos de que andavam embahidos, e cobertos de vergonha e sem resultado algum regressaram para S. Luiz. O governador, que tinha dado á côrte conta da partida das tropas, participou o seu regresso, dizendo que, depois de fazerem o seu passeio com todas as regras da *tactica*, se haviam

¹⁾ A lenda do Ouro, p. C. T., Ceará 1911.

recolhido por não ser propria a estação, produzindo apezar disto o passeio um *grande effeito moral*".¹⁾

A camara municipal de Piracuruca, no Estado do Piahy, solicitada pelo Instituto Historico Brasileiro que preste os mais minuciosos esclarecimentos relativos ás ruínas de uma cidade antiga que se diz existir neste municipio no lugar conhecido por *Sete Cidades*, afim de que se evidencie si se trata de um facto verdadeiro ou de uma ficção, em sessão de 14 de julho de 1887 nomeou uma comissão composta de tres vereadores para ir ao lugar Sete Cidades verificar o que ha e dar parecer sobre o que vir.

A comissão, depois de ter examinado as ruínas da antiga cidade, enviou o seguinte relatorio:²⁾ „Em distancia de quatro leguas ao sul desta villa e entre as fazendas e sitio Bom Sucesso, Bananeiras, Bom Gosto e Gameleira, existe em uma area de mais de 4 leguas quadradas uma extensa agglomeração de grandes rochedos alcantilados de diversas côres e tamanhos, medindo alguns mais de 50 metros de altura, dispostos profusamente, fingindo torres, fachadas de edificios, muralhas, fortalezas, etc., cuja variedade offerece á contemplação do visitante um quadro pittoresco e da mais linda perspectiva. Compridas pedras ôcas, postas sobre os rochedos da entrada, fingem peças de artilharia, mas estas já estão quebradas, umas pela acção do tempo, outras pela mão dos homens. E' innegavel que tudo aquillo constitue um verdadeiro arremedo de construcção, mas é pura obra da natureza, composta de pedras brutas, onde a arte ou a sciencia humana nenhuma parte tem. E' o que cumpre esta camara informar a V. Ex."

Outra cidade occupava tambem muito os sabios e geographos, collocada pela phantasia não longe das Sete Cidades. O nome mysterioso da cidade ou terra de *Norambuegue*³⁾ appareceu e desapareceu no correr do seculo XVI, usado por viajantes e cartographos que lhe ligaram uma idéa de civilização relativa. Descrevem a cidade como fortificada de torres e ornada de sinos, onde os habitantes eram de estatura elevada, de bella apparencia, bondosos e affaveis, vestidos de ricas pelles, finalmente certas palavras de sua lingua lembram a latina. No seculo XVII fizeram diversas explorações para acharem a maravilhosa cidade, mas nem vestigios della encontraram. Entretanto, não era uma mera ficção; ao menos tinha existencia nos mappas, como no mappa mundi feito em 1529 por Jeronymo Verrazano, onde não indica uma região,

¹⁾ Rev. do Instit. Hist. Brasil., t. 56, p. II.

²⁾ Ibid., t. 55, p. I.

³⁾ Congrès international des Americanistes, t. I. Bruxelles, 1879.

mas uma simples localidade entre muitas outras emprestadas a nomes classicos ou do calendario dos santos. Outro cartographo dá-lhe posição adjacente a *Florida* e uma extensão de 500 leguas. Os habitantes são gente tratavel, pacifica e agradável. Abundam fructos de todas as qualidades; ha laranjas, amendoas e diversas especies de arvores odoríferas. Esta região é chamada Nurumbega por seus habitantes e é separada do *Brasil* por um grande golfo.

Outros, maximé os geographos posteriores, encerram a Nurumbega na peninsula situada ao sul do rio S. Lourenço e do seu estuario. Um viajante francez, que com outros escreveu uma cosmographia, conhece tambem um rio de Norombuegue e um cabo deste nome, que colloca no 41° de lat. septentrional. Outros dispõem a „Terra de Nurumberg“ entre 45°—50° de lat. sept., o autor de uma „Histoire Universelle“ de 1607 acondiciona-a entre 40° e 45°.

Quanto occupava e preocupava os geographos e viajantes essa terra ou cidade phantastica, provam as variações deste nome, como: (No) ranbega, Nurembega, Norobega, Noronbega (Ortelius), Noronbega (Th. Hood), Norambegue, Norembuegue, Noromberege (Thevet), Norinbuegue, Nurumberg, Norovagia e outros.

Por nunca acharem os viajantes e geographos a maravilhosa cidade de Norembuegue, um delles exclama: se esta bella cidade existiu na realidade, queria saber quem a destruiu. A lenda mesmo podia dar a resposta.

Esta fala tambem em um gigante, que denomina Gongon, ou antes uma gigante deste nome. Pois tinha este monstro a forma de mulher, mas muito terrivel, de uma altura que as pontas dos mastros dos navios não lhe chegavam á cintura. Que muitas vezes tem devorado muitos indios, que bota em uma grande algibeira para depois devoral-os; diz a lenda que esta algibeira é tão grande que nella pode caber um navio. Ha quem relacione esta com as lendas islandezas, que falam em gigantes Gygjar, que habitam no meio de rochas, em cavernas e subterraneos, onde produzem ruidos estranhos, suas risadas e gritos são horriveis; de aspecto medonho, têm um tamanho que de uma passada transpõem largos valles; de uma força proporcionada, transportam montanhas e atiram rochas, demoliram igrejas e devoraram cidades. Se o gigante Gongon era desta natureza, não se devia mais duvidar ou perguntar quem destruiu a cidade de Norambuegue.

Resta-nos tratar da influencia que exerceu a lenda da cidade dos Cesares na historia do governo colonial de Buenos Aires e Tucuman. A fama de sua riqueza foi sempre tal que se fizeram para seu descobrimento muitos e continuos esforços

com apparatus militares mui dispendiosos. O primeiro que o tentou foi o governador de Tucuman, Gonzalo de Abreu, pelos annos de 1576, a quem, tendo-se tornado o assumpto, hoje dir-se-ia, uma empreza de palpitante actualidade, não foi difficil reunir os homens principaes da provincia, os conquistadores ou seus filhos, que ardiam em desejos de descobrir aquelle Eldorado do Sul.

Os aprestos para a expedição, apezar de levados por deante com ardor, não puderam estar terminados até outubro de 1578, achando-se acampado o exercito perto de Santiago, quando chegou um mensageiro pedindo soccorro para a cidade de S. Miguel de Tucuman, que estava ameaçada de imminente ruina.

Foi o caso que, pelo empenho da expedição aos Cesares, tinha sabido daquella cidade a maior parte dos varões, ficando os meninos e mulheres quasi sem defesa. O prurido de descobrir thesouros foi o movel que os fez commetter tão grande imprudencia, morando em paiz mui pouco seguro; pois os janacónas ou indios escravizados, a quem não puderam escapar o projecto e os preparativos para realisar-o, avisaram aos indios dos campos e da serra dos Calchaquis, que se conjuraram com elles secretamente, para dar de improviso sobre a cidade e, incendiando-a, sepultar nas chammas todos os moradores.

Um dos janacónas, de nome Galuan, de estatura gigantesca e de coragem correspondente, a alma da conjuração, foi de commun accordo eleito chefe da facção. Para execução do plano foi escolhida a noite de 23 de outubro; repartindo-se por toda a circumferencia da cidade ao mesmo tempo, lhe pegaram fogo, que, voraz, atacou a palha com que então cobriam as casas, que começaram todas a arder, representando, segundo o historiador Lozano,¹⁾ á vista outra Troya ou outra Roma, dando prazer com suas funestas chammas ao deshumano coração de Galuan que, qual outro Nero, transbordava de jubilo com o incendio e espreitava a todas as partes para que nenhum dos moradores escapasse com vida.

A quem delles primeiro despertou o estalido das madeiras foi o tenente governador Gaspar de Medina que, apezar de possuido de assombro, empunhou as armas e montou a cavallo, procurando a praça. Nesta illuminada como se fosse dia, não se via morador algum e julgava a todos já não do numero dos vivos, quando dois outros hespanhões se lhe ajuntaram e começaram a ouvir lastimosa gritaria em todas as casas. Enca-minharam-se os tres ao lugar onde estavam apinhados os selvagens, sobresahindo entre elles o gigantesco Galuan. Medina,

¹⁾ Hist. de la Conquista, t. 4; p. 337.

animando seus bravos companheiros a que accomettessem a este, de cuja morte dependiam suas vidas, rompeu pelo mais espesso dos inimigos, abrindo-se caminho com a morte de muitos até chegar a Galuan e matou-o com um golpe de espada. Foi quanto bastou para pôr em debandada toda essa numerosa agglomeração india, que se entregou a uma desordenada fuga, como se fosse atacada por um poderoso exercito, particularmente quando chegou o resto dos hespanhões, uns dezeseis homens. Formou-se então, segundo narra Lozano, a tradição, que no mais ardente do combate appareceram no ar os santos apostolos Simão e Judas, cuja festa no mesmo dia se celebrava, inculcando com sua venerabilissima presença terror aos inimigos; razão porque hoje, escreve o citado historiador, a cidade é sua devotissima e os festeja com annual solennidade, em memoria de tão assignalado beneficio, como a seus padroeiros e libertadores.

Uma narração differente desta victoria faz subir o numero dos aggressores a 30 até 40 mil e dá outras inverosimilhanças que Lozano refuta.¹⁾

Faltou pouco que os moradores tivessem abandonado a cidade de S. Miguel de Tucuman, que foi reedificada pela actividade do tenente Medina.

Tendo chegado a noticia da revolta a Santiago, o exercito expedicionario foi perseguir os revoltosos, castigando os mais culpados e perdoadando a multidão seduzida.

Livre deste embaraço, marchou ao descobrimento dos Cesares o exercito que, escarmentado pelo incidente referido, destacou uma vanguarda com a tarefa de procurar os caminhos mais commodos e mais seguros dos assaltos de selvagens. Mas apesar de excessivos e infructiferos trabalhos que lhe foi forçoso soffrer, não conseguiu atinar com o rumo que conduzisse aos Cesares. Uma vantagem, porém, produziu a esta expedição; aplainou e fez mais seguro o caminho do Chile. Mais ou menos uma dezena de annos mais tarde empreendeu o mesmo descobrimento o capitão e tenente-general de Cordoba, Gaspar de Medina — não se sabe se era identico com o tenente do mesmo nome já mencionado —, offerecendo-se a acompanhar a milicia hespanhola o apostolico padre Affonso de Barrena, da companhia de Jesus, porem a obediencia conteve seu ardente zelo.

Pelo mesmo tempo ou um pouco antes o governador de Tucuman, João Ramires de Velasco, em carta ao conde de Villar, vice-rei do Perú, dá noticia sobre a „provincia dos Cesares, que está nas costas de Arauco, entre a cordilheira do

1) Hist. de la Conquista, t. IV, cap. 12. Buenos Aires, 1847.

Chile e o Mar do Norte; precisa-se de um homem que faça a entrada com muita munição e grande aparato." Em seguida roga ao vice-rei que escreva sobre isso ao rei de Hespanha e lhe envie a informação que acompanha a carta, pedindo o contemple com esta empresa, com titulo de adelantado que, espera em Deus, ha de desempenhar-se do encargo cabalmente, visto que goza de robusta saude na idade de quarenta e oito annos e trinta annos gastos no serviço militar.¹⁾ Nada, porém, transpira dos historiadores que indique tivesse executado o projecto.

No intuito de augmentar os timbres e gloria de sua illustre casa, diz Lozano, apprehendeu D. Jeronymo Luiz de Cabrera, ao depois governador de Buenos Aires, o descobrimento e conquista da mysteriosa cidade. Juntando, com despendiosos gastos, exercito sufficiente, sahiu em 1622, arrostando com grande valor grandes difficuldades e vencendo não pequenas contradicções.

Encontrando terra a dentro caudalosos rios em cuja passagem soffreram muitos trabalhos, foram surprehendidos por um desastre que frustrou a expedição, obrigando-os a voltar a Tucuman sem poder investigar os almejados Cesares. Faltou pouco que não percesse todo o exercito: improvisamente, sem poder adivinhar a causa, pegou-se ao campo fogo tão activo e voraz que, sem poder atalhar-o ou desvial-o, se reduziram em pouco tempo a cinza vinte carretas carregadas de roupa e viveres, sessenta bois e dezeseite soldados.²⁾

Ainda que se julgasse mais difficil a investigação do lado do Chile, não obstante a acommetteu desde a ilha do Chiloe o intrepido e veneravel P. Jeronymo de Montemayor, missionario infatigavel da companhia de Jesus, naquelle archipelago, pelo anno de 1643, para converter ou ao menos soccorrer os habitantes da cidade de Cesares. Acompanhado de um capitão afamado de Chiloe com outros hespanhões, passou á terra firme e apezar de descobrirem gente branca e bem feita como os europeus, não poudo achar a afamada cidade.

Trinta annos mais tarde fez a mesma viagem outro jesuita, o veneravel padre Nicoláo Mascardi, apostolo da ilha de Chiloe e ainda que penetrou muitas léguas a dentro, não conseguiu achar o povo encantado, morrendo ás mãos dos indios *payas*.

Em principios do seculo XVI pretendeu, sahindo da cidade de Mendoza, seu corregedor, o general D. João Maiorca conseguir o que tantos outros não puderam; porém, chegando

1) Pastells, P. S. J. Historia de la Companhia de Jesus en la prov. del Paraguay, t. I, n. 33. Madrid, 1912.

2) Lozano, Conquista, t. III, cap. 16.

com sua milícia á vizinhança de uma nação selvagem, encontrou tanta resistencia que, amotinada sua gente, teve que retroceder sem ter avistado de longe a provincia dos Cesares. „Porém, escreve Lozano,¹⁾ em meados do seculo XVIII ainda que tantas experiencias têm acobardado os animos e obrigado a desistir do intento de descobrir a encantada cidade dos Cesares, correm sempre mui vivas as noticias de haver na dita nação descendentes de naufragos europeus e que possuem cidade e que alguns querem comprovar com o tocar de sinos que, dizem, têm ouvido terra a dentro e do que faz menção o nosso P. Ovalle (*Relación del reyno de Chile*, t. II, cp. 6), e em nossos dias os têm ouvido alguns hespanhóes que, andando a recolher vaccas nos pampas, se perderam e cahiram nas mãos dos infieis, e um delles, morador de Santa Fé, o capitão Gabriel Gimenes, que teve essa desgraça e era pessoa digna de credito, o referiu como cousa indubitavel e que elle mesmo os tinha ouvido, ainda que não poudes chegar áquelle lugar por impedirem-no os barbaros.“

Sabe o mesmo autor de uma expedição dos hollandezes, referida por um cavalheiro da ordem de Santiago e corregedor que foi de Lipes. Aquelles, fazendo agua em um rio do Estreito e divertindo-se em recolher palmitos, foram presos por mais de quatro mil selvagens de estatura alta, que os conduziram a uma grande lagôa, onde os embarcaram para a cidade de Cesares que, disse, era outra Sevilha; refere as grandezas que viram, as muitas perolas, os costumes parecidos aos de Europa e os vestigios de origem européa, em prova de que foram muito bem agasalhados e muito mais o mencionado cavalheiro, que teria então 16 annos de idade, porem, não poudes lhes entender a linguagem. Pensa, porém, Lozano que os hollandezes se fizeram entender a elles e que por seus rogos foram restituídos ao lugar onde parava seu navio, donde voltaram para Hollanda nos ultimos annos do reinado de Carlos II da Hespanha. Este monarcha, informado sobre esta expedição, insistiu em preparar-se outra; sobrevindo, porém, a morte do rei, nada se fez.

Ainda no ultimo quartel do seculo XVIII D. Miguel Barrientos, seus tres filhos e outros parentes fizeram diversas expedições em procura da romantica cidade, e em 1783, em companhia destes, o padre franciscano Frei Francisco Menendez, o valente e celebre descobridor de grande parte da cordilheira meridional, fez diversas viagens e, como parece no principio, tambem em demanda dos Cesares, sem fazer, porém, menção no seu diario desta tentativa.

Pelo mesmo tempo o governador de Chiloe queixa-se de não poder tomar parte na expedição aos Cesares e que a

¹⁾ Hist. de la Conquista, I, 168.

romantica tradição trazia mui preocupados os animos dos habitantes daquellas comarcas.

Que tambem em nosso tempo se encontrem entusiasmados, não pela realidade, mas pela poesia da encantadora lenda, resalta do facto de que o historiador e importante archeologo chileno, Dr. Fr. Fonk (ha pouco fallecido) procurava derivar a nossa lenda de outra de origem européa, a celebrada tradição do Santo Graal da Idade Media.¹⁾

Não se diga, porém, que em nossos tempos não ha mais mythos e lendas. A dos Cesares tem no mesmo territorio meridional uma successora que ameaça rivalisar em consequencias com aquella: a *cordilheira movediça*. Esta lenda faz até moverem-se os alterosos Andes, essa majestosa muralha que se levanta a tão inacessivel altura que parece o supporte do firmamento; visto que se não póde vencer-lhe a altura, faz-se mover o immovel. Pois a cordilheira occidental muda-se para a oriental, attingindo assim uns tão anhelados portos do Pacifico.

Foi a lenda a causa da pretensão de possuir os portos além do Estreito ou esta a causa da lenda? pergunta um autor e responde que é difficil determiná-lo.

Ha alguns annos o mencionado historiador F. Fonk escreveu, que sobre os inacessiveis cumes da cordilheira austral dos Andes sentou seu arraial um espectro ou phantasma sinistro, que ameaça desde esse recinto a ruina e a desolação de dois povos irmãos. Pretendendo comprehender a mysteriosa linguagem, pergunta-se admirado que espectro e como fazer caso de um phantasma? A resposta clara e simples diz que é a rivalidade que, já ha annos, reina entre as duas republicas Argentina e Chilena, olhando uma para a outra com forte suspeita de apoderar-se uma de um pedaço de territorio da outra. O protocollo de 1893 tem annullado expressamente o phantasma dos Andes. Sem embargo, ainda hoje, diz o mesmo autor, persegue-nos, disputando palmo por palmo as vertentes occidentaes da cordilheira do sul, construindo cordilheiras de cima, cuja sombra se reflecte nas aguas do Pacifico. E' evidente que os argentinos não se têm desprendido da illusão que aquella tendencia psychologica, tão profundamente arraigada na alma do homem, tem creado no seu espirito. Essa tenacidade de convicção é a mesma que fascinava nos seculos passados os que acreditavam na existencia da cidade dos Cesares. A lenda dos Andes fluctuante exerce sua influencia, tendo dado existencia áquelle pesadelo occidental para os argentinos e oriental para os chilenos. Fluctuando a cordilheira, os portos d oAtlantico podem apparecer um bello dia no Pacifico.

1) Revista Chilena de Hist. e Geogr., Santiago, 1912.

Ainda em 1900 ou 1901, jornalistas brasileiros que visitaram Buenos Aires fizeram esta observação. *O phantasma do oeste*, intitula-se um capítulo do livro „Do Rio a Buenos Aires“ que, se me não engana a memoria, appareceu pelo anno de 1908, notando que o espectro ou pesadelo chileno se ventila nas palestras. Nos jornaes a mesma toada. A figura do general chileno Korner é o phantasma obsessivo que tira o somno a muitos: o Chile está dando a ultima demão a seus aprestos bellicos.

Uma revista que trata do progresso da religião descamba no pesadelo chileno, aconselhando que se semeiem parochias, escolas de doutrina, para não pretenderem o direito de propriedade os „irmãos“ chilenos num dia em que menos se pense. O governador da Terra do Fogo communicou que aquelle terreno argentino se encontra minado por chilenos.

Felizmente para a prosperidade destas duas nobres nações, pode se dizer que a lenda e seus espectros nos cumes dos Andes, nos ultimos annos, apresentam tendencia de desaparecer, como demonstra a bella acção de 1904, quando os representantes das duas nações collocaram a estatua do Salvador na divisa andina das mesmas, para dar-lhe firmeza e consistencia, como tambem alliando-se a Republica Argentina com a Chilena e ambas com a do Brasil, affirmando assim a primeira vez na America do Sul uma força respeitavel em frente de qualquer imperialismo.

Terminando, accrescento aqui umas conclusões, que este estudo parece autorisar:

1. Tambem os povos modernos deixaram-se levar muito pela phantasia.

2. Que o ouro, apezar de menos raro, ainda occupa seu antigo imperio.

3. Que em geral os indigenas da America não se deixaram dominar pela „auri sacra fame“. Significativo é que as denominações de ouro e prata em tupi e guarani são identicas com a de escretos.¹⁾

4. Que este facto foi observado tambem na lingua de indigenas do Mexico e nas ilhas Carolinas, ao norte da Australia. Que esta circumstancia assás curiosa fornece uma base que autorisa a pensar em antiquissimo contacto ou relações entre esses povos tão distantes.²⁾

C. Teschauer.

¹⁾ Vide o que escrevemos em *Apostillas a uns artigos publ. no Annuario do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1908.

²⁾ Congrès International des Américanistes, Comptes-Rendus de la Huitième Session, tenue à Paris en 1890.

ACTAS DAS SESSÕES DO PARTHENON LITTERARIO

INTRODUCCAO

(FLORENCIO DE ABREU)

A 18 de junho de 1868, no edificio do antigo theatro á rua de Bragança, onde até poucos annos existia a capella de São José, com as suas janellas e portas ogivaeas, de estylo gothico, fundava-se nesta capital uma associação de intellectuaes, que se denominou **Parthenon Litterario**, evocando o sanctuario de Pallas, dominando Athenas do alto da Acropole, synthese radiante da suprema perfeição da arte grega na realização da eterna belleza.

Era o **Parthenon Litterario** o centro de reunião de uma pleiade brilhante de letrados da época, — polygraphos e jornalistas emeritos, como Carlos von Koseritz e Caldre e Fião; festejados dramaturgos, como Arthur Rocha e Joaquim Alves Torres; oradores de fama, como Affonso Marques e Lobo Barreto Filho; poetas de talento, como Mucio Teixeira e Ignacio de Vasconcellos; prosadores e chronistas fecundos, como Gustavo Vianna Filho e Achilles Porto Alegre; romancistas de nota, como José Bernardino dos Santos, e philologos e educacionistas pro-vectos, como Bibiano de Almeida, Hilario Ribeiro, Fernando Gomes e Clemente Pinto. Delle fizeram parte tambem algumas senhoras, que deixaram renome nas letras, como a poetiza Amalia dos Passos Figueirôa e a professora Luciana Teixeira de Abreu, que por vezes illustrou a cathedra das conferencias.

Mantinha uma revista mensal,¹⁾ possuía uma valiosa bibliotheca e um muséu com secções de mineralogia, botânica, ichthyologia, zoologia, archeologia, numismatica e historia, que contavam em suas collecções mais de quatro mil exemplares. Promovia sessões litterarias na sua séde e espectáculos no São Pedro, em noitadas que deixaram duradoura lembrança pelo seu ruidoso successo. Ao mesmo tempo que ali se adestravam pennas para a lide das letras, influindo, assim, indirectamente para a cultura intellectual do meio e proporcionando o surto das vocações litterarias, explanavam-se e discutiam-se theses philosophicas que então apaixonavam os espiritos e fazia-se uma vigorosa campanha para a extirpação dessa vergonha que era o trabalho escravo.

Da vida, entretanto, desse centro de cultura litteraria, que durou até 1880, e intimamente vinculada á vida intellectual de uma quadra que foi sem duvida o periodo aureo das letras na nossa então Provincia, muito pouco se conhece hoje; e não é, portanto, neste particular, destituída de interesse a publicação que óra encetamos das actas das sessões do **Parthenon**, cujos originaes, abrangendo os annos de 1872 e 1873, foram espontaneamente doados ao Instituto pelo sr. dr. Tyrteu Vianna.

E' de lamentar que a publicação abranja apenas esse biennio; e baldado foi até aqui o nosso empenho no sentido de descobrir-se o paradeiro dos outros volumes das actas, que estão perdidos ou dormindo, em abandono, o somno do esquecimento no fundo de alguma gaveta de velho movel imprestavel. O primeiro volume, talvez o mais precioso por se referir aos primeiros annos do **Parthenon** e conter a acta de installação, sabe-se que fôra

¹⁾ Diz Mucio (*Os Gauchos*, I, pag. 72) que a *Revista* se publicou até 1878. Entretanto, em 1879, ainda ella apparecia sob a direcção de José Bernardino dos Santos, tendo como membros do corpo de redacção os irmãos Porto Alegre (Appollinario, Achilles e Appelles), Augusto Totta, Arthur Rocha e Alves Torres. Na „Introducção“ ao n.º 1 do referido anno, lê-se: „Não é uma nova publicação, que aproveitando da oportunidade vem, especulativamente, occupar o lugar de outras, que desaparecerão, esta, cuja primeira pagina vós prende a attenção. . . E' ainda o *Parthenon Litterario*, o mesmo romeiro de ha onze annos, que erguendo-se do marco, em que descancara á beira do caminho, refeito de forças, tenta proseguir a jornada“.

confiado á Bibliotheca Publica, onde elle ainda se achava ha cerca de vinte annos; dali, porém, desapareceu com documentos e originaes ineditos de Antonio Alves Pereira Coruja, o saudoso autor das **Antigualhas**, graças á condemnavel facilidade dos emprestimos de livros e documentos sob a guarda de bibliothecas e archivos publicos.

Pelas actas, cuja publicação encetamos, vê-se que em principios de 1872, após uma refôrma dos estatutos, se procedera a uma eleição de directoria e de membros das differentes commissões, as quaes ficaram assim constituídas:

Presidente effectivo:¹⁾ Gabriel Fay.

Vice-presidente: Apollinario Jesuino.

1.º e 2.º secretarios: Gonçalves Junior e Augusto Rodrigues Totta.

1.º e 2.º adjunctos da secretaria: Vasco de Azevedo e Lobo Barreto.

Thesoureiro e adjuncto: Nicolau V. Pereira e Enéas Furtado.

1.º e 2.º oradores: Affonso Marques e Victorino de Azevedo.

Bibliothecario e adjuncto: Israel Azambuja e Gaspar Guimarães.

Commissão de philosophia: Caldre e Fião e Vasco de Araujo.

Commissão de historia: Damasceno Vieira e Gustavo Vianna.

Commissão de litteratura: Amalia Figueirôa e Nicolau Vicente Pereira.

Commissão de critica: Eudoro Berlink e Francisco Cunha.

Commissão de redacção: Hilario Ribeiro, Apollinario Porto Alegre,²⁾ Golçalves Junior, Achilles Porto Alegre, Sá Brito e Norberto Vasques.

¹⁾ Era presidente honorario o dr. José Antonio do Valle Caldre e Fião, medico de grande nomeada e popularissimo, e que fôra um dos membros mais conspicuos do antigo *Instituto Historico* da Provincia.

²⁾ Aclamado socio benemerito em sessão de 17 de março de 1872.

Commissão theatral: Norberto Vasques, Christiano Kraemer, Frederico Lara,¹⁾ Franklin V. Ferreira e A. Ulrich.

Nas suas sessões eram propostas e discutidas algumas theses, como estas: „O casamento nas condições do catholicismo funda-se na lei natural? A indissolubilidade dos laços é prejudicial aos interesses do mesmo? Por que razão a mulher não goza da liberdade do homem? Deve gozal-a?“ — Não faltavam e até dominavam as opiniões então francamente revolucionarias. Desse ambiente revolucionario, naquelle tempo, dá-nos ainda impressão inilludível uma proposição proscrevendo as escolas mantidas pelos religiosos e tendente á implantação do ensino leigo: „Qual o meio a emprar-se, afim de impedir e derrocar a influencia exercida pela Companhia de Jesus sobre o Ensino?“ — E em sessão de 8 de junho, sendo poprostos para socios os padres Almeida Martins e Guilherme Dias, resolvia-se enviar-lhes felicitações „pela attitude digna que têm assumido deante de tanta injustiça“ e que o Parthenon se encarregasse da confecção das biographias dos venerandos Thomé Luiz de Souza, Feliciano Prates e Luiz Manoel Gonçalves de Brito, afim de serem publicadas e applicar-se o producto „às victimas do ultramontanismo“.

Não admira, portanto, que em consequencia dessa conducta mantida com coherencia pelo **Parthenon** atravez de toda a sua vida, escrevesse um dos redactores da **Revista**, traçando o artigo commemorativo do undecimo anniversario daquelle: „E que luctas e que sacrificios não teve á vencer durante esse tempo, esta associação, que ainda hoje, no meio de seus triumphos vê erguer-se ante si esse inimigo minaz, surdo e trahicoeiro, que, appellando a sentimentos religiosos que sempre acatou o **Parthenon**, move contra elle uma propaganda odiosa, como essa que acaba de iniciar o **Deutsches Volksblatt**, órgão ultramontano

¹⁾ O sr. Frederico Lara (hoje escrivão aposentado), com o sr. Mucio Teixeira, Achilles Porto Alegre e Clemente Pinto, são — parece-nos — os unicos sobreviventes do *Parthenon*.

dirigido pelos Jesuitas de São Leopoldo!... A lucta!... Mas o que é a lucta senão uma consequencia da vida? Emquanto, porém, ella se não trava, emquanto o exercito negro da curia não se dirige contra nós, ergamos, mocidade, no recinto do **Parthenon** uma patriotica saudação á causa da civilização e da liberdade.“

A par de phases de grande enthusiasmo, teve-as o **Parthenon** de desanimo, como occorria em 1870, sob a presidencia de Apollinario Porto Alegre, que amargamente o lamentava, aliás carregando a realidade com as tintas de exaggerado pessimismo. E nem sempre corriam as sessões num ambiente de perfeita cordealidade, salientando-se o sr. Christiano Kraemer nas suas objurgatorias contra este ou aquelle membro da directoria, acoimados de desidiosos, o que suscitava incidentes tumultuarios. Foi por esse tempo, em novembro de 1871, que foram expulsos os srs. Aurelio de Bittencourt e João Cancio, accusados de haverem distrahido „com a maior deslealdade“ os socios do Parthenon, usando „das cobardes armas da intriga“, afim de lançar a sizania entre os membros da illustre casa. Oh! não vivesse agitado o Olympo com as rivalidades, as intrigas e as querelas dos deuses!

Com João Cancio e Aurelio de Bittencourt, desligou-se tambem Mucio Teixeira, cujo pedido de demissão foi immediatamente acceito, por sobre elle recahir, no dizer do sr. Kraemer, „uma grande parte das intrigas tramadas entre os socios“. E logo após declarava o sr. Apollinario que estava então, como nunca, disposto a trabalhar pelo engrandecimento do **Parthenon**, visto que se achavam fóra dali **os contrabandistas do Parnaso**. Com aquelles, outros sahiram, porquanto numa das sessões de dezembro seguinte, quando ia accessa uma das acaloradas discussões sobre os deveres da directoria, uma voz conciliatoria concitava á união e á harmonia, advertindo que agora **eram poucos** e como taes deviam ser mais unidos, pois da união nasce a força e essa é precisa para luctar com os inimigos do **Parthenon**, que hoje são em maior numero“.

O alludido incidente, que devera ter causado grande escandalo, prende-se a uma dissidencia de que resultou o surto de uma outra sociedade do mesmo genero, denominada **Ensaaios Litterarios**, de que foram respectivamente presidente e secretario fundadores os srs. Frederico Ernesto Estrella de Villeroy e Aurelio de Bittencourt. Como o **Parthenon**, a **Ensaaios Litterarios** publicava uma revista, em que collaboraram alguns moços de talento, entre os quaes se destacavam Gustavo Vianna, João Theodoro de Miranda e Lobo Barreto. Longe esteve, porém, essa de attingir á importancia e ao grão de prosperidade da outra associação.

Naquelle tempo, teria Porto Alegre apenas trinta mil habitantes, que se concentravam na pequena area do triangulo, cujo vertice é a ponta da cadêa, cujos lados são o ancoradouro e a enseada do gazometro, e cuja base é a linha comprehendida pela rua da Conceição e travessa da Olaria. Pode-se, pois, fazer bem uma idéa da grande influencia que exercera sobre aquelle pequeno meio social um tão numeroso quão notavel nucleo de intellectuaes, que legou á posteridade uma tão gloriosa memoria.

PARTHENON LITTERARIO

Acta da sessão da Assembléa Geral que teve lugar a dezoito de fevereiro de mil oitocentos setenta e dois.

N.º 1

Presidencia do Snr. Appollinario José G. Porto Alegre.

Aos dezoito dias do mez de fevereiro do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Hilario, Appollinario Porto Alegre, Sá Brito, Lucas de Azevedo, Affonso Marques, Appeles, Gonsalves Junior, Guimarães, Nicolau, Caminha, Kraemer, Appollinario Jesuino, Vasco de Azevedo, Azambuja, Achylles, Victorino e Totta o Snr. ex-presidente abriu a sessão ás dez e meia horas da manhã.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente sem debates.

Usando da palavra o Snr. Appollinario Porto Alegre expoz á casa o motivo, porque deixou de apresentar o relatorio do tempo de sua presidencia e tambem por ter sido esse tempo um dos mais desanimados pelo qual passou o Parthenon Litterario.

Não havendo quem pedisse a palavra, o Snr. ex-presidente convidou a nova Directoria para tomar posse de seu encargo e como não se achava presente o Snr. presidente effectivo substituiu o Snr. primeiro Vice-Presidente Appollinario Jesuino que, depois de ter orado, pedindo o auxilio dos membros desta Associação para que a Directoria possa chegar ao exito de sua missão, e que o Parthenon Litterario prosiga na arena do progresso, levantou a sessão ás onze horas do dia.

E para constar lavrei a presente acta a qual está rubricada pelo Snr., Presidente Gabriel Fay e por mim assignada. O segundo secretario Augusto Rodrigues Totta.

Acta da segunda sessão da Assembléa Geral de dezesete de março de mil oitocentos setenta e dois.

N.º 2

Presidencia do Snr. Gabriel Fay.

Aos dezesete dias do mez de março do anno de mil oitocentos setenta e dois verificando-se haver numero sufficiente para se constituir a Assembléa Geral, é ella aberta pelo Snr. Presidente ás onze horas da manhã. O Snr. adjunto do segundo secretario lê a acta da sessão antecedente, que é approvada sem discussão. O Snr. primeiro secretario lê um officio do seu adjunto o Snr. Pedro Caminha, o qual participa á casa que, retirando-se para Alegrete, não pode continuar a exercer o cargo para que foi eleito. Vem á mesa uma proposta assignada pelo Snr. Affonso Marques e mais nove Snrs. Socios, apresentando o Snr. Appollinario José Gomes Porto Alegre para socio benemerito. Posta em discussão é approvada unanimemente sem debate. O Snr. Presidente annuncia á casa que se vae proceder á leitura do projecto de estatutos. O Snr. primeiro Secretario, usando da palavra, propõe que seja consultada a casa sobre o modo porque deve ser discutido o projecto, a cuja leitura elle ia proceder, optando pela eleição duma commissão que, revendo o referido projecto, apresente mais tarde as emendas que julgue necessarias, occupando-se então a casa com a discussão do projecto e das emendas propostas. O orador apresenta as razões pelas quaes entende ser este o meio mais facil de se obter uns estatutos ixemptos de lacunas e imperfeições. Consultada a casa, é approvada a idéa apresentada pelo primeiro Secretario. Passa-se á leitura do projecto que termina sem o menor incidente. O Snr. Appollinario Porto Alegre, que se achava ausente quando foi approvada a proposta conferindo-lhe o titulo de socio benemerito, pede a palavra e declara não acceitar a distincção que a Assembléa Geral lhe acabava de dar; pois que não quer entrar no Parthenon com outro titulo além do de simples socio, a sua consciencia mesmo se recusa a acceitar o titulo de benemerito, em vista do desanimo que accomettera esta Sociedade durante o tempo de sua presidencia.

Succede-lhe o Snr. Affonso Marques, que tenta destruir as apprehensões do Snr. Appollinario declarando ser não só imparcial como merecida a resolução. O Snr. Gonsalves Junior opinou com o Snr. Affonso Marques ficando assim terminada essa discussão. E' suspensa a sessão afim de se eleger a Commissão que tem de examinar o projecto de estatutos; reaberta a sessão são recolhidas quatorze cedulas que dão o seguinte resultado: Appollinario treze votos, Hilario doze, Affonso Marques oito. Annunciado á casa o resultado da eleição, o Snr.

Presidente pede á Commissão que envide todos os esforços para apresentar o seu parecer no proximo Domingo, para que a Directoria fique habilitada a encetar os trabalhos da Associação. Não havendo nada mais a tratar-se, o Snr. Presidente levantou a sessão ao meio dia. E para constar lavrei a presente acta, a qual está rubricada pelo Snr. Presidente Gabriel Fay e por mim assignada. O Segundo Secretario Augusto Roiz Totta.

Acta da terceira sessão de Assembléa Geral celebrada em trinta e um de março de mil oitocentos setenta e dois.

N.º 3

Presidencia do Snr. Gabriel Fay.

Aos trinta e um dias do mez de março do anno de mil oitocentos e setenta e dois, verificando-se haver numero sufficiente para se constituir a Assembléa Geral, é ella aberta pelo Snr. Presidente. Foi lida e approvada sem debate a acta da sessão ultima. O Snr. Presidente pede ao Snr. Relator da Commissão eleita para rever os projectos de Estatutos que apresente os trabalhos da mesma Commissão. O Snr. Affonso Marques usando da palavra, diz que em vista de terem apparecido os Estatutos já constituidos e approvados pela casa, entende serem esses os unicos que devem vigorar; não podendo nem a Directoria nem a Assembléa Geral destruil-os, e sim reformal-os quando julgue necessario; cabendo, porém, esse direito á Assembléa Geral. Succede-lhe o Snr. Appollinario Porto Alegre fallando sobre o mesmo sentido que o Snr. Affonso Marques. Pede a palavra o Snr. Gonsalves Junior e discorda das idéas apresentadas, dizendo que indubitavelmente os Estatutos primitivos estarão cheios de lacunas e imperfeições; e que se forem elles submettidos a uma reforma, tornar-se-ha um trabalho enfadonho e tardio; e por isso votava para que se despresasse esses Estatutos e que a casa se occupasse com os trabalhos apresentados pela Commissão. Fallarão sobre o mesmo assumpto Achylles e Kraemer. O Snr. Presidente consulta a casa sobre o que se deveria fazer, foi concordado que se reformasse os Estatutos primitivos e que a Commissão já eleita fosse a encarregada desse trabalho. Vem á mesa uma proposta assignada pelo Snr. Affonso Marques propondo para socios effectivos João Damasceno Vieira e Cunha Barreto, a qual foi posta em discussão pelo Snr. Presidente. Pede a palavra o Snr. Kraemer e exige informações das qualidades dos propostos, afim de poder dar conscienciosamente a sua approvação. O Snr. Affonso Marques satisfaz o pedido do Snr.

Kraemer. E não havendo mais quem pedisse a palavra o Snr. Presidente submete á approvação da casa a proposta, a qual obteve. Vem á mesa uma outra proposta assignada pelo Snr. Vasca de Azevedo propondo tambem para socio effectivo o Snr. Ulysses José da Costa Cabral. Pede de novo a palavra o Snr. Kraemer exigindo eguaes informações. Succede-lhe o Snr. Gonsalves Junior demonstrando a inconveniencia desse pedido. Sucita-se uma questão tumultuosa que obriga ao proponente a retirar a proposta e ao Snr. Presidente a levantar a sessão a uma hora e um quarto da tarde. E para constar lavrei a presente acta a qual está rubricada pelo Snr. Presidente honorario Dr. Caldre e Fião e por mim assignada. O segundo Secretario Augusto Roiz Totta.

Acta da quarta sessão da Assembléa Geral celebrada em dois de abril de mil oitocentos setenta e dois.

N.º 4

Presidente o Snr. Dr. Caldre e Fião.

Aos dois dias do mez de abril do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario numero sufficiente de socios para se constituir Assembléa Geral, é ella aberta pelo Snr. Presidente ás oito e meia horas da noite.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente unanimemente.

O Snr. Affonso Marques, como relator da Commissão de — Estatutos —, faz entrega dos trabalhos da mesma commissão.

Pede a palavra pela ordem o Snr. Appollinario Porto Alegre e vota para que seja adiada a discussão de Estatutos em vista de não se acharem presentes alguns membros da Directoria.

Fallam sobre o mesmo assumpto os Snrs. Marques e Lucio Porto Alegre, este contra o adiamento da discussão e aquelle em favor della.

O Snr. Presidente submete a idéa apresentada pelo Snr. Appollinario Porto Alegre á votos, a qual foi approvada ficando assim adiada a discussão de Estatutos para a proxima sessão. Vem á mesa uma proposta assignada pelo Snr. Achylles propondo para socios effectivos do Parthenon os Snrs. Lydio da Costa Oliveira e José Olinto de Carvalho e Silva; que é submettida á approvação da casa e como não houvesse quem pedisse a palavra o Snr. Presidente a julga approvada. E' approvada a seguinte these: Qual é o meio a empregar-se, afim

de impedir e derrocar a influencia exercida pela Companhia de Jesus sobre o ensino? E qual a monita a favor do christianismo e a razão philosophica? assignada pelos Snrs. Dr. Caldre e Fião, Ulrich e Achylles, para ser discutida na proxima sessão, ficando designado o Snr. Presidente honorario para dar parecer sobre ella. Não havendo nada mais a tratar-se o Snr. Presidente levanta a sessão ás nove horas da noite, designando quinta feira, quatro do corrente, ás oito horas da noite para a reunião da Assembléa Geral. E para constar lavrei a presente acta, a qual está rubricada pelo Snr. primeiro Secretario Gonsalves Junior e por mim assignada. Segundo Secretario Augusto Roiz Totta.

Acta da quinta sessão da Assembléa Geral celebrada em quatro de abril de mil oitocentos setenta e dois.

N.º 5

Presidencia do Snr. primeiro Secretario.

Aos quatro dias do mez de abril do anno de mil oitocentos setenta e dois, verificando-se haver numero sufficiente de socios para se constituir a Assembléa Geral, é ella aberta pelo Snr. primeiro Secretario. E' lida e approvada sem discussão a acta da sessão antecedente. Procede-se á leitura dos Estatutos que são discutidos artigo por artigo. São approvados sem discussão os artigos primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto.. Comparecendo na sala das sessões o Snr. Presidente effectivo o Snr. primeiro Secretario o convida a occupar a cadeira presidencial. Falla contra o artigo sexto o Snr. Gonsalves Junior e a favor delle os Snrs. Affonso Marques e Kraemer. E' approvedo o artigo sexto assim como sem discussão os artigos setimo, oitavo e nono e seus respectlvos paragraphos. Pede a palavra o Snr. Gonsalves Junior e falla contra o paragrapho quarto do artigo decimo, pedindo para que seja supprimido esse paragrapho. Posta em discussão esta idéa é approvedo o artigo decimo com os primeiro, segundo, terceiro e quinto paragrapho, ficando supprimido o paragrapho quarto. São aprovados sem discussão os artigos decimo primeiro, decimo segundo, decimo terceiro, decimo quarto, decimo quinto, decimo sexto, decimo setimo, decimo oitavo, decimo nono, vigesimo, vigesimo primeiro e vigesimo segundo com os seus respectivos paragraphos. Fallam contra o artigo vigesimo terceiro os Snrs. Ulrich, Gonsalves Junior e Lucio Porto Alegre e a favor delle o Snr. Affonso Marques. O Snr. Gonsalves Junior manda á mesa a seguinte emenda a esse artigo: a proposta deve justificar as circumstancias pelas quaes se lhe ha

de conferir o titulo de benemerito. E' posta em discussão a emenda e o artigo, os quaes foram approvados. Pedem a palavra pela ordem os Snrs. Achylles, Ulrich e Gonsalves Junior. Vem á mesa o seguinte requerimento do Snr. Gonsalves Junior: desviando-se a discussão do seu fim principal, visto que nos occupamos de materia já discutida e approvada, proponho para que seja encerrada a discussão immediatamente. E' approvado o requerimento. Vem á mesa outro requerimento da commissão de Estatutos, pedindo para que de novo seja submettido em discussão o artigo vigesimo terceiro com a emenda. E' approvado o requerimento, e o Snr. Presidente submete o referido artigo e a emenda á discussão. Usando da palavra o Snr. Ulrich pede para que no artigo vigesimo terceiro seja sómente substituida a palavra unanimidade — pela de maioria — mandando á mesa um substitutivo nesse sentido. E' approvado o artigo vigesimo terceiro com o substitutivo. A Commissão de Estatutos pede para que seja exarado na acta o seu protesto feito contra a ultima approvação. Falla contra o artigo vigesimo quarto o Snr. Gonsalves Junior e a favor delle os Snrs. Appollinario Porto Alegre e Ulrich. Vem á mesa o seguinte requerimento assignado pelo Snr. Ulrich — Peço para que seja levantada a sessão em vista de se achar adeantada a hora. E' approvado o requerimento e o Snr. Presidente levanta a sessão ás onze horas da noite, designando o dia seguinte ás sete horas da noite, para a reunião da Assembléa Geral. E para constar lavrei a presente acta que está rubricada pelo Presidente Snr. Gabriel Fay e por mim assignada. O segundo Secretario Augusto Rodrigues Totta.

Acta da sexta sessão da Assembléa Geral celebrada em cinco de abril de mil oitocentos setenta e dois.

N.º 6

Presidencia do Snr. Fay.

Aos seis dias do mez de abril do anno de mil oitocentos setenta e dois, na sala das sessões do Parthenon Litterario, achando-se presentes os Snrs. Hilario, Gonsalves Junior, Mucio, Appollinario Porto Alegre, Appollinario Jesuino, Carvalho, Lucio, Azembuja, Ulrich, Fay, Achylles, Enéas, Baptista Carvalho, Lavra e Pinto, Affonso Marques, Horta, Guerreiro e Totta, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite. E' lida e approvada a acta da sessão anterior. Não havendo expediente entram em discussão os Estatutos. Tendo ficado com a palavra o Snr. Appollinario Porto Alegre, usa della, e

falla em abono do artigo vigesimo quarto. E' approvedo o artigo vigesimo quarto e seus paragraphos e bem assim sem discussão os artigos vigesimo quinto, vigesimo sexto e vigesimo setimo com seus paragraphos. Falla contra o paragrapho segundo do artigo vinte e oito o Snr. Gonsalves Junior pedindo a suppressão desse paragrapho. E' approvedo o artigo vigesimo oitavo com a suppressão do paragrapho segundo. São approvedos sem discussão os artigos vigesimo nono, trigesimo e trigesimo primeiro, com uma emenda feita a este ultimo pelo Snr. Ulrich, pedindo para que se substitua a palavra — unanime — pela de — maioria —. São approvedos sem discussão os artigos trigesimo segundo, trigesimo terceiro e trigesimo quarto e seus paragraphos. Compareceu o Snr. Sá Brito. Usando da palavra o Snr. Gonsalves Junior pede a suppressão do paragrapho setimo do artigo trigesimo quinto. E' approvedo o artigo trigesimo quinto com o nono paragrapho, ficando supprimido o setimo. São approvedos sem discussão os artigos trigesimo sexto, trigesimo setimo, trigesimo oitavo e trigesimo nono e seus paragraphos. O Snr. Appollinario Jesuino pede para que seja levantada a sessão em vista de se achar adeantada a hora, e o Snr. Presidente a levanta ás nove e meia horas da noute, designando o dia sete do corrente, ás dez horas da manhã para a reunião da Assembléa Geral. E para constar lavrei a presente acta que está rubricada pelo Snr. Vice-Presidente Appollinario Jesuino e por mim assignada. O segundo Secretario Augusto Roiz Totta.

Acta da setima sessão da Assembléa Geral celebrada em novê de abril de mil oitocentos setenta e dois.

N.º 7

Presidencia do Snr. Appollinario Jesuino.

Aos nove dias do mez de abril do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Vasco de Azevedo, Enéas, Affonso Marques, Ulrich, Hilario, Lucio, Appollinario Jesuino, Appollinario Porto Alegre, Gonsalves Junior, Vianna, Gaspar e Totta, o Snr. Vice-Presidente abriu a sessão ás oito e meia horas da noite. E' lida e approvada sem discussão a acta da sessão ultima. Não havendo expediente entrão em discussão os Estatutos. São approvedos sem discussão os artigos desde quadregesimo até quinquagesimo terceiro com seus paragraphos. Retira-se o Snr. Ulrich, o Snr. Presidente suspende a sessão por não haver numero sufficiente de socios para continuarem os

trabalhos. Comparece o Snr. Kraemer, é reaberta a sessão. São approvados sem discussão o artigos desde quinquagessimo quarto até sexagesimo segundo e seus paragraphos. O Snr. Appollinario Jesuino faz uma emenda ao artigo sexagesimo terceiro, é approvada a emenda e o artigo sexagesimo terceiro e bem assim os mais que se seguem até sexagesimo oitavo, sem discussão. Falla sobre o artigo sexagesimo nono o Snr. Kraemer. O Snr. Gonsalves Junior manda á mesa um substitutivo a esse artigo, que é approvado, bem como sem discussão os artigos desde septuagesimo até septuagesimo oitavo. Falla contra o artigo septuagesimo nono o Snr. Gonsalves Junior. Verificando-se não haver numero sufficiente para continuarem os trabalhos, o Snr. Presidente levanta a sessão, designando o dia immediato para a reunião da Assembléa Geral. E para constar lavrei a presente acta que está rubricada pelo Snr. Vice-Presidente Appollinario Jesuino e por mim assignada. O Segundo Secretario Augusto Rodrigues Totta.

Oitava sessão. — Numero 8. — Acta da Assembléa Geral celebrada em dez de abril do anno de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. Appollinario Jesuino.

Aos dez dias do mez de abril do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se reunidos na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Gonsalves Junior, Lucio Porto Alegre, Appollinario Jesuino, Totta, Affonso Marques, Enéas, Lavra e Pinto, Kraemer, Guerreiro, Hilario, Gaspar e Appollinario Porto Alegre, o Snr. Presidente abriu a sessão ás nove horas da noite. Não havendo expediente entram em discussão os Estatutos.

São approvados sem discussão os artigos desde septuagesimo nono até o centesimo decimo nono com seus respectivos paragraphos. Usando da palavra o Snr. Gonsalves Junior pede para que seja supprimido o artigo centesimo vigesimo e expõe as razões pelas quaes faz esse pedido. Fallarão contra essa idéa e em abono do referido artigo Appollinario Porto Alegre e Affonso Marques. Pede a palavra o Snr. Appollinario Jesuino e contesta a opinião dos dous ultimos oradores. O Snr. Lucio Porto Alegre usando da palavra vota para que o requerimento de que trata o artigo centesimo vigesimo seja assignado somente pela maioria da casa. Verificando-se não haver numero sufficiente para se continuarem os trabalhos, o Snr. Presidente levanta a sessão ás dez horas da noite, designando o

dia doze do corrente ás oito horas da noite para a reunião da Assembléa Geral. E para constar lavrei a presente acta, que está rubricada pelo Snr. Presidente Fay e por mim assignada. O segundo Secretario Augusto Rodrigues Totta.

Nona sessão. — Numero 9. — Acta da Assembléa Geral celebrada em doze de abril de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. José Fay.

Aos doze dias do mez de abril do anno de mil oitocentos e setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Appollinario Jezuino, Gabriel Fay, Hilario, Kraemer, Affonso Marques, Gaspar, Enéas, Horta, Frederico Vianna, Carvalho, Gonsalves Junior, Appollinario Porto Alegre, Nicolau, Guerreiro e Totta, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito e um quarto horas da noite. Foi lida e approvada sem discussão a acta da sessão antecessora.

Não havendo expediente entrão os Estatutos em discussão. Pede a palavra o Snr. Appollinario Jezuino e formula o seguinte requerimento: requeiro para que seja ampliado o artigo centesimo vigesimo do modo seguinte: — Toda a Directoria ou qualquer de seus membros podem ser accusados em suas prevaricações por um requerimento assignado por um mais membro e apoiado pelo juiz supremo, que é a Assembléa dos socios ou a sua maioria, sem que tome parte na votação os signatarios da accusação, que só poderão sustentar em discussão seu acto representativo. O qual foi submettido a discussão. O Snr. A. Porto Alegre usando da palavra contesta a opinião do orador. E' reprovado o requerimento. Pede a palavra o Snr. Gonsalves Junior e diz que para harmonisar a discussão do artigo centesimo vigesimo manda á mesa o seguinte substitutivo que foi approvado: considerar-se-ha vago qualquer cargo da Directoria, cujo proprietario não compareça aos trabalhos da Associação sem causa justificada pelo espaço de um mez. Outrosim poderá ser exautorado aquelle membro da directoria ou toda ella, quando se apresente um requerimento assignado por vinte socios em que justifiquem as causas, pelas quaes se deve effectuar a exautoração, devendo neste caso convocar-se uma sessão especial para a discussão do referido requerimento; não podendo a exautoração realisar-se sem que votem por ella trez quartas partes dos socios presentes nessa sessão. São approvados sem discussão os artigos desde centesimo vigesimo primeiro até centesimo trigésimo segundo. O Snr. Presidente em nome da Directoria solicita demissão della, e para que se proceda a eleição nova.

O Snr. Affonso Marques pede para que se consulte á casa sobre o que se deve fazer a respeito. Posto em votação o que sollicitou o Snr. Presidente, houve empate nella; tirou-se a sorte, foi approvada a nova eleição. O Snr. Horta pede que se exare na acta o protesto que faz contra a deliberação do sorteio. Não havendo nada mais a tratar-se, o Snr. Presidente levantou a sessão ás nove horas, designando o proximo domingo quatorze do corrente ás dez horas da manhã para reunião da Assembléa Geral, afim de se proceder a nova eleição. E para constar lavrei a presente acta que está rubricada pelo Snr. Presidente Fay e por mim assignada. O Segundo Secretario Augusto R. Totta.

Decima sessão. — Numero dez. — Acta da Assembléa Geral celebrada em quatorze de abril de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. Gabriel Fay.

Aos quatorze dias do mez de abril do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon os Snrs. Horta, Hilario, Sá Brito, Achilles, Appollinario Porto Alegre, Guerreiro, Lobo Barreto, Fay, Gonsalves Junior, Damasceno Vieira, Crescentino, Vasco de Azevedo, Affonso Marques e Totta, o Snr. Presidente abriu a sessão ás onze e meia horas da manhã. Foi lida e approvada sem debate a acta da sessão antecedente. Procede-se á eleição da Directoria e mais commissões, que dá o seguinte resultado:

Para Presidente effectivo:

Recolherão-se quinze cédulas, sendo trez em branco; tiveram votos os Snrs. G. Fay onze — Appollinario Porto Alegre um.

Para Vice-Presidente:

Recolherão-se quinze cédulas sendo trez em branco, foi eleito o Snr. A. Jezuino com doze votos.

Para primeiro e segundo Secretarios:

Recolherão-se quinze cédulas sendo trez em branco, foi eleito o Snr. Gonsalves Junior com doze votos para primeiro Secretario e o Snr. Totta com doze para segundo dito.

Para primeiro e segundo Adjuntos:

Recolherão-se doze cédulas sendo trez em branco, tiveram votos os Snrs. Vasco de Azevedo sete — Sá Brito um — Crescentino um — para primeiro adjunto e para segundo dito os Srs. Lobo Barreto oito — Enéas um.

Para Thesoureiro e Adjunto:

Recolherão-se quatorze cedulas sendo trez em branco. Tiverão votos os Snrs. Nicolau oito — Appollinario Porto Alegre um e Enéas dois para Thesoureiro e para Adjunto os Snrs. Enéas oito — Sá Brito dois — Horta um — Crescentino um.

Para primeiro e segundo Orador:

Recolherão-se quatorze cedulas sendo trez em branco. Tiverão votos os Snrs. Affonso Marques dez — Bernardino dos Santos um para primeiro e para segundo os Snrs. Victorino oito — Hilario dois — Aurelio um.

Para Bibliothecario e Adjunto:

Recolherão-se quatorze cedulas sendo trez em branco. Tiverão votos os Snrs. Azambuja nove — Damasceno Vieira um — Nicolau um para Bibliothecario e para Adjunto os Srs. Gaspar nove — Enéas um — Sá Brito um.

COMMISSÕES

De Philosophia:

Recolherão-se quatorze cedulas sendo trez em branco, tiverão votos os Snrs. Dr. Caldre e Fião nove — Vasco de Araujo nove — Appollinario Porto Alegre trez — Affonso Marques dois — Hilario um — Lobo Barreto um.

De Historia:

Recolherão-se quatorze cedulas sendo quatro em branco, tiverão votos os Snrs. Damasceno Vieira nove — Gustavo Vianna seis — Appelles trez — A. Marques dois — Appollinario dois — Nicolau um — Achilles um.

De Litteratura:

Recolherão-se quatorze cedulas sendo uma em branco, tiverão votos a E.^{ma} Snr.^a D.^a Amalia Figueirôa nove — Nicolau oito — Bernardino dos Santos trez — Aurelio dois — Gonsalves Junior dois — Damasceno um — Appollinario um — Appelles um.

De Critica:

Recolherão-se quinze cedulas sendo trez em branco, tiverão votos os Snrs. Berlink dez — Francisco Cunha nove — Appollinario um — Aurelio um — Bernardino dos Santos um — Hilario um — Damasceno um.

De Redacção:

Recolherão-se quinze cédulas sendo uma em branco, tiverão votos os Snrs. Hilario doze — Appollinario Porto Alegre onze — Gonsalves Junior onze — Achilles dez — Sá Brito sete — Vasques seis — Bernardino dos Santos seis — Nicolau quatro — Totta dois — Berlink um — Affonso Marques um — Appollinario Jezuino um — L. Barreto um — Aurelio um.

Theatral:

Recolherão-se quatorze cédulas sendo quatro em branco, tiverão votos os Snrs. N. Vasques sete — F. Lara seis — Kramer seis — Franklin seis — A. Ulrich cinco — Appollinario Porto Alegre dois — Enéas um — Hilario quatro — Lavra Pinto cinco — B. dos Santos dois — Fay um — Dr. Caldre e Fião um — Damasceno um — Horta um — Crescentino um — Achylles um — Vasco de Azevedo um — E. Paiva um — Aurelio um — Affonso Marques um.

Tendo empatado em votos na commissão de Redacção os Snrs. J. Vasques e B. dos Santos tirou-se a sorte recahindo sobre aquelle.

Não havendo mais nada a tratar-se o Snr. Presidente levantou a sessão á uma hora da tarde designando segunda feira, vinte e dois do corrente, ás oito horas da noite, para a sessão ordinaria. E para constar lavrei a presente acta, que está rubricada pelo Snr. Presidente Fay e por mim assignada. O segundo Secretario Augusto Rodrigues Totta.

Numero onze. — Acta da primeira sessão ordinaria que teve logar em vinte e dois de abril de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. G. Fay.

Aos vinte e dois dias do mez de abril do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Appollinario Porto Alegre, Hilario, Victorino, Guerreiro, Fay, Gonsalves Junior, Appollinario Jezuino, Vasco de Azevedo, Achilles, Guimarães, Lobo Barreto, Lavra Pinto, Azambuja, Enéas, Totta, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite. Foi lida e approvada sem discussão a acta da sessão ultima. Vem á mesa a seguinte proposta assignada pelos Srs. Hilario, Appollinario Porto Alegre: o Parthenon Litterario decreta: artigo primeiro. Que esta sociedade effectue no ultimo sabbado de cada mez a contar de junho futuro um sarão litterario. Artigo segundo. Este sarão constará de duas partes, primeira de leitura de producções dos socios e a segunda de um baile; que foi posto em discussão.

Pede a palavra o Snr. Achilles que falla contra a proposta dizendo que, em vista de existirem na casa trabalhos de mais importancia e de mais interesse para a sociedade, os quaes se devem encetar primeiramente, como sejam a publicação da revista, as aulas e a organização de uma Companhia Dramatica (a qual ia propor), é de opinião que se aguarde occasião opportuna para se levar avante esse projecto, pois que agora elle viria servir d'impecilio á esses trabalhos. Em seguida toma a palavra o Snr. Hilario que mostrou a conveniencia dos saráus litterarios, impugnando os argumentos emitidos pelo Snr. Achilles. Succedeu-lhe o Snr. Gonsalves Junior opinando com as idéas do Snr. Achilles, no que diz respeito á revista, e da inconveniencia de se levar avante o projecto em discussão. Usando da palavra o Snr. A. Porto Alegre tenta destruir as idéas dos Snrs. Achilles e Gonsalves Junior sustentando o referido projecto. Pede a palavra o Snr. Appollinario Jezuino e discorda em idéas com os Snrs. A. Porto Alegre e Hilario. O Snr. Hilario retira a proposta. Vem á mesa a seguinte these assignada pelos Snrs. A. Porto Alegre e Victorino: o casamento nas condições do catholicismo funda-se na lei natural? A indissolubilidade dos laços é util ou prejudicial aos interesses sociaes? — que foi pelo Snr. Presidente posta em discussão; sendo approvada, foi designado o Snr. Vasco de Araujo para dar parecer sobre ella. Foram offerecidas ao Parthenon as seguintes obras: *Les Filles de Feu*, *Une Philosophe sous les Toits*, *Contes et Nouvelles*, *Les Anglais chez Eux*, *Contes* por Alfred Musset, *Le Vieillard Amoureux*, *Le Conscrit*, *Scenes de la Vie Flamande*, *Agathe et Cicile*, *Contes Bizarres*, *La Boheme Galante* offerecidos pelo Snr. Bernardino José de Castilhos, *Le Roman d'une Femme* de A. Dumas Fils, *Licções de Geographia* de Gottier, *André el Savoyano*, *Paulo de Kock*, *O Novo Testamento*, *Hospital do Mundo*, *Corina ou Idalia* em quatro volumes, *Historia Romana* em cinco ditos, pelo Snr. Fay. Na Rede de Fonseca Junior, pelo Snr. Pedro Paradedá. Foram propostos para socios effectivos os Snrs. Joaquim Pinto Vieira pelo Snr. Hilario; Pedro Paradedá pelo Snr. Fay; Appollinario Luiz Teixeira pelo Snr. Azambuja; João Baptista de Sampaio e para socio correspondente no Rio Grande, Zacharias Salcedo pelo Snr. Appollinario Jezuino. Não havendo nada mais a tratar o Snr. Presidente levantou a sessão ás nove e meia horas, designando domingo vinte e oito do corrente, ás onze horas do dia, para a sessão ordinaria. E para constar lavrei a presente acta a qual está rubricada pelo Snr. Vice-Presidente Oliveira Porto Alegre e por mim assignada. O segundo Secretario Augusto Rodrigues Totta.

Numero doze. — Acta da segunda sessão ordinaria que teve logar a vinte e nove de abril de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. Appollinario Jezuino.

Aos vinte e nove dias do mez de abril do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Appollinario Porto Alegre, Appollinario Jezuino, Fay, Achilles, Hilario, Vasco de Azevedo, Vasco de Araujo, Lucio Porto Alegre, Enéas, Victorino, Gaspar, Lavra Pinto, Affonso Marques, Theodoro de Miranda, Raineri, Luiz Machado, Azambuja, Ulrich e Totta, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite. Foi lida e approvada a acta da sessão ultima sem debate. Procede-se á votação por meio de escrutinio secreto dos seguintes Snrs. para socios effectivos Joaquim Pinto Vieira, Appollinario Luiz Teixeira, João Baptista de Sampaio, Pedro Paradedá; e para socio correspondente no Rio Grande Zacharias Salcedo, os quaes foram approvados. Comparecendo na sala das sessões o Snr. Presidente effectivo, o Snr. Vice-Presidente o convidou a tomar a cadeira presidencial. Vem á mesa uma proposta do Snr. Ulrich, propondo para socio correspondente em Pelotas o Snr. Antonio Caetano Seve Navarro, e para socio effectivo Carlos José van Nés. *Não havendo nada a tratar-se sobre a primeira parte da ordem do dia, passa-se á segunda.* Primeira parte da ordem do dia. O Snr. Totta recitou uma poesia de sua lavra. Succedeu-lhe o Snr. Ulrich, que leu um trabalho sobre o amor. Segunda parte da ordem do dia. O Snr. Vasco de Araujo leu o parecer sobre a these que entra em discussão, e não havendo quem pedisse a palavra o Snr. Affonso Marques na qualidade de primeiro orador argumenta contra o parecer em discussão; o orador tenta justificar que a indissolubilidade dos laços não só é util aos interesses sociaes como aos interesses particulares; e depois de tocar em diversos pontos em abono de seu argumento traz em seu auxilio os grandes legisladores do catholicismo, que, achando a indissolubilidade dos laços tão util e tão elevados, os santificarão. O orador conclue dizendo que não se achava prevenido para entrar nesta discussão e por isso não tinha feito estudo algum sobre a these, esperando que para a segunda discussão tomassem parte nella oradores de idéas mais esclarecidas que a sua e com conhecimentos de causa. Pede a palavra o Snr. Appollinario Porto Alegre que diz tambem não ter vindo prevenido para entrar nessa discussão; pois que tinha visto um movimento animoso dar esperanças de que haveria uma lucta brilhante nesta sessão, mas que ia fazer algumas reflexões sobre o que tinha dito o Snr. Affonso Marques; e argumentou contra as idéas do mesmo. Succedeu-lhe o Snr. Ulrich, que pede ao Snr. presidente para, no caso em que seja

possível, mandar entregar-lhe o parecer, pois que desejava fazer algum estudo sobre elle afim de discutil-o na proxima sessão; e concorda com as idéas do Snr. Affonso Marques. O Snr. Presidente encerra a primeira discussão da these e designa a proxima sessão para a segunda discussão della. Não havendo nada mais a tratar-se o Snr. Presidente levanta a sessão ás dez horas, designando segunda feira, seis de maio, para a sessão ordinaria, ás oito horas da noite. E para constar lavrei a presente acta que está rubricada pelo Snr. Vice-Presidente Appollinario J. de Oliveira Porto Alegre e por mim assignada. O segundo Secretario Augusto Rodrigues Totta.

Numero treze. — Acta da terceira sessão ordinaria que teve logar a seis de maio de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. Appollinario Jezuino.

Aos seis dias do mez de maio de mil oitocentos setenta e dois, achando-se reunidos na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Appollinario Jezuino, Kraemer, Gaspar, Victorino, Affonso Marques, Hilario, Mucio, Enéas, Sá Brito, Achilles, Lavre Pinto, Appollinario Porto Alegre, Vasco de Azevedo e Totta, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite.

Foi lida e approvada sem debate a acta da sessão ultima. Foram approvados para socios effectivos o Snr. Carlos Van Nés e correspondente em Pelotas o Snr. Antonio Caetano Seve Navarro. Foram propostos para socios effectivos os Srs. João Antonio Pinto dos Santos, José Ferreira da Silva, por Vasco de Azevedo; Bento Joaquim da Silva, Estolano Gomes de Mello e Affonso Fragoso Bandeira, por Gaspar Guimarães e Appollinario Porto Alegre, e para socio correspondente no Rio de Janeiro Frederico Sattamini pelo Snr. Augusto Totta. Veio á mesa a seguinte proposta assignada pelos Snrs. Kraemer, E. Furtado, Affonso Marques, Achylles: propomos que entre os socios do Parthenon se organise uma Companhia Dramatica com o fim de algumas vezes no anno levar á scena espectaculos em beneficio do Parthenon, ficando a commissão theatral autorisada a organizar um regulamento interno para regular convenientemente esta resolução. Fallarão contra a proposta o Snr. Mucio, e a favor della o Snr. Kraemer.

O Snr. Achylles pede para que seja nomeada uma commissão afim de syndicar da existencia das remidas pelo Parthenon, em vista da commissão já nomeada para este fim não ter cumprido com o seu dever e manda á mesa uma proposta neste sentido. Fallarão sobre este assumpto os Snrs. Appolli-

nario Jezuino, Appollinario Porto Alegre e Vasco de Araujo. Forão nomeados para esta commissão os Snrs. Dr. Caldre e Fião, Achylles e Vasco Araujo. Usando da palavra o Snr. Affonso Marques propõe o adiamento da these, que entra em discussão, em vista de não se achar presente o Snr. Ulrich, que ficára com a palavra para esta discussão. Succedeu-lhe o Snr. Hilraio, declarando não ter o Snr. Ulrich ficado com a palavra como acabava de declarar o orador que lhe precedeu na tribuna. Estando já avançada a hora, ficou adiada a discussão da these, e o Snr. Presidente levantou a sessão ás dez horas, marcando para a ordem do dia da proxima sessão a discussão da referida these. E para constar lavrei a presente acta que está rubricada pelo Snr. Vice-Presidente Appollinario Jezuino e assignada pelo adjunto Vasco de Azevedo. O segundo Secretario Augusto Rodrigues Totta.

Numero quatorze. — Acta da primeira sessão extraordinaria que teve lugar em dez de maio de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. Appollinario Jezuino.

Aos dez dias do mez de maio do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. A. Jezuino, Appollinario Porto Alegre, Enéas, Guerreiro, Achylles, Affonso Marques, Victorino, Vasco de Azevedo, Delfim Camara, Azambuja e Totta, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite. Foi lida e approvada sem debate a acta da sessão extraordinaria ultima. Achando-se presente o novo associado Snr. Van Nés, o Snr. Presidente convida o Snr. primeiro Orador para saudal-o, o qual, tomando a palavra, o sauda na forma do costume. O novo associado corresponde á saudação que acabou de receber. O Snr. Presidente declara que convocára esta sessão extraordinaria, afim de que a casa resolvesse o que se deveria fazer a respeito do Snr. Thesoureiro; porquanto tendo sido avisado a tempo para a sessão economica, não compareceu a ella, dando uma desculpa irrasoavel e faltando com o cumprimento de seus deveres, e que egualmente o Snr. primeiro Secretario tem deixado de comparecer a diversas sessões sem que tenha participado essas faltas. Pede a palavra o Snr. Appollinario Porto Alegre, e é de opinião que a Directoria decida a esse respeito, como julgar conveniente. O Snr. Presidente submete á approvação da casa a idéa apresentada pelo Snr. A. Porto Alegre, a qual foi acceita. Não havendo nada mais a tratar-se, o Snr. Presidente levantou a sessão ás nove horas e para constar

lavrei a presente acta, a qual está rubricada pelo Snr. Vice-Presidente A. Jezuino, e por mim assignada. O segundo Secretario Augusto Rodrigues Totta.

Numero quinze. — Acta da quarta sessão ordinaria que teve lugar em treze de maio de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. Dr. Caldre e Fião.

Aos treze dias do mez de maio do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Dr. Caldre e Fião, Appollinraio Jezuino, Lobo Barreto, Azambuja, Hilario, Mucio, Guerreiro, A. Porto Alegre, Van Nés, Zeferino Roiz, Ulrich, Damasceno, Lavra Pinto, Victorino, Kraemer, Affonso Marques, Enéas, Bittencourt, Carvalho, Theodoro de Miranda, Vasco de Azevedo, Lara, Achylles, Vasco Araujo e Totta, o Snr. Presidente honorario abriu a sessão ás oito horas da noite. Foi lida e approvada sem debate a acta da sessão ultima. Eguamente forão lidos um officio do Ex.^{mo} Snr. Presidente do Maranhão e outro do Snr. primeiro Secretario desta Sociedade. Foram approvados por meio de escrutinio secreto os seguintes Snrs. para socios do Parthenon Litterario: socio correspondente Frederico Sattamini; para socios effectivos Bento Joaquim da Silva, Estolano Gomes de Mello, Affonso Fragoso Bandeira, não sendo aprovado o Snr. Antonio José Roiz Ferreira. Achando-se presente o novo associado Snr. Bento Joaquim da Silva, é saudado pelo segundo Orador na forma do costume. Não havendo nada a tratar-se sobre a primeira parte da ordem do dia passa-se á segunda parte. Entra em segunda discussão o parecer sobre a indissolubilidade dos laços. Pede a palavra o Snr. Achylles dizendo que não entrava na discussão da these, sem que primeiramente tomassem parte nella, aquellas pessoas que, como o Snr. Victorino achavão-se compromettidos. Em resposta o Snr. Victorino declarou que não se havia compromettido a tomar parte na discussão da These e que ninguem lhe poderia impor a liberdade. Em seguida orou o Snr. Appollinario Porto Alegre, declarando á casa que, se pela segunda vez subia á tribuna para tratar da these em discussão, é porque via o indifferentismo com que a tratavão tantos moços illustrados pelo que lamentava, tornando-se o orador naquelle momento o recurso nas discussões. O orador continua emittindo os mesmos argumentos em favor do casamento soluvel que apresentou na ultima sessão. Tomou a palavra o Snr. Presidente honorario para fazer uma addenda ao discurso do Snr. Appollinario, e expoz a sua opinião sobre a these, robustecido

em diversos socialistas e medicos profundos que combatem o casamento dissoluvel. Em seguida o Snr. Appollinario Jezuino responde a um aparte que deu ao orador que lhe precedeu na tribuna. Não havendo nada mais a tratar-se levantou a sessão ás dez horas. E para constar lavrei a presente acta que está rubricada e assignada por mim. O segundo Secretario Augusto Roiz Totta.

Numero dezeseis. — Acta da quinta sessão ordinaria, que teve lugar a vinte e sete de maio de mil oitocentos sesenta e dois.

Presidencia interina do segundo Secretario.

Aos vinte e sete dias do mez de maio do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se reunidos na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Gonsalves Junior, Ulrich, Appollinario Porto Alegre, Azambuja, Lidio, Van Nés, Enéas, Theodoro de Miranda, Mucio, Vasco de Azevedo, J. Furtado, Affonso Marques, Vasco de Araujo, Lucio, Gaspar Guimarães, Gustavo Vianna, Totta, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas do noite. Foi lida e approvada sem debate a acta da sessão ultima. Forão lidos um officio do Snr. Zacharias Salcedo e outro do Snr. Appollinario Luiz Teixeira em que accetição e agradecem o titulo de socios do Parthenon. Foi proposto para socio effectivo pelo Snr. Van Nés o Snr. Francisco de Lima e Silva. Achando-se presente o Snr. Lidio, novo associado, o Snr. primeiro Orador o saudu na forma do costume. Succede-lhe o Snr. novo associado, que corresponde á saudação que recebeu. Vem á mesa a seguinte these: a pena de morte é fundada no direito natural? A sociedade póde tirar aquillo que não póde dar? assignada pelos Snrs. A. Marques e Appollinario Jezuino, a qual foi aceita, sendo designado o Snr. Vasco de Araujo para dar parecer sobre ella. Não havendo nada a tratar-se sobre a primeira ordem do dia, passa-se á segunda parte. Entra em terceira discussão a these sobre a indissolubilidade do casamento. Pede a palavra o Snr. Affonso Marques declarando que se via obrigado na qualidade de primeiro orador a contestar o parecer da these em discussão, porém que suas idéas eram de accordo com esse parecer pois opinava pela dissolubilidade dos laços e que o casamento pelo catholicismo não se fundava na lei natural. Em seguida o Snr. Ulrich pede a palavra e argumenta em abono de suas opiniões já emittidas nas sessões anteriores. Succede-lhe o Snr. Gonsalves Junior declarando não estar sciente da maneira porque tem sido discutida a mesma these em razão de não ter comparecido a sessões passadas, mas que, apesar de não se ter entregado a estudo algum para debatel-a com acerto, ia ligeiramente

fallar sobre a these, opinando pela indissolubilidade dos laços, e termina pedindo a palavra para a sessão seguinte. Pede também a palavra para a mesma sessão o Snr. Affonso Marques.

O Snr. Presidente marca a segunda feira proxima futura para continuar a terceira discussão da these. O Snr. Ulrich usando da palavra pela ordem, lembra á Directoria que se acha proximo o dia do anniversario do Parthenon, e por isso era justo que se tomase qualquer iniciativa afim de não passar despercebido esse memoravel dia. O Snr. Appollinario Porto Alegre fallando nesse mesmo sentido, lembra o artigo do regulamento que trata a respeito. Em seguida o Snr. Gonsalves Junior diz que a Directoria ha de fazer tudo que estiver ao seu alcance para que tenha logar a sessão anniversaria com mais ou menos pompa; e que depois de deliberarem entre si o que se deveria fazer, uma sessão extraordinaria da casa resolveria a respeito. Não havendo nada mais a tratar-se o Snr. Presidente interino levantou a sessão ás nove e um quarto horas da noite. E para constar lavrou-se a presente acta que está rubricada pelo Snr. Presidente Appollinario Jezuino e rubricada pelo Snr. Arthur Lara Ulrich, servindo de segundo Secretario. O segundo Secretario Augusto Rodrigues Totta.

Numero dezesete. — Acta da sexta sessão ordinaria que teve logar em treis de junho de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. Appollinario Jezuino.

Achando-se presentes os Snrs. Appollinario Jezuino, Appollinario Porto Alegre, Ulrich, Vasco de Azevedo, Lucio, Van Nés, Achylles, Mucio, Lidio, Horta, Enéas, Victorino, Affonso Marques, Gaspar Guimarrães, Fragoso, Appollinario Teixeira e Totta, o Snr. Presidente abriu a sessão ás sete horas da noite. Foi lida e approvada sem discussão a acta da sessão ultima. Egualmente foram lidos um officio do Snr. Seve Navarro, em que agradecia e aceitava o logar de socio correspondente dessa Associação e outro do Snr. Presidente effectivo pedindo demissão do cargo que occupa; o qual foi pelo Snr. Presidente submettido a consideração da casa. Usando da palavra o Snr. Appollinario Porto Alegre, opina que seja nomeada uma comissão dentre os socios presentes no intuito de conseguir do Snr. Presidente continuar a exercer esse cargo pois que o Parthenon procedendo dessa forma portava-se com cavalheirismo. O Snr. Presidente nomea a comissão a qual fica composta dos seguintes Snrs. Appollinario Jezuino, Van Nés, Affonso Marques, tendo-se excusado a ella os Snrs. Horta, Appollinario Porto Alegre, Achylles e Totta. Achando-se presentes os Snrs.

novos associados Appollinario Teixeira e Fragoso Bandeira, o Snr. Presidente convida o Snr. primeiro Orador para saudal-os, o qual, tomando a palavra, os sauda na forma usual. O Snr. Teixeira pede a palavra e agradece a saudação. O Snr. Presidente declara á casa que em sessão da Directoria foi deliberado que o Parthenon festejasse o dia do seu anniversario com uma sessão magna, como determina o regulamento, com mais ou menos pompa, conforme as suas circumstancias, porem se a sociedade julgasse que esse acto devia ser abrilhantado com outros quaesquer festejos, que entre si resolvessem, não tomando parte nelles a mesma Directoria. Fallão contra esse procedimento os Snrs. Achylles, Lucio, Ulrich e Affonso Marques opinando para que o Parthenon festejasse esse dia com brilhantismo. Opinarão contra os Snrs. Appollinario Jezuíno, Van Nés e Appollinario Porto Alegre. O Snr. Presidente nomea os seguintes Snrs. para a commissão dos festejos: Van Nés, Enéas, Ulrich, Gaspar Guimarães, Lucio e Teixeira, escusarão-se a ella os Snrs. Horta e Achylles. A pedido do Snr. Affonso Marques ficou adiada a discussão da these por não estar presente o Snr. Gonsalves Junior, que está com a palavra para fallar sobre ella. Não havendo nada mais a tratar-se, o Snr. Presidente levantou a sessão ás oito horas, designando quinta feira, seis do corrente, ás sete horas da noite para a sessão extraordinaria. E para constar lavrei a presente acta que está rubricada pelo Snr. Presidente Appollinario Jezuíno e por mim assignada. O segundo Secretario Augusto Rodrigues Totta.

Numero dezoito. — Acta da segunda sessão extraordinaria.

Presidencia do Snr. Appollinario Jezuíno.

Aos seis dias do mez de junho do anno de mil oitocentos setenta e dois achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Ulrich, Horta, Appollinario Porto Alegre, Fragoso, Vasco de Azevedo, Valentin Macedo, Lidio, Azambuja, Achylles, Appollinario Teixeira, Appollinario Jezuíno e Totta, o Snr. Presidente abriu a sessão ás sete e meia horas da noite. Foi lida e approvada sem debate a acta da sessão extraordinaria ultima. O Snr. Presidente participa á casa que a commissão nomeada afim d'ir ver se o Snr. Presidente effectivo continuava a occupar o cargo do qual pedira demissão, lhe communicara que o Snr. Fay não se resolvia a continuar. Em vista do que era mister proceder-se á eleição para presidente effectivo. Forão lidos o officio do Snr. João Pitta dos Santos agradecendo e acceitando o lugar de socio effectivo, e uma proposta do Snr. Achylles Porto Alegre, pro-

pondo para socio effectivo o Snr. Alfredo Ricardo Heinzelmann. Procede-se á votação por meio de escrutinio secreto dos seguintes Snrs. para sócios effectivos: Francisco de Lima e Silva e Joaquim Alves Torres, sendo approvado aquelle e reprovado este, em vista de ter havido empate na votação e a sorte ser-lhe contraria. Vem á mesa o seguinte requerimento do Snr. Ulrich: Requeiro que seja adiada a sessão para sabbado, visto a commissão encarregada de apresentar o programma dos festejos não ter tido tempo para tal. O qual foi approvado. Não havendo nada mais a tratar-se, o Snr. Presidente levantou a sessão ás oito horas, designando sabbado, oito do corrente, ás sete horas da noite para a sessão extraordinaria, afim de se proceder á eleição para o logar de presidente effectivo. E para constar lavrei a presente acta que está rubricada pelo Snr. Presidente Appollinario Jezuino e por mim assignada. O segundo Secretario Augusto Rodrigues Totta.

Numero dezenove. — Acta da terceira sessão extraordinaria.

Presidencia do Snr. Appollinario Jezuino.

Aos oito dias do mez de junho do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon, os Snrs. Appollinario Jezuino, Appollinario Teixeira, Affonso Marques, Achylles, Carvalho, Crescentino, A. Bandeira, Guerreiro, Lidio, Van Nés, V. Macedo, Vasco de Azevedo, Gaspar Guimarães e Totta, o Snr. Presidente abriu a sessão ás sete horas da noite. Foi lida e approvada sem debate a acta da sessão ultima. Pede a palavra o Snr. Appollinario Jezuino e endereça á mesa as seguintes propostas: propomos para socio correspondente o illustre Padre Almeida Martins, residente no Rio de Janeiro, assignada — Achylles, Lidio, Van Nés, Appollinario Porto Alegre e Appollinario Jezuino. Propomos para socio correspondente em Pelotas o Padre Guilherme Dias — assignada — Appollinario Jezuino, Appollinario Teixeira, B. Carvalho, Achylles. — O orador depois de fallar em abono das propostas pede para que o Parthenon lhes envie um diploma, e uma felicitação a cada um delles pela attitude digna que têm assumido deante de tanta injustiça. Não só forão approvadas as propostas como o mais que pediu o orador. Vem á mesa a seguinte proposta do Snr. Appollinario Porto Alegre: proponho que o Parthenon encarregue-se da confecção das biographias dos Venerandos Thomé, Feliciano Prates e Brito e as publique com o fim de ser applicado o producto ás victimas do ultramontanismo, a qual foi approvada. Procede-se á votação para presidente effectivo, que dá o se-

guinte resultado: recolherão quinze cédulas, sendo uma em branco, tiverão votos os Snrs. Appollinario Jezuino nove, Achylles dois, Van Nés um. O Snr. Presidente diz que em vista de ter sido eleito o Vice-Presidente para presidente, vae-se proceder á eleição para aquelle cargo. Pede a palavra o Snr. Totta e faz ver ao Sr. Presidente que elle não póde fazer essa eleição sem que primeiramente seja annunciada uma sessão para esse fim, segundo o que determina o regulamento. O Snr. Presidente diz que fica adiada esta eleição para a proxima sessão. Usando da palavra, o Snr. Van Nés pede para que transfira-se a discussão dos festejos para outra sessão em vista de não estarem presentes os seus companheiros da commissão. o que foi approved. Não havendo nada mais a tratar-se o Snr. Presidente levantou a sessão ás oito e meia hora da noite e para constar lavrei a presente acta, que está rubricada pelo Snr. Presidente Appollinario Jezuino e por mim assignada. O segundo Secretario Augusto Rodrigues Totta.

Numero vinte. — Acaa da quarta sessão anniversaria.

Presidente honorario o Snr. Dr. Caldre e Fião.

Aos dezoito dias do mez de junho de anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes os Srs. socios Ex.^{ma} Snr.^a Amalia Figueirôa, Ex.^{mo} Snr. General Victorino, Hilario Ribeiro, Appollinario Jezuino, Enéas, Ulrich, Damasceno Vieira, Theodoro de Miranda, Aurelio, Gaspar Guimarães. Lobo Barreto, Kraemer, Sampaio, Bittencourt, Lavra Pinto, Appelles, Gustavo Vianna, Lima e Silva, Israel Azambuja, Gonsalves Junior, Pedro Horta, Horta Filho, Oliveira Horta, Guerreiro Lima, Delfim Camara, Affonso Marques, Antunes, Berlink, Van Nés, Heinzelmann, Crescentino, João B. de Carvalho, Lidio Oliveira, Mucio, Achylles Porto Alegre, Appollinario Teixeira, Sá Brito, Vasco de Azevedo, Vasco de Araujo, Norberto Vasques, Andrade Vasconcellos, Affonso Bandeira, Frederico Lára, Appollinario Porto Alegre e Totta, o Snr. Presidente honorario depois de proferir um discurso analogo ao acto abriu a sessão ás oito horas da noite. Foi lida e approveda sem debate a acta da sessão anniversaria ultima. Em seguida recitarão diversas poesias os Snrs. Achylles, Totta, Mucio, Gonsalves Junior, Gaspar Guimarães, e orarão os Snrs. Kraemer, Ulrich, Van Nés e Affonso Marques. O Snr. Ulrich requer para que o Parthenon solicite de S. M. o Imperador o perdão para Pedro de Miranda. O Snr. Affonso Marques, usando da palavra e na qualidade de primeiro orador, pede para que seja adiada a discussão desse requerimento para outra

sessão em vista do regulamento não permittir que nessas sessões se trate de questões alheias ao acto. O Snr. Presidente deixa sobre a mesa o requerimento. Não havendo nada mais a tratar-se levantou-se a sessão ás nove horas da noite. E para constar lavrei a presente acta que está assignada pelo Snr. Presidente honorario Dr. Caldre e Fião e por mim, Augusto Rodrigues Totta segundo Secretario.

Numero vinte e um. — Acta da setima sessão ordinaria que teve lugar em vinte e sete de junho de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. Appollinario Jezuino.

Achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon os Snrs. Enéas, Azambuja, Lidio, Achylles, Vicentino, Baptista de Carvalho, Vasco de Araujo, Appollinario Porto Alegre, Gustavo Vianna, Macedo, Lima, Van Nés, Lucio, Affonso Marques, Teixeira, Damasceno Vieira, A. Teixeira, A. Jezuino, Lobo Barreto e Totta, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite. Foi lida e approvada a acta da sessão ultima sem debate. Egalemente foi lido um officio do Snr. Frederico Sattamini em que agradecia e acceitava o titulo de socio correspondente. Vem á mesa a seguinte proposta: propomos para socios honorarios os Snrs. José Martiniano de Alencar, João Manoel Pereira da Silva, Joaquim Manoel de Macedo, Francisco J. Marcondes Homem de Mello, Pio Angelo da Silva, (assignado) A. Jezuino, Van Nés, Lima e Silva, B. de Carvalho, Enéas, Crescentino, Macedo, Appollinario Porto Alegre, Mucio, Achylles e Totta; os quaes foram approvados por meio de escrutinio secreto. Foram propostos para socios effectivos os Snrs. Melchiades Ferreira Lobo, pelo Snr. Lima e Silva, Antonio Garcia de Miranda pelo Snr. Van Nés, Pedro Luiz Osorio, pelos Snrs. Macedo e Lidio, Luiz Fernandes Teixeira, Antonio Fermino de Almeida e Domingos Antonio Rodrigues, pelo Snr. Appollinario Teixeira. Visto não haver nada mais a tratar-se passa-se á primeira parte da ordem do dia. O Snr. Mucio recitou uma poesia de sua lavra. Passa-se á segunda parte da ordem do dia. O Snr. Presidente pede ao Snr. Vasco de Araujo para apresentar o parecer sobre a these annunciada, em vista de ter sido designado para este fim. Usando da palavra o Snr. Vasco de Araujo declara que incommodos physicos e moraes o impossibilitarão de apresentar nesta sessão o parecer, porem que compromettia-se a apresental-o na proxima sessão. Pede a palavra o Snr. Achylles, e censura a commissão de redacção por ainda não ter apresentado os Estatutos afim de ser impressos. Succede-lhe o Snr. Appollinario Porto Alegre,

igualmente censura algumas faltas da parte do Snr. Presidente effectivo, primeiro secretario, primeiro orador e bibliothecario. Fallarão contra estas accusações os Snrs. A. Jezuino e Affonso Marques. O Snr. Appollinario Porto Alegre, usando da palavra, pede para que o Snr. Presidente dê as providencias necessarias afim de serem abertas no mez proximo vindouro as aulas nocturnas contendo as seguintes materias: Corographia da Provincia e Historia lecionada pelo Snr. Affonso Marques; Mathematicas Elementares pelo Snr. Vasco de Araujo; Escripturação Mercantil pelo Snr. José R. de Andrade e Silva; Grammatica Portugueza pelo orador. O orador conclue dizendo que se foi á tribuna fazer diversas accusações é que não havia materia para ser discutida. Não havendo nada mais a tratar-se, o Snr. Presidente levantou a sessão ás oito e meia horas da noite, designando segunda feira proxima vindoura para a sessão ordinaria. E para constar lavrei a presente acta que está rubricada pelo presidente Appollinario Jezuino e por mim assignada. O segundo Secretario Augusto Rodrigues Totta.

Numero vinte e dois. — Acta da oitava sessão ordinaria que teve lugar em primeiro de julho de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. Appollinario Jezuino.

Achando-se presentes nas salas das sessões do Parthenon os Snrs. Hilario, Vasco de Azevedo, Lidio, Mucio, Appollinario Porto Alegre, A. Teixeira, Appollinario Jezuino, Kraemer, Enéas, Vasco de Araujo, Achylles, Lavra Pinto, Macedo, Gonsalves Junior, Azambuja, Vianna, Lobo Barreto, Damasceno Vieira, Totta, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite. Foi lida e approvada sem debate a acta da sessão ordinaria ultima. Foram approvados por meio de escrutinio secreto os seguintes Snrs. para socios effectivos: Fortunato Melchiades Ferreira Lobo, Antonio Garcia de Miranda, Pedro Luiz Ozorio Junior, Luiz Fernandes Teixeira, Antonio Firmino de Almeida e Domnigos Antonio Roiz. O Snr. Presidente diz que foi apresentado uma proposta do Snr. Ulrich, na qual propoem diversos Snrs. para socios correspondentes; e não se achando ella em ordem, não só por vir assignada por um socio somente como tambem por estarem os propostos residindo neste lugar, a Directoria não a pode aceitar. Fallarão sobre o mesmo sentido os Snrs. Achylles e Gonsalves Junior. Forão propostos para socios effectivos pelo Snr. Vasco de Azevedo o Snr. Joaquim Alves Torres e pelo Snr. Kraemer o Snr. Gonsalo Henriques de Carvalho. O Snr. Presidente faz ver á casa que encontrara sobre a mesa uma proposta do Snr Ulrich, propondo para que o

Parthenon solicitasse de Sua Magestade o perdão para Pedro de Miranda. Forão nomeados os seguintes Snrs. para formularem essa solicitação: Appollinario Porto Alegre, Lavra Pinto, Lidio e Hilario, os quaes pedirão desculpa de não aceitar essa commissão, não só por diversas afazeres á sociedade como outros que sómente a elles dizem respeito. Sendo nomeado o Snr. Ulrich para esse fim. O Snr. Hilario pede para que o Snr. Presidente nomeie outra commissão para organizar os Estatutos, em vista da commissão actual estar a braços com a publicação da Revista. Foram nomeados para essa commissão os Snrs. Lavra Pinto e Gustavo Vianna. Não havendo nada a tratar sobre a primeira ordem do dia, passa-se á segunda parte. — O Snr. Vasco de Araújo lê o seu parecer sobre a seguinte these. — A pena de morte funda-se na lei natural? A Sociedade póde tirar aquillo que não póde dar? A qual foi posta em discussão. Tomou a palavra o Snr. Appollinario Porto Alegre e foi de encontro ao parecer, demonstrando que a pena de morte era fundada no direito natural. Succedeu-lhe o Snr. Appollinario Jezuino, discordando das idéas emitidas pelo orador que lhe precedeu na tribuna. Não havendo nada mais a tratar-se o Snr. Presidente levantou a sessão ás nove horas, designando segunda feira, oito do corrente ás oito horas da noite, para a sessão ordinaria e marca para ordem do dia a segunda discussão da these.

Para constar lavrei a presente acta que está rubricada pelo presidente Appollinario Jezuino e por mim assignada. O segundo Secretario Augusto Rodrigues Totta.

Numero vinte e treis. — Acta da sessão ordinaria que teve lugar em oito de junho de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. Appollinario Jezuino.

Aos oito dias do mez de julho do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala do Parthenon Litterario o Snr. Appollinario Jezuino, Totta, Achylles Porto Alegre, Appollinario Teixeira, Mucio, C. Kraemer, Van Nés, Valentin de Macedo, Lidio, Damasceno Vieira, Lavra Pinto, Appollinario Porto Alegre, Enéas Furtado, Lucio Porto Alegre, Affonso Marques, Gustavo Filho, Hilario Ribeiro, Vasco de Azevedo, Azambuja, Vasques e Barreto, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite e depois de lida e approvada a acta da sessão ordinaria ultima, forão lidos os officios dirigidos pelos Snrs. Fortunato, Melchiades, Ferreira Lobo, Domingos Antonio Rodrigues, Antonio Fermino de Almeida e Pedro Luiz Ozorio, participando aceitarem os logares de socios

effectivos, sendo em seguida igualmente approvedo, procedendo-se por meio de escrutinio secreto, o Snr. Gonsalo Henrique de Carvalho. O Snr. Presidente apresentou á casa o seguinte pedido: A commissão theatral estando disposta a encetar os trabalhos que lhe forão confiados, pede á Directoria do Parthenon Litterario a remessa de alguma producção que esteja nos casos de ser representada. Assignados os Snrs. C. Kraemer, C. Lavra Pinto e Franklin de Vasconcellos. Fallarão sobre a proposta os Snrs. Achylles, Appollinario Porto Alegre, Lavra Pinto, Appollinario Jezuino e C. Kraemer. Não havendo nada mais a tratar-se quanto á primeira parte da ordem do dia, passou-se á segunda. Continuou em segunda discussão a these: A pena de morte funda-se na lei natural? A Sociedade póde tirar aquillo que não póde dar? Orou o Snr. Kraemer defendendo a pena de morte como necessaria á sociedade e em seguida o Snr. Appollinario Jezuino, pedindo a palavra, opinou contra as idéas daquelle Senhor e não havendo na casa numero sufficiente de socios o Snr. Presidente levantou a sessão ás nove horas e meia, ficando a segunda discussão da mesma these adiada para a primeira sessão ordinaria e com a palavra os Snrs. Appollinario Porto Alegre, Lucio e Achylles. E para constar lavrei a presente acta, que está rubricada pelo presidente Appollinario Jezuino e por mim assignada. O adjunto do segundo Secretario João da Cunha Lobo Barreto Filho.

Numero vinte e quatro. — Acta da sessão ordinaria que teve logar em quinze de julho do anno de mil oitocentos setenta e dois.

Vice-Presidencia do Snr. Van Nés.

Aos quinze dias do mez de julho do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario, os Snrs Van Nés, Vasco de Azevedo, Valentim de Macedo, Ulrich, Lidio, Appollinario Teixeira, Appollinario Porto Alegre, Sá Brito, Affonso Marques, C. Kraemer, Achylles, Damasceno, Lavra Pinto, Azambuja, Azevedo e Barreto; o Snr. Vice-Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite. Sendo lida a acta da ultima sessão ordinaria, foi approveda depois de corrigidos alguns enganos notados pelos Snrs. C. Kraemer e Ulrich. Em seguida fallarão sobre a actual Directoria em relação ás aulas noturnas os Snrs. Achylles, Appollinario Porto Alegre, Affonso Marques e Van Nés. Passando á segunda parte da ordem do dia, continuou em segunda discussão a these sobre a pena de morte, tendo a palavra o Snr. Appollinario Porto Alegre que pronunciou um discarso em defesa á mesma pena. E não havendo na casa numero suffi-

ciente de socios o Snr. Vice-Presidente suspendeu a sessão ás nove horas e um quarto, ficando a discussão da these adiada para a primeira sessão ordinaria e com a palavra os Snrs. Appollinario Porto Alegre, Lucio e Achylles. E para constar lavrei a presente acta, que é rubricada pelo Vice-Presidente o Snr. Van Nés e por mim assignada. O adjunto do segundo Secretario João da Cunha Lobo Barreto Filho.

Numero vinte e cinco. — Acta da sessão ordinaria que teve logar no dia vinte e nove de julho do anno de mil oitocentos setenta e dois.

Vice-Presidencia do Snr. Van Nés.

Aos vinte e nove dias do mez de julho do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon, os Snrs. Van Nés, Totta, Ulrich, Affonso Marques, Sá Brito, Valentim de Macedo, Pedro Ozorio, Mucio, Vasco de Azevedo, Lucio Porto Alegre, Lavra Pinto, Hilario Ribeiro, Kraemer, Azambuja e Barreto; o Snr. Vice-Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite. Foi lida e approvada sem debates a acta da sessão ordinaria ultima, lendo-se em seguida a proposta dos Snrs, Achylles e Hilario sobre a publicação da Revista que foi unanimemente approvada. Forão approvados para socios effectivos do Parthenon Litterario pelo Snr. Totta o Snr. José Antonio Rodrigues Totta, pelo Snr. C. Lavra Pinto o Snr. Rodrigo Antonio Fernandes Lima e pelo Snr. Vasco de Azevedo o Snr. José Maria Pereira de Magalhães. Tendo o Snr. Ulrich pedido a sua demissão de membro da commissão theatral, fallarão sobre este assumpto os Snrs. Lucio e Kraemer perguntando quaes as razões que movião aquelle socio para semelhante resolução; que forão satisfeitas pelo mesmo. Depois foi lida a relação das pessoas matriculadas nas aulas nocturnas, pedindo nesse sentido o Snr. Affonso Marques algumas explicações que forão prestadas pela presidencia. Passando-se á primeira parte da ordem do dia, o Snr. Mucio recitou uma satyra de sua composição e o Snr. Affonso Marques comprimentou o novo associado, Snr. Pedro Ozorio, o qual pedindo a palavra manifestou-se grato ás expressões do primeiro orador. E não havendo mais nada a tratar-se passou-se á segunda parte da ordem do dia. Orarão contra a pena de morte os Snrs. Lucio e Affonso Marques, levantando o Snr. Presidente a sessão ás nove horas da noite, e ficando adiada a discussão da mesma these para a primeira sessão ordinaria. E para constar lavrei a presente acta que é rubricada pelo Vice-Presidente, o Snr. Van Nés, e por mim assignada. O Adjunto do segundo Secretario João da Cunha Lobo Barreto Filho.

Numero vinte e seis. — Acta da sessão ordinaria que teve lugar no dia cinco de agosto do anno de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. Appollinario Jezuíno.

Aos cinco dias do mez de agosto do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario, os Snrs. Affonso Marques, Appollinario Jezuíno, Totta, Guerreiro, Lavra Pinto, Sá Brito, Appollinario Teixeira, Aurelio, Achylles, Frederico Lara, Kraemer, Azambuja, Gonsalves Junior e Barreto, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite e depois de lida e approvada a acta da ultima sessão ordinaria, procedeu-se á votação, por meio de escrutinio secreto, para socio effectivo, os Snrs. José Antonio Rodrigues Totta, Rodrigo Antonio Fernandes Lima e José Maria Pereira de Magalhães, que foram unanimemente approvados. O Snr. Affonso Marques pediu que se nomeasse uma commissão para ir visitar o Snr. Appollinario Porto Alegre, que se achava doente, sendo para esse fim designados os Snrs. Frederico Lara e C. Lavra Pinto. O mesmo Snr. vindo novamente á tribuna, pediu que se officiasse ao Snr. segundo orador para vir auxilial-o e comparecer com mais frequencia ás sessões. E não havendo nada a tratar-se quanto á primeira ordem do dia, passou-se á segunda parte. Segunda discussão da these sobre a pena de morte. Pediu a palavra o Snr. Kraemer manifestando as suas idéas já emittidas, em seguida o Snr. Affonso Marques no mais brilhante discurso combateu a pena de morte. Fallou novamente o Snr. Kraemer e não havendo numero sufficiente de socios o Snr. Presidente levantou a sessão ás nove horas e um quarto, ficando adiada para a primeira sessão ordinaria a discussão da mesma these. E para constar se lavrou a presente acta que está rubricada pelo presidente Snr. Appollinario Jezuíno e por mim assignada. O adjunto do segundo Secretario João da Cunha Lobo Barreto Filho.

Numero vinte e sete. — Acta da sessão ordinaria que teve lugar no dia doze de agosto de mil oitocentos setenta e dois.

Servindo de presidente o Snr. Totta.

Aos doze dias do mez de agosto do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Totta, Lavra Pinto, Azambuja, Theodoro de Miranda, Mucio, Machado e Bittencourt, Kraemer, Appollinario Teixeira, Damasceno, Fermino, Fragoso, Domingos e Barreto, o Snr. Presidente interino abriu a sessão ás oito horas da noite. Foi lida e approvada a acta da ultima sessão

ordinaria. O Snr. Lavra Pinto deu parte do desempenho da commissão de que fora encarregado, de ir cumprimentar ao Snr. Appollinario Porto Alegre que estava doente. Em seguida foram lidos os officios dirigidos pelos Snrs. Conselheiros José de Alencar, Padre Almeida Martins e Rodrigo Fernandes Lima, aceitando aquelles a nomeação de socios honorarios e este a de effectivo, um do Snr. Appollinario Jezuino participando a sua partida para a cidade do Rio Grande, pedindo o Snr. Kraemer que se dirigisse uma felicitação a esse Snr., e as seguintes propostas: a do Snr. Azambuja apresentando para socios effectivos os Snrs. José Braz de Farias e Arthur de Azambuja, a do Snr. Kraemer apresentado para o mesmo fim o Snr. Luiz Kraemer Walter e a do Snr. Totta apresentando em igual sentido o Snr. José Caetano Ferraz Teixeira. Depois foi por mim proposto que o logar de primeiro orador fosse extincto e se nomeasse um terceiro em substituição, o que foi unanimemente approved. O Snr. Kraemer cumprimentou aos novos associados, os Snrs. Domingos e Firmino, agradecendo este Snr. Finalmente designou-se o dia dezoito do corrente para uma sessão funebre em commemoração á morte do Snr. Affonso Marques — ficando encarregados dos preparativos para esse acto os Snrs. Azambuja, Kraemer e Lavra Pinto. E não havendo nada mais a tratar-se foi encerrada a sessão ás nove horas e meia. E para constar lavrei a presente acta que está rubricada pelo primeiro Secretario Snr. Gonsalves Junior, e por mim assignada. O adjunto do segundo Secretario João da Cunha Lobo Barreto Filho.

Numero vinte e oito. — Acta da sessão ordinaria que teve logar no dia dezanove de agosto do anno de mil oitocentos setenta e dois.

Servindo de Presidente o Snr. Gonsalves Junior.

Aos dezanove dias do mez de agosto do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Gonsalves Junior, Totta, Mucio, Lavra Pinto, Zeferino, Appollinario Teixeira, C. Kraemer, Furtado, Appollinario Porto Alegre, Carvalho, Gustavo, Theodoro de Miranda, Vasco de Azevedo e Barreto; o Snr. Gonsalves Junior abriu a sessão ás oito horas da noite. Sendo lida a acta da ultima sessão ordinaria, foi, sem debates, approved. O Snr. Kraemer fallou sobre os preparativos para a sessão funebre, que foi adiada para o dia dez de setembro proximo futuro. Forão lidos os officios dirigidos pelo Snr. José Maria Pereira de Magalhães, participando aceitar o logar

de socio effectivo e a seguinte proposta: propomos para socios correspondnetes na cidade do Rio Grande o Snrs. Alfredo Augusto de Almeida e Rodrigo da Costa Almeida Lobo, (assignado) Achylles Porto Alegre, etc. Passando-se á primeira parte da ordem do dia o Snr. Mucio recitou uma poesia, na segunda parte o Snr. Kraemer declara ser contra a pena de morte, mas que tinha se manifestado a favor somente para promover discussão, sendo na mesma occasião encerrada essa these e approvado que a pena de morte não se funda na lei natural e a sociedade não pode tirar aquillo que não póde dar. O Snr. Gonsalves Junior apresentou a seguinte these: Em qualquer dos sentimentos ou paixões humanas quem revela mais nobreza e mais generosidade — o homem ou a mulher? Foi designado o membro da commissão de philosophia o Snr. Dr. Caldre Fião para dar parecer sobre essa these. O Snr. Kraemer pediu que se mandasse buscar alguns livros que estavam com o Snr. Ulrich, visto ter este Snr. de brevemente retirar-se desta cidade. E não havendo nada mais a tratar-se, o Snr. Gonsalves Junior levantou a sessão ás nove horas e um quarto e para constar lavrei a presente acta que está rubricada pelo Snr. Totta e por mim assignada. O adjunto do segundo Secretario João da Cunha Lobo Barreto Filho.

Numero vinte e nove. — Acta da Assembléa Geral que teve logar a vinte e nove de agosto di mil oitocentos setenta e dois.

Vice-Presidencia do Snr. Van Nés.

Aos vinte e nove dias do mez de agosto do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Van Nés, Totta, Vasco de Araujo, Achylles, Vasco de Azeredo, E. Furtado, Appollinario Teixeira, Hilario, Appollinario Porto Alegre, C. Kraemer, Zeferino, Theodoro de Miranda, Gustavo, Crescentino e Barreto; o Snr. Vice-Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite. Sendo lida, foi approvada a acta da ultima assembléa geral. A commissão de revisão de estatutos não achou inconveniente algum na creação do logar de terceiro orador em substituição ao de primeiro, que tão bem o exercera o finado socio Affonso Marques, tendo a casa em seguida se manifestado unanimemente por esta opinião. Estando vago o cargo de presidente effectivo procedeu-se á eleição deste logar, recolhendo-se dezeseis cedulas e tendo votos os Snrs. Luiz Kraemer Walter — doze, Guerreiro — um, Van Nés — um, Appollinario Porto Alegre — um, Vasco de Araujo — um, sendo nomeado o primeiro destes Snrs. Para o cargo de thesoureiro que tambem

se achava vago, procedendo-se á votação, recolherão-se dezeseis cedulas. O Snr. Enéas Furtado teve quinze votos e Appollinario Teixeira um, ficando nomeado o Snr. Enéas, e estando a prehencher-se o cargo de adjunto de thesoureiro, para o qual tiverão votos os Snrs. Gaspar Guimarães — cinco, C. Kraemer — quatro, Appollinario Teixeira — trez, Zeferino — um e Vasco de Araujo — um, foi o Snr. Gaspar o nomeado. Devendo se proceder igualmente para o cargo de terceiro orador, o Snr. Achylles foi de opinião que se guardasse para mais tarde essa eleição, o que a casa decidiu em sentido contrario, recolhendo para esse fim quinze cedulas, sendo trez em branco, tendo votos os Snrs. Aurelio V. Bittencourt, quatro, Theodoro de M. — dois, Lavra Pinto — trez, Hilario — dois, C. Kraemer — um, e appollinario Porto Alegre — um, sendo nomeado o primeiro destes Snrs. O Snr. Kraemer e o Snr. Appollinario Porto Alegre fallarão sobre os preparativos da commissão theatral. E nada mais havendo a tratar-se foi encerrada a sessão ás nove horas. E para constar lavrei a presente acta que está rubricada pelo Snr. Presidente e por mim assignada. O adjunto do segundo secretario João da Cunha Lobo Barreto Filho.

Numero trinta. — Acta da sessão ordinaria que teve logar a dois do mez de setembro do anno de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia interina do Snr. Totta.

Aos dois dias do mez de setembro do anno de mil oitocentos setenta e dois, presentes em a sala das sessões os Snrs. Totta, Vasco de Azevedo, Achylles Porto Alegre, Gaspar Guimarães, Crescentino de Carvalho, Lucio Porto Alegre, Appollinario Teixeira, Appollinario Porto Alegre, Mucio, Kraemer, Fragoso, Enéas, Sá Brito, Zeferino e Hilario Ribeiro, o Snr. Presidente interino abriu a sessão. Não se achando presentes os Snrs. primeiro e segundo secretarios, a pedido do Snr. Presidente occupam as respectivas cadeiras os Snrs. Vasco de Azevedo e Kraemer. Lida, foi approvada a acta da sessão antecedente. Forão lidos os seguintes officios: um do Ex.^{mo} Snr. Conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, aceitando e agradecendo o diploma de socio honorario. Outro do Snr. Dr. Pio Angelo da Silva em igual sentido. Outro do Reverendo Snr. Padre Guilherme Joaquim Dias da Cunha em igual sentido, como socio correspondente na cidade de Pelotas. Forão submettidas á votação por escrutinio secreto as seguintes propostas, já syndicadas pela Directoria. Para socios correspondentes, na cidade do Rio

Grande, Snrs. Alfredo Augusto de Almeida e Rodrigo da Costa Almeida Lobo. Forão ambas approvadas por maioria de votos. Passando-se á primeira parte da ordem do dia e não havendo quem pedisse a palavra, passou-se á segunda parte e como o Snr. Dr. Caldre Fião não houvesse apresentado o parecer sobre a these approvada na sessão antecedente, o Snr. Presidente interino adiou a discussão. O Snr. Appollinario Porto Alegre, servindo-se da palavra, pede que se officie de novo ao mesmo Snr. Dr. instando para que apresente o parecer e ao mesmo tempo que se marque no decurso da semana um dia para sessão ordinaria, afim de ter logar a discussão adiada, o que foi approvado pela casa. O Snr. Lucio pedindo a palavra pela ordem deseja saber da commissão theatral em que estado se achão os seus trabalhos, se o espectáculo para beneficio da bibliotheca tem ou não logar. Em resposta, o Snr. Kraemer como membro da commissão alludida declara á casa que o espectáculo não póde ter logar por ora, porque a Snra. D. Ismenia de cujo concurso tudo dependia, havia declarado ultimamente não lhe ser possivel coadjuvar o Parthenon, visto que tendo resolvido partir no dia dez ou doze do corrente não lhe restava tempo para decorar o papel. Em seguida o Snr. Appollinario Porto Alegre dirige algumas censuras ao Snr. thesoureiro por não haver ainda apresentado á casa um balancete. O Snr. Gaspar Guimarães, censurando tambem o Snr. Thesoureiro, especialisa o facto de achar-se ainda o Parthenon em atrazo com as dividas, relativas aos festejos do quarto anniversario. Em seguida o Snr. Kraemer faz a seguinte censura: Ao Snr. Bibliothecario e seu adjunto; pelo pouco cuidado que têm votado aos livros da bibliotheca, dos quaes nem cathalogo existe, á commissão de revisão dos Estatutos por não ter ainda concluido os seus trabalhos, prejudicando assim os interesses da sociedade. O Snr. Kraemer pede nessa occasião que a Directoria officie a essa commissão lembrando-lhe a urgente necessidade do desempenho da sua tarefa; á commissão das aulas nocturnas por não ter ainda dado os passos necessarios para a abertura das aulas, havendo, como consta das matriculas, o numero sufficiente de alumnos. Na mesma occasião declara o Snr. Kraemer que, tendo, como lhe fora disposto na sessão antecedente, exigido do Snr. Ulrich a entrega dos livros pertencentes ao Parthenon, que se achavão em seu poder, este Snr. lhe declarou haver encarregado o Snr. José Theodoro de Miranda de restituil-os. O Snr. Appollinario Porto Alegre respondendo ás censuras do Snr. Kraemer na parte relativa ás aulas nocturnas, declara que se acha tudo prompto para ellas funcționarem, aguardando-se unicamente a sessão funebre que deve ter logar no dia dez, afim de, depois della,

poderem começar a trabalhar; declara ao mesmo tempo que na proxima sessão apresentará as bases dos trabalhos da commissão afim de poder a Directoria mandar fazer os respectivos annuncios. E nada mais havendo a tratar-se o Snr. Presidente interino levantou a sessão ás nove horas da noite, marcando o dia seis, sexta feira, para a sessão ordinaria. E para constar lavrou-se a presente acta. Servindo de segundo secretario — Christiano Kraemer. Está rubricada pelo Snr. segundo Secretario Totta e foi por mim registrada. O adjunto do segundo secretario João da Cunha Lobo Barreto Filho.

Numero trinta e um. — Acta da sessão ordinaria que teve lugar em vinte e quatro de setembro de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia interina do Snr. Totta.

Aos vinte e quatro dias do mez de setembro de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Totta, Vasco de Azevedo, Carvalho, Appollinario Porto Alegre, Crescentino, Gustavo, Hilario, Mucio, Theodoro de Miranda, Magalhães, Sebastião Horta, Kraemer, Vasco de Araujo, Achylles, Landell, Mello, F. Sá Brito, Lucio, Lavra Pinto, José Sá Brito, Enéas, Horta Filho, Servulo, Souza Lobo, Lidio e Barreto; o Snr. Totta abriu a sessão ás oito horas da noite. Depois de approvada a acta da sessão antecedente foi lido o expediente seguinte: duas propostas de P. de Magalhães e Barreto apresentando para socios effectivos os Snrs. José Emilio Gonsalves e Pedro de Araujo Vianna, José Martins Flores e João Pedro de Abreu. Forão offerecidos para a bibliotheca os livros — Obras completas de Byron, por Manoel Soeiro, Le Monde Marche de E. Pelletan, por José Theodoro de Miranda e o Esqueleto, de Castello Branco, por Pereira de Magalhães. Os Snrs. Hilario, Appollinario Porto Alegre e Kraemer vindo a tribuna perguntarão se a Directoria tinha ou não cedido a sala do Parthenon Litterario para o Snr. Jacome dar as suas lições theoricas de picaria. Tendo se manifestado o Snr. Mucio como autor desse procedimento, o Snr. presidente interino o suspendeu por tempo indeterminado conforme o regulamento. Pediu a palavra o Snr. Lucio e reprovou o acto da presidencia; defendendo-o o Snr. Achylles Porto Alegre. Finalmente fallarão a favor da reintegração do Snr. Mucio, os Snrs. Appollinario Porto Alegre e Souza Lobo, a qual foi approvada pela casa. E nada mais havendo a tratar-se foi encerrada a sessão ás nove horas. E para constar lavrei a presente acta que está rubricada pelo presidente interino Snr Totta e por mim assignada. O adjunto do segundo Secretario João da Cunha Lobo Barreto Filho.

Numero trinta o dois. — Acta da sessão ordinaria que teve lugar em trinta de setembro de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia interina do Snr. Totta.

Aos trinta dias do mez de setembro do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Totta, Vasco de Azeredo, Crescentino, Hilario, Enéas, Carvalho, Gaspar, Lucio, Lavra Pinto, Sá Brito, Appollinario Teixeira, Theodoro de Magalhães, Pitta, Achylles, Horta, Appollinario Porto Alegre, C. Kraemer, José Sá Brito, Flores e Barreto; o Snr. presidente interino abriu a sessão ás oito horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da ultima sessão ordinaria.

Os Snrs. C. Lavra Pinto e Lucio propuzerão para socios effectivos os Snrs. João de Lavra Pinto e Torquato de Souza Leal e pelo Snr. Crescentino de Carvalho foi proposto o Snr. Pedro Tude da Costa Ferreira e pelo Snr. Zeferino os Snrs. Porfirio Joaquim de Macedo Filho e Luiz Vieira Rodrigues. Forão offerecidos pelo Snr. José Theodoro de Miranda para a Bibliotheca os seguintes livros: Historia de Napoleão por L. Gallois; O Anão das Pedras Negras por W. Scott e a Batalha de Navarino, por Moke. Procedendo-se por meio de escrutinio secreto á votação de socios effectivos, para o que forão approvados os Snrs. José Emilio Gonsalves, Pedro de Araujo Vianna e José Martins Flores, tendo sido na mesma occasião designado pela presidencia para cumprimentar a este novo associado, que se achava presente, o Snr. Francisco Sá Brito. O Snr. Lucio pedindo a palavra censurou os oradores nomeados por não terem comparecido ás sessões, como era de seus deveres. O Snr. Kraemer vindo á tribuna pediu que se marcasse um prazo para a commissão de revisão de Estatutos nesse intervallo determinado concluir a sua missão. O Snr. Lavra Pinto explicou a causa da demora desses trabalhos; insistindo sobre o mesmo assumpto o Snr. Kraemer. O Snr. Appollinario Porto Alegre apresentou a these: A alma é immortal? O mesmo Snr. pediu que se officiasse ao Snr. Dr. Caldre Fião para que apresentasse o parecer de que estava incumbido. O Snr. Achylles desculpou o Snr. Caldre, mostrando as razões que o obrigavão a demorar o parecer exigido. A este discurso respondeu o Snr. Appollinario Porto Alegre. Para dar parecer sobre a these acima apresentada foi designado o membro da commissão de philosophia Vasco de Araujo. E nada mais havendo a tratar-se o Snr. Totta encerrou a sessão ás nove e um quarto horas. E para constar lavrei a presente acta que está rubricada pelo Snr. Presidente interino o Snr. Totta e por mim assignada. O adjunto do segundo secretario João da Cunha Lobo Barreto Filho.

Numero trinta e tres. — Acta da sessão ordinaria que teve logar no dia sete de outubro de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. L. Kraemer.

Aos sete dias do mez de outubro do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões os Snrs. Luiz Kraemer, Totta, Vasco de Azevedo, Flores, Pedro Horta, José Emilio, Sebastião Horta, Mucio, Achylles, Horta Filho, C. Kraemer, Vasques, Mello, Vasco de Araujo, Appollinario Porto Alegre, Hilario Ribeiro, Francisco Sá Brito, Damasceno, Aurelio, Lucio, Lobo, Servulo, Gaspar Guimarães e Barreto, foi aberta a sessão ás oito horas da noite. Foi lida e approvada a acta da ultima sessão ordinaria. Não se achando na casa nenhum dos oradores, foi nomeado o Snr. Appollinario Porto Alegre, para saudar aos novos associados, Snrs. Luiz Kraemer e Emilio Gonsalves, tendo o primeiro destes respondido ao cumprimento. Forão approvados por meio de escrutinio secreto como socios effectivos, os Snrs. João de Lavra Pinto, Torquato de Souza Leal, Pedro Tude da Costa Ferreira e Joaquim Porfirio de Macedo.

O Snr. Carlos de Lavra Pinto apresentou os Estatutos que estava encarregado de copiar.

O Snr. Lucio pede que se remettão os Estatutos á Presidencia da Provincia para serem approvados. Opinou em sentido contrario o Snr. Achylles. O Snr. Lucio voltou á tribuna sobre o mesmo assumpto. O Snr. Luiz Kraemer, diz, que por deferencia, devião ser apresentados os Estatutos á Presidencia, e o Snr. Aurelio manifestou-se por esta opinião. Sendo finalmente resolvido por approvação da casa que esses Estatutos novamente organisados, devião ser levados á presença da Presidencia da Provincia. Em seguida foram propostos socios effectivos os Snrs. Carlos Augusto de Souzo Lobo por Gustavo Filho, José Marques dos Santos por Appollinario Porto Alegre, João Pinto Bandeira por Mucio Teixeira, João Luiz dos Santos Ferreira e José Guedes de Figueiredo Menezes Filho por F. de Sá Brito, Catão Vicente Coelho por Augusto Totta, Ricardo Ernesto Heinzelmann, por Vasco de Araujo; Antonio Annibal Pereira da Motta por Horta Filho. Procedeu-se á leitura de um officio de José Emilio Gonsalves acceitando o logar de socio effectivo, e da seguinte offerta para a Bibliotheca: Confederação dos Tamoyos por D. J. G. Magalhães, feita pelo Snr. José Guedes Figueiredo de Menezes Filho. E não havendo nada a tratar-se na primeira parte da ordem do dia passou-se á segunda. O Snr. Vasco de Araujo, leu o parecer sobre a these — A alma é immortal? provando a immortalidade. A Presidencia designou o Snr. Damasceno para impugnar, o qual não acceitou. Pediu a palavra o Snr. Appollinario Porto Alegre,

sendo de opinião contraria á do parecer apresentado. E ninguem mais querendo fallar sobre a these em questão o Snr. Presidente suspendeu os trabalhos ás nove e meia horas da noite, passando a mesma these a segunda discussão, para a primeira sessão ordinaria. E para constar lavrei a presente acta. (Assignado) O adjunto do segundo secretario João da Cunha Lobo Barreto Filho. Está rubricada pelo Snr. Presidente, e é registrada neste livro por mim segundo Secretario, em dezoito de janeiro de mil oitocentos setenta e trez. Christiano Kraemer.

Numero trinta e quatro. — Acta da sessão ordinaria de quatorze de outubro de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. L. Kraemer Walter.

Aos quatorze dias do mez de outubro de mil oitocentos setenta e dois, comparecendo na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Luiz Kraemer, Totta, Soeiro, Francisco de Sá Brito, Frederico Lara, Mucio, Enéas, Flores, C. Kraemer, Costa Ferreira, Vasco de Azevedo, Gaspar Guimarães, Appolinario Porto Alegre, Guerreiro, Hilario Ribeiro, Zeferino, Gustavo, José Theodoro, Pedro Horta, J. de Sá Brito, Horta Filho, Crescentino, Vasques, Santos Ferreira, Theodoro de Miranda, Guedes, Ernesto Paiva, Achylles, Vasco de Araujo e Barreto, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite. Foi lida e approvada a acta da ultima sessão ordinaria. Lendo-se um officio do Snr. Manoel Gonsalves Junior, em que pedia a sua demissão de primeiro Secretario, o Snr. F. de Sá Brito pediu para não se fazer novas eleições, visto estar quasi findo o anno, tendo a casa resolvido o contrario. Procedeu-se á eleição de primeiro secretario; recolherão-se vinte e cinco cédulas, sendo uma em branco, tiveram votos os Snrs. Augusto Totta vinte e um, Christiano Kraemer, dois, Pedro Horta um, tendo sido nomeado o Snr. Augusto Totta e ficando assim vago o cargo de segundo secretario, para o qual se procedeu egualmente. Na eleição de segundo secretario, recolherão-se vinte e nove cédulas, sendo duas em branco; tendo sido votados os Snrs. Lobo Barreto Filho, vinte e quatro votos, Christiano Kraemer um, Zeferino um, Sá Brito um, vagando o lugar de segundo adjunto por ter sido nomeado o Snr. Barreto. Procedeu-se á eleição de segundo adjunto, recolherão-se vinte e nove cédulas, sendo duas em branco. O Snr. J. de Sá Brito teve onze votos, o Snr. Gustavo cinco, o Snr. Soeiro cinco, o Snr. Zeferino cinco e o Snr. Lucio um, sendo nomeado o Snr. José de Sá Brito. O Snr. Enéas pede que se fizesse a eleição de segundo e terceiro oradores, o Snr. Presidente diz que os

Estatutos não permittiam fazer isto. O Snr. Christiano pede a palavra e cumprimenta o novo primeiro secretario. O Snr. José de Sá Brito insiste sobre a nomeação de novos oradores, e o Snr. Christiano pede para se fazer um requerimento assignado por mais de vinte socios, exigindo a demissão do segundo e terceiro oradores, o que a casa decidiu em sentido contrario. O Snr. Theodoro de Miranda cumprimenta um novo associado. Em seguida o Snr. José de Sá Brito apresenta um projecto sobre a nova organização da bibliotheca, sendo nomeada para dar seu parecer sobre este assumpto uma commissão composta dos Snrs. Appollinario Porto Alegre, Norberto Vasques e Soeiro, mas havendo se recusado por motivos apresentados, o primeiro destes Snrs., foi nomeado para substitui-lo o Snr. Theodoro de Miranda, sendo relator da mesma o Snr. Norberto Vasques. Indo se proceder á votação por meio de escrutinio secreto, de socios effectivos, o Snr. F. de Sá Brito pede para que se faça de uma só vez para todos, por estar adiantada a hora, e foram approvados os Snrs. Carlos Augusto de Souza Lobo, Ricardo Ernesto Heinzelmann, José Marques dos Santos, João Pinto Bandeira, João Luiz dos Santos Ferreira, José Guedes e Figueiredo Menezes Filho, Catão Vicente Coelho e Antonio Annibal Pereira da Motta. Foram propostos socios effectivos os Snrs. João Lins dos Santos Cardoso de Menezes, por Pedro Tude da Costa Ferreira, e correspondentes os Snrs. Felix Fernandes da Fonseca Azambuja, residente em São Leopoldo e Antonio Joaquim da Costa Correa Junior em Santo Antonio por Achylles Porto Alegre, C. Kraemer, Hilario, Flores, Araujo e Silva e Costa Ferreira e o Snr. Nicolau Jose Gomes no Passo Fundo, por Appollinario Porto Alegre e Soeiro. Passando-se á primeira parte da ordem do dia os Snrs. Mucio e Soeiro recitaram duas poesias. Ficou suspensa a sessão ás novè horas e meia, por se achar a hora adeantada, devendo na primeira sessão ordinaria ter logar a segunda discussão da these: A alma é immortal? E para constar lavrei a presente acta. (Assignado) O segundo Secretario J. C. Lobo Barreto Filho. Está rubricada pelo Snr. Presidente e é registrada neste livro por mim segundo secretario em dezoito de janeiro de mil oitocentos setenta e trez. Christiano Kraemer.

Numero trinta e cinco. — Acta da sessão ordinaria que teve logar no dia vinte e um de outubro de mil oitocentos tetenta e dois.

Presidencia do Snr. Luiz Kraemer Walter.

Aos vinte e um dias do mez de outubro do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Luiz Kraemer, Totta,

Vasques, Theodoro de Miranda, Hilario, Achylles, Horta, Crescentino, José de Sá Brito, Zeferino, Carvalho, Vasco de Azevedo, Soeiro, Magalhães, Servulo, Van Nés, Flores, Francisco de Sá Brito, Christiano, Sebastião Horta, Gaspar Guimarães, Guedes Filho, Bandeira, Marques dos Santos e Bandeira, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite. Foi lida e approvada a acta da ultima sessão ordinaria. Os Snrs. Van Nés, Achylles e Totta fallarão sobre a reunião que havia effectuado o conselho economico. Procedeu-se á votação por meio de escrutinio secreto e foram approvados socios effectivos os Snrs. João Lins Cardoso de Menezes, e correspondentes os Snrs. Felix Fernandes Fonseca de Azambuja, em São Leopoldo, Antonio Joaquim da Costa Correa Junior, em São Jeronymo, e Nicolau José Gomes, no Passo Fundo. O Snr. Christiano fallou sobre a proposta para socio effectivo do Snr. Joaquim Alves Torres que tambem foi approvada. O Snr. Achylles apresentou a seguinte these: Quaes as causas que trouxeram a revolução de trinta e cinco na Provincia? A revolução foi necessaria? A revolução exprimia a real manifestação do povo? tendo sido designado para dar parecer o Snr. Gustavo Vianna Filho. Porque razão a mulher não goza da liberdade do homem? Deve gozal-a? Para dar parecer foi designado o Snr. Vasco de Araujo. Em seguida o Snr. Lavra Pinto cumprimentou a um novo associado. Na primeira parte da ordem do dia o Snr. Soeiro recitou uma poesia. Passando-se á segunda parte, discutiu-se pela segunda vez a these: A alma é immortal? Fallarão contra a immortalidade os Snrs. Flores, Francisco Sá Brito, e a favor os Snrs. José de Sá Brito e Achylles, sendo encerrada a sessão ás nove e trez quartos horas da noite, ficando para a primeira sessão ordinaria a terceira discussão da mesma these. E para constar lavrei a presente acta. (Assignado) O segundo secretario João da Cunha Lobo Barreto Filho. Está rubricada pelo Snr. Presidente e registrada neste livro por mim, segundo secretario, em dezoito de janeiro de mil oitocentos setenta e trez. Christiano Kraemer.

Numero trinta e seis. — Acta da sessão extraordinaria, que teve lugar aos vinte e sete dias do mez de outubro de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. Kraemer.

Aos vinte e sete dias do mez de outubro do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Luiz Kraemer, Totta, Hilario, Horta, Lucio, Gustavo, José de Sá Brito, Vasques, Flores,

Appollinario Porto Alegre, Christiano, Appollinario Teixeira, Appollinario de Azevedo, Achylles, Frederico Lára, Mucio, Crescentino e Barreto o Snr. Presidente abriu a sessão ás onze horas da manhã. Foi lida e approvada a acta da ultima sessão extraordinaria. Forão considerados socios effectivos, procedendo-se por escrutinio secreto, os Snrs. Alexandre Bernardino de Moura, proposto pelo Snr. Totta; Joaquim Alves Torres pelo Snr. Vasco de Azevedo; Pedro Nolasco da Silva Telles, Carlos Maria da Silva Telles e Luiz Manoel da Silva Telles, pelo Snr. F. Sá Brito; Antonio Joaquim Gonçalves Lima, Joaquim Goularte da Costa e José Joaquim de Andrade pelo Snr. Horta; Antonio Luiz de Azambuja, José Fernandes da Silva e Alfredo Alberto de Alencastro pelo Snr. José Theodoro de Miranda; Jeronymo José Telles pelo Snr. Hilario; Procoro A. de Abreu pelo Snr. F. de Sá Brito; João Francisco da Costa, Bernardo Luiz Pereira, Manoel Joaquim Alves de Menezes, José Francisco da Silva Nunes, Rodolpho Bier, Gustavo Bier, Jorge Pereira da Costa, Saturnino Antunes Pinto e Ignacio Pereira Pinto pelo Snr. Christiano Kraemer. Forão lidos o projecto e o parecer sobre a organização da Bibliotheca. O Snr. Appollinario Porto Alegre oppõe-se a alguns pontos do projecto, tendo o Snr. José de Sá Brito se dado por vencido na parte que diz „Pedir uma subvenção de dez contos de reis á Assembléa Provincial.“ O Snr. Achylles propõe para que em lugar da exposição de que falla o projecto seja dado um concerto musical. O Snr. Christiano lembra á casa, que em lugar de concerto póde a commissão theatral dar um espectáculo. Foi posto á approvação da casa, por secções o projecto: primeira secção foi approvada, menos, quanto á leitura gratis. A' segunda secção apresentou um substitutivo, o Snr. Achylles, para se dar um concerto, em vez de exposição e arrematação. A terceira secção foi approvada com a emenda do Snr. Christiano Kraemer, onde se lê: Bibliotheca Publica, leia-se Bibliotheca Particular. O Snr. Luiz Kraemer apresenta o seguinte additivo: Alem de litteratos, diga-se — Repartições Officiaes do Imperio. O Snr. Appollinario Porto Alegre, faz algumas observações sobre essa proposta, a qual foi retirada. Foi supprimida a quarta secção, por ter sido approvada a proposta do Snr. Luiz Kraemer „Supressão de toda a quarta secção.“ Tendo sido apresentado, foi approvado o seguinte requerimento do Snr. Appollinario Porto Alegre: Requeiro que se nomeie uma commissão para estudar-se a admissão de accionistas. — E' ou não aproveitavel á Bibliotheca, sendo designada uma commissão, composta dos Snrs, Appollinario e

Achylles Porto Alegre, e José de Sá Brito, para esse fim. As secções quinta e sexta do projecto, forão substituidas pelo seguinte: Onde se lê „A Sociedade começará desde já a organizar um dictionario, leia-se „Começará a organizar uma obra para ser publicada annualmente, e cujo producto deve ser applicado á Bibliotheca. Esta obra constituirá, ou uma collecção de poesias Rio Grandeses ou um romance ou collecção de contos. (Assignado) Appollinario Porto Alegre. Os Snrs. Luiz Kraemer, Vasques e Totta ficarão encarregados dos preparativos para o concerto. E nada mais havendo a tratar-se, o Snr. Presidente encerrou a sessão ás duas horas da tarde. E para constar lavrei a presente acta. (Assignado) O segundo Secretario João da Cunha Lobo Barreto Filho. Está rubricada pelo Snr. Presidente, e é registrada neste livro por mim, segundo secretario, em dezoito de janeiro de mil oitocentos setenta e trez. Christiano Kraemer.

**Numero trinta e sete. — Acta da sessão ordinaria, que teve
logar em vinte e oito de outubro de mil oitocentos
setenta e dois.**

Presidencia do Snr. Luiz Kraemer.

Aos vinte e oito dias do mez de outubro do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando--se reunidos na sala das sessões do Parthenon Litterario, os Snrs. Luiz Kraemer, Totta, Flores, Vasco de Azevedo, Guedes Filho, Damasceno Vieira, Ricardo Heinzelmann, Pedro Ferreira, José de Sá Brito, Crescentino, Theodoro de Miranda, Horta, Lucio, Raineri, Mucio, Vasco de Araujo, Sebastião Horta, Bandeira Filho, Servulo, Estolano, Gustavo Filho, Horta Filho, Hilario, Zeferino, Christiano, Achylles, Appollinario Teixeira, Appollinario Porto Alegre, Santos Ferreira, Norberto, Gaspar Guimarães, F. de Sá Brito, Lavra Pinto, Carvalho, Soeiro e Barreto, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite. Foi lida e approvada a acta da ultima sessão ordinaria. Fallarão sobre a sessão do conselho economico ultimo, os Snrs. Totta, Achylles e Lucio. Forão considerados socios effectivos os Snrs. Joaquim Felizardo, João Leiendecker, Agostinho Moreira da Silva Filho e Antonio Gomes Marques, e socio correspondente o Snr. Jezuino Felix de Mattos, residente no Rio de Janeiro, tendo se procedido por meio do escrutinio secreto. Apresentarão-se as seguintes pro-

postas para socios effectivos: os Snrs. Horacio Maisonette, e Eduardo de Magalhães pelo Snr. Achylles Porto Alegre, o Snr. Joaquim José de Mendanha e Lino José Ricardo, pelo Snr. Totta; o Snr. Juliano dos Santos Lobato pelo Snr. Zeferino, o Snr. Antonio Pinto Gomes pelo Snr. Vasco de Azevedo; o Snr. Sebastião Nunes Pinto pelo Snr. Crescentino de Carvalho. Passando-se á primeira parte da ordem do dia os Snrs. Soeiro e Mucio recitarão poesias de sua composição. O Snr. Jorge Raineri cumprimenta ao novo associado Snr. Ricardo Heinzelmann. Segunda parte da ordem do dia. Continuou em segunda discussão a these „A alma é immortal?“. Orarão a favor da these os Snrs. Vasco de Araujo, J. de Sá Brito, Achylles e Hilario, e em sentido opposto os Snrs. Flores e Appollinario Porto Alegre. E como a hora estivesse adeantada o Snr. Presidente adiou a discussão para a primeira sessão ordinaria, ficando com a palavra os Snrs. F. de Sá Brito e Vasco de Araujo e sendo levantada a sessão ás onze horas. E para constar lavrei a presente acta. (Assignado) João da Cunha Lobo Barreto Filho. Está rubricada pelo Snr. Presidente e é registrada neste livro por mim segundo secretario em dezoito de janeiro de mil oitocentos setenta e trez. Christiano Kraemer.

Numero trinta e oito. — Acta da sessão ordinaria que teve lugar em quatro de novembro de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. Luiz Kraemer.

Aos quatro dias do mez de novembro do anno de mil oitocentos setenta e dois, presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Luiz Kraemer, Totta, José de Sá Brito, Mucio, Lucio, Carvalho, Christiano, Flores, Zeferino Vasques, Appollinario Porto Alegre, Crescentino, Hilario, Damasceno, Carlos Lobo, Appollinario Teixeira, Enéas, Servulo, F. de Sá Brito, Vasco de Azevedo, Estulano, Pereira da Costa, Horta Filho, Duarte, Gustavo, Menezes, Raineri e Barreto, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite. Depois de lida foi approvada a acta da ultima sessão ordinaria. Os Snrs. Alexandre Bernardino de Moura, e Prócoro A. de Abreu, participarão officialmente terem acceitado o lugar de socios effectivos. Forão propostos socios effectivos os Snrs. Ignacio Teixeira de Paiva, Freire de Andrade, pelo Snr. Mucio Teixeira; Francisco Correia de Oliveira pelo Snr. Lucio e Affonso Fernandes da Silva pelo Snr. Appolli-

nario Teixeira. Indo se proceder á votação por meio de escrutínio secreto, os Snrs. Horacio Maisonette, Eduardo Magalhães, Joaquim José de Mendanha, Lino José Ricardo, Juliano dos Santos Lobato, Antonio Pinto Gomes e Sebastião Nunes Pinto, o Snr. Appollinario pediu que se fizesse englobadamente, oppondo-se a isso o Snr. Christiano Kraemer, mas a casa decidiu em favor do primeiro, e forão todos approvados. Em seguida o Snr. Carlos Lavra cumprimenta os novos associados Snrs. Carlos Lobo, Pereira da Costa e Menezes. Na primeira parte da ordem do dia o Snr. Mucio recitou uma sua poesia, passando-se á segunda parte. Continuou em segunda discussão a these: A alma é immortal? Orarão contra os Snrs. F. de Sá Brito e Appollinario Porto Alegre e pró o Snr. Achylles. E estando a hora adeantada o Snr. Presidente levantou a sessão ás dez e meia horas, ficando adiada a discussão da mesma these, com a palavra o Snr. Flores. E para constar lavrei a presente acta (assignado) João da Cunha Lobo Barreto Filho. Está rubricada pelo Snr. Presidente e é registrada neste livro por mim, segundo secretario, em dezoito de janeiro de mil oitocentos setenta e trez. Christiano Kraemer.

**Numero trinta e nove. — Acta da sessão ordinaria que teve
logar em vinte e cinco de Novembro do anno de mil
oitocentos setenta e dois.**

Presidencia do Snr. Luiz Kraemer.

Aos vinte e cinco do mez de novembro do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Luiz Kraemer, Vasco de Azevedo, A. Totta, Martins Flores, Vasques, Pereira da Costa, Theodoro de Miranda, Figueiredo, Bandeira, Crescentino, Appollinario Teixeira, Carvalho, Achylles, Appollinario Porto Alegre, Lara, Hilario, Enéas, Vasco de Araujo, J. de Sá Brito e Luiz Kraemer, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite. Sendo lida a acta da ultima sessão ordinaria, foi approvada sem debates. Forão lidos os seguintes officios: do Snr. Joaquim Alves Torres, José Joaquim de Mendanha e Joaquim Goularte da Costa, acceitando os cargos de socios effectivos desta sociedade, e outro da Sociedade Ensaios Litterarios, fundada nesta cidade, assignada pelo Snr. Presidente da mesma Frederico Ernesto Estrella de Villeroy e primeiro secretario

Aurelio Verissimo de Bittencourt. A vista deste officio o Snr. Appollinario pediu a palavra e, obtendo-a, disse que a Directoria se dirigisse a essa Associação com a lealdade e franqueza que caracteriza o Parthenon, saudando essa nova co-irmã, que vem a par desta, trilhar na senda do progresso e da civilização, e que o Parthenon lhe almeja uma vida risonha e cheia de prosperidades; ao mesmo tempo accusa aos socios Aurelio Verissimo de Bittencourt e João Cancio Gomes, que com a maior deslealdade têm distraído os socios do Parthenon e se têm descarreado da senda, que devião seguir. Accusa o Snr. Aurelio com esforço, accrescentando que este Snr. calumnia e vilipendia esta Associação usando das cobardes armas da intriga afim de lançar a desharmonia entre os membros desta casa. Apresenta este socio como inconveniente para continuar a permanecer não só na Directoria, com os altos cargos que occupa, como até em continuar em ser socio do Parthenon Litterario, reque-rendo que sejam os accusados convocados para comparecerem á primeira sessão ordinaria, afim de tomarem as suas defesas, e não comparecendo ou não se defendendo, sejam expulsos como refractarios á sociedade. O Snr. Christiano Kraemer obtendo a palavra accusa o Snr. Mucio Teixeira, dizendo ser sobre quem recae uma grande parte das intrigas tramadas entre os socios, por cujo motivo pede que seja contemplado no numero dos accusados, soffrendo a mesma pena que a esses tenha de ser infligida. O Snr. Appollinario Porto Alegre toma a defesa, não concordando com a opinião do orador que antecedeu, porque julga que o Snr. Mucio, sendo uma creança e cheio de leviandade, justificada pela sua mesma menoridade, entende, que na sentença que pediu contra os Snrs. Aurelio e Cancio não seja contemplado este joven, pois não o julga com bastante madureza de espirito para discernir o mal. O Snr. Presidente observa, que julga o assumpto algum tanto de ordem particular. O Snr. Appollinario demonstra que não baseou a accusação na ordem pessoal, porem sim a formulou, somente pelo que affecta á Sociedade, ao interesse commum dos associados. O Snr. primeiro Secretario julga que não pode ser eliminado nem menos expulso um socio fundador. O Snr. Appollinario chama a attenção desse Snr. para o artigo dos Estatutos da Sociedade em que manda eliminar da sociedade qualquer socio, que tenha discrepado de seus deveres, ainda mais que estes não só têm faltado ás sessões, deixado de cumprir com os seus deveres, um como orador e ambos por não terem pago suas mensaldiades, e finalmente derramarem a siza-nia entre os socios do Parthenon. Exige finalmente, que tome-se em consideração o seu requerimento e que sejam ex-

pulsos esses dois detractores, o que é applaudido e approved pela maior parte do auditorio. O Snr. Hilario pede a palavra, e requer se convoque uma sessão extraordinaria para tratar desse assumpto. O Snr. Appollinario Porto Alegre accrescenta que a sociedade mostre toda a generosidade emprasando os accusados para virem se defender. Succitarão-se diversos apartes em que divergem as opiniões sobre a maneira de resolver a expulsão de ambos os socios, no que quasi todos estão de accordo.

O Snr. Presidente chama á ordem, e ouvindo as opiniões dos Snrs. Vasco, Vasques, Totta, Hilario, C. Kraemer, Achylles e Flores, vae á votação o parecer do Snr. Hilario, com as emendas dos Snrs. Vasco, Achylles e C. Kraemer, e fica deliberado que se officie aos dois ditos socios afim de comparecerem á sessão extraordinaria que terá logar domingo, primeiro de dezembro, ás quatro horas da tarde afim de se defenderem das accusações que lhes serão feitas e soffrerem o que lhes for imposto pela deliberação da maioria. O Snr. Presidente á vista das attribuições que lhe conferem os Estatutos, em vista das accusações soffridas na presente sessão, com as quaes perde a confiança da Directoria, e da continua ausencia a que se tem dado o terceiro orador, o Snr. Aurelio de Bittencourt, demitte-o do mesmo cargo e nomeia para substituil-o interinamente o Snr. Carlos de Lavra Pinto.

Em seguida foi lido um officio da commissão encarregada de angariar donativos para erigir um monumento aos bravos da esquadra nacional fallecidos na guerra do Paraguay, cujo officio vae ser tomado em consideração.

Procedeu-se á votação para socios effectivos e foram approveds os Snrs. Affonso Fernandes da Silva, Francisco Correa de Oliveira João Luiz Teixeira e Pedro Ruiz Soares. Foram propostos pelo Snr. Luiz Kraemer, Achylles, Totta, Flores e Bandeira para socio correspondente na cidade de Pelotas, o Snr. Alberto Coelho da Cunha, para socios effectivos: pelo Snr. Vasco de Azevedo os Snrs. Thomaz Moreira e Olympio Agobar de Oliveira, pelo Snr. Achylles o Snr. Pedro José do Canto; pelo Snr. Bandeira o Snr. Theotonio Lourenço Mariante, pelo Snr. C. Kraemer os Snrs. Candido Antonio da Costa, Gaspar da Silva Fróes, Manoel Pereira Fortes, Antonio Carlos de Carvalho Bastos e José Maria Durão.

Passando-se á primeira parte da ordem do dia, ninguem pediu a palavra e como se achasse a hora adeantada, foi adiada para a seguinte sessão ordinaria a leitura do parecer pelo Snr.

Caldre e Fião e discussão da these apresentada pelo Snr. Gonçalves Junior: Em qualquer dos sentimentos ou paixões humanas quem revela mais nobreza ou mais generosidade — o homem ou a mulher?

A's nove horas e cincoenta minutos o Snr. Presidente encerrou a sessão e para constar lavrei a presente acta que assignam, (Assignado) José de Sá Brito adjuncto do segundo secretario. Está rubricada pelo Snr. Presidente e é registrada neste livro por mim, segundo secretario, em vinte e quatro de janeiro de mil oitocentos setenta e trez. Christiano Kraemer.

Numero quarenta. — Acta da sessão extraordinaria, que teve lugar em primeiro de dezembro de mil oitocentos setenta e dois.

Presidencia do Snr. Luiz Kraemer.

A's quatro e meia horas da tarde, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. Luiz Kraemer, Martins Flores, Enéas, Appelles, Vasco de Azevedo, Estulano, F. Sá Brito, Mucio, C. Kraemer, Azambuja, Gaspar Guimarães, Theodoro de Miranda, Achylles, Hilario, Totta, Gonçalo de Carvalho, Jorge da Costa, Adolpho Gomes, Barcellos, Gonsalves, Barcellos de Carvalho e José de Sá Brito, o Snr. Presidente abriu a sessão e sendo lida a acta da ultima sessão extraordinaria foi approvada sem debates. Sendo o socio F. de Sá Brito convidado para cumprimentar o socio correspondente da Cachoeira João Carvalho de Barcellos, satisfiz aquelle socio o convite, ao que respondeu este Snr. com eloquencia, saudando o Parthenon pela sua elevação. Em seguida o Presidente manda ler a acta da sessão ordinaria de vinte e cinco de novembro afim de dar conhecimento á casa do assumpto de que se vae tratar. O Snr. Presidente expõe mais claramente que trata-se da accusação feita pelo Snr. Appollinario Porto Alegre na mencionada sessão ordinaria de vinte e cinco de novembro, cuja accusação era de esperar defesa, visto que os socios accusados Aurelio de Bittencourt e João Cancio Gomes tinham sido convidados para virem se defender, porem não tendo esses Snrs. comparecido, o mesmo Snr. Presidente punha em discussão o requerimento do socio Appollinario, o qual é exarado nos seguintes termos: Requeiro que os socios Aurelio Verissimo de Bittencourt e João Cancio Gomes sejam expulsos do Parthenon como refractarios e inconvenientes á mesma Associação. Pede a palavra o Snr.

C. Kraemer e extranha que não se tenha fallado no Snr. Mucio Teixeira, a quem accusou, e requereu que cumprisse a mesma pena que tivesse de ser infringida aos socios acima mencionados, accusados pelo Snr. Porto Alegre. Diz que o Snr. Mucio é a causa principal das intrigas que promovem aquelles socios, e por isso manda á mesa o seguinte requerimento: Requeiro que se applique a pena de expulsão proposta pelo Snr. Appollinario Porto Alegre para os Snrs. Aurelio e Cancio, tambem ao Snr. Mucio Teixeira, que tem sido a causa ainda que indirecta de todas as questões que se tem succitado. Tendo o Snr. Mucio dirigido uma palavra offensiva ao Snr. C. Kraemer o Snr. Presidente o chama á ordem. O Snr. F. de Sá Brito obtendo a palavra diz que quando se oppunha á entrada do Snr. Mucio para socio do Parthenon, bem antevia que sendo este Snr. uma creança não podia praticar papeis senão em relação á sua idade. Conclue, fazendo algumas considerações e oppondo-se ao requerimento do Snr. C. Kraemer. Pede a palavra o Snr. Lucio e obtendo, fez algumas considerações sobre o assumpto, julgando preciso não a expulsão para este Snr. mas unicamente uma suspensão até que tenha mais juizo (conforme as proprias expressões do orador). Como ninguem mais pediu a palavra, vae á votação o requerimento do Snr. C. Kraemer sendo o resultado da votação contra o dito requerimento. Nesta occasião o Snr. Mucio Teixeira, levantando-se, pede a sua demissão de socio do Parthenon, o que fica para ser tomado em consideração, julgado este Snr. desde este momento sem direito de socio. Em seguida sendo tambem apresentado um requerimento do Snr. Appollinario para ser votado, abandonarão a sala os Srs. Theodoro de Miranda e Martins Flores, votando contra unicamente o Snr. Christiano Kraemer, foi approvedo, e considerados expulsos estes individuos já mencionados e, como nada mais tivesse a tratar-se, o Snr. Presidente levantou a sessão ás cinco horas e meia da tarde e para constar lavrei a presente acta que assigno (assignado) adjunto do segundo secretario José de Sá Brito. Está rubricada pelo Snr. Presidente effectivo, e é registrada neste livro por mim, segundo secretario, em dezeseis de fevereiro de mil oitocentos setenta e trez. Christiano Kraemer.

Numero quarenta e um. — Acta da sessão ordinaria que teve lugar no dia nove de dezembro de mil oitocentos e setenta e dois.

Aos nove dias do mez de dezembro de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon Litterario os Snrs. L. Kraemer, Appollinario Teixeira, F. de Sá Brito, Hilario, Appollinario Porto Alegre, C. Kraemer, Vasco de Azevedo, Lavra Pinto, Azambuja, Achylles, Flores, Theodoro de Miranda, Vasco de Araujo, Totta, Costa, Lucio Porto Alegre e J. de Sá Brito, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito e meia horas da noite. Sendo lida a acta da ultima sessão ordinaria, foi approvada sem debate. Foram lidos os seguintes officios: João Luiz Teixeira Junior e Antonio Luiz de Azambuja, aceitando ambos os cargos de socios effectivos desta associação; do Snr. Adolpho Augusto Gomes, communicando que se retira para o Rio Grande, onde offerece seus serviços, desejando ser considerado socio correspondente nessa cidade; o Snr. Lidio da Costa Oliveira, communicando tambem que se retira para fóra da Capital, e que faz esta comunicação porque deseja continuar sendo socio do Parthenon Litterario.

O Snr. Appollinario Porto Alegre pede a palavra pela ordem e, concedida, diz, se acha mais que nunca disposto a trabalhar pela causa litteraria, e pelo engrandecimento do Parthenon, visto que agora estão fóra desta associação os contrabandistas do Parnaso, mercenarios da Litteratura que infestavam esta associação. Propõe a seguinte reforma: Crear-se uma secretaria de relações externas, para manter mensalmente correspondencia com as commissões de socios correspondentes nas differentes localidades da Provincia. Offerece-se para tomar sobre si essa tarefa no anno vindouro, porque como já disse, acha-se reanimado de novas forças e de bastante resolução para satisfazer os trabalhos necessarios nessa secretaria, que manterá uma correspondencia mensal ou quinzenal. Propõe, que se nomeie uma comissão com poderes para organizar as bases, os trabalhos dessa secretaria e dar-lhe um regulamento conveniente. Findo o seu discurso, remette á mesa a sua proposta por escripto, que se acha junto a esta acta. Pede a palavra o Snr. C. Kraemer, e obtendo, accusa o segundo secretario, que deixou de annunciar a presente sessão e qualifica essa falta como motivada talvez por commodidade propria, desleixo ou desinteresse; diz que se vê obrigado a ser o censor na Sociedade pois que, os demais socios deixão de censurar, porque relevão os erros e desmandos da Directoria, que elle orador não pode deixar desapercibidos. Pede ao segundo Secretario, que cumpra melhor com os seus deveres e que pos-

sua-se de um pouco mais de interesse, e abandone a commodidade. Dirigindo-se em seguida ao Snr. Bibliothecario, extranha a falta desse Snr. ás sessões, o abandono em que se acha a Bibliotheca e accusa-o finalmente de não ter até agora apresentado o cathalogo dos livros pertencentes ao Parthenon. O Bibliothecario Snr. Israel de Azambuja, em um aparte, diz que o cathalogo se acha prompto e que o trará na sessão seguinte. O Snr. Kraemer empraça-o a cumprir com esta promessa. O Snr. José de Sá Brito, servindo de segundo secretario, tendo obtido a palavra, refuta a accusação que lhe foi feita pelo Snr. Kraemer, dizendo que se errou, não foi por vontade sua e simplesmente por ignorancia e que o Snr. C. Kraemer que se arvora em promotor dessa sociedade em vez de guardar-se para fazer-lhe essa accusação, devia tel-o guiado, pois bem sabia que o orador ignorava ainda que esse annuncio era de lei ou de praxe, e que se não o ignorasse não seria de certo tão pequena obrigação que deixaria de cumprir, pois que tendo a seus amigos pedido para si o logar de adjunto do segundo secretario, era somente com o fim de prestar algum serviço á associação. Diz que o Snr. Christiano Kraemer é um desses socios que faz tornarem-se os cargos da Directoria pesados, sendo isto uma razão de muitas vezes fugir-se de occupal-os. Repelle finalmente com energia as palavras insultuosas que lhe dirigiu o Snr. Kraemer de desleixo, desinteresse, commodidade, pouca vontade. Conclue dizendo achar-se muito commovido e não poder continuar em seu discurso. Tem a palavra o Snr. Appollinario Porto Alegre e convida para que haja toda harmonia e união na sociedade e relevem-se faltas como esta commettida pela segunda secretaria; accrescenta que agora somos poucos e como taes devemos ser mais unidos, pois da união nasce a força e essa é precisa para lutar com os inimigos do Parthenon que hoje são em maior numero. Em seguida são lidas as seguintes propostas: para socios correspondentes em São Borja os Snrs. João Pedro Gay e Francisco da Natividade Franco, pelos Snrs. Achylles, J. de Sá Brito, Appollinario Teixeira, Martins Flores e Theodoro de Miranda; para socios effectivos os Snrs. Francisco Candido Lopes e Jayme Pinto Nogueira pelo Snr. Jorge da Costa. Foi offerecido ao Parthenon Litterario pelo socio Joaquim Alves Torres, os oito volumes do romance, traduzidos, de Alexandre Dumas — O Ultimo Rei dos Francezes. O Snr. C. Kraemer que tem obtido a palavra pela ordem, diz que não prestou bastante attenção ao discurso do Snr. Appollinario Porto Alegre mas julga que esse discurso se dirigia a elle; accrescenta que nas accusações que tem por costume dirigir á Directoria tem somente em vista procurar que o serviço do Parthenon marche de accordo com o regimen

da casa. Neste ponto é interrompido pelo Snr. Lavra Pinto que faz ver ao Snr. Presidente que não ha na sala numero legal para a sessão. Estando o Snr. Presidente de accordo, o Snr. C. Kraemer oppõe-se dizendo que estando com a palavra não podia ser-lhe retirada por este motivo. Sussitão-se alguns apartes e tendo reapparecido dois socios que se tinham retirado da sala das sessões e verificando-se então numero legal, o Snr. C. Kraemer conclue dizendo que só por seu direito queria continuar com a palavra que lha querião retirar, mas que, visto não poderem mais fazer, nada tinha a accrescentar ao que disse. Achando-se a hora adeantada são para a seguinte sessão adiadas a votação para socio correspondente da cidade de Pelotas, do Snr. Alberto Coelho da Cunha, e votações para socios effectivos os propostos já syndicados e julgados nas condições de occuparem esses cargos, os Snrs. Thomaz Morena, Pedro José do Canto, Candido Antonio Costa, Gaspar da Silva Fróes, Manoel Pereira Forte, Antonio Carvalho Bastos e José Maria Durão. Foi tambem adiada para a seguinte sessão a leitura do parecer e discussão da these: Em qualquer dos sentimentos ou paixões humanas quem revela mais nobreza e generosidade — o homem ou a mulher? A's dez horas o Snr. Presidente encerrou a sessão e para constar passei a presente acta que assigno. José de Sá Brito, adjunto do segundo secretario.

**Numero quarenta e dois. — Acta da sessão ordinaria que teve
logar no dia dezenove de dezembro do anno de
mil oitocentos setenta e dois.**

Presidencia do Snr. Luiz Kraemer.

Aos dezenove dias do mez de dezembro do anno de mil oitocentos setenta e dois, achando-se presentes na sala das sessões do Parthenon os Snrs. L. Kraemer, Raineri, Torres, Achylles, Lucio, Appollinario Porto Alegre, Lavra Pinto, Vasco de Araujo, Enéas, Vasco de Azevedo, Appelles, Bandeira, José de Sá Brito, C. Kraemer, Carvalho, Crescentino, Martins Flores, Ulrich, Gaspar Guimarães e Jorge da Costa, o Snr. Presidente abriu a sessão ás oito horas da noite e sendo lida a acta da sessão anterior foi approvada sem debates. Achando-se presente pela primeira vez o socio Snr. Alves Torres, foi cumprimentado pelo terceiro orador Snr. Lavra Pinto, a pedido da Presidencia. Seguindo a votação por escrutinio secreto para socios do Parthenon, foram approvados socios correspondentes na cidade de Pelotas o Snr. Alberto Coelho da Cunha; em São Borja os Snrs. João Pedro Gay e Francisco da Natividade

Franco. Para socios effectivos os Snrs. Thomaz Morena, Pedro José do Canto, Candido Antonio da Costa, Gaspar da Silva Fróes, Manoel Pereira Fortes, Antonio de Carvalho Bastos, José Maria Durão, Francisco Candido Lopes e Jayme Pinto Nogueira. Forão tambem approvados por proposta para socios effectivos pelo Snr. Christiano Kraemer os Snrs. Carlos Barth e Ernesto de Souza e Silva. Passando-se á primeira parte da ordem do dia, ninguem pediu a palavra; em seguida foi lida a proposta do Snr. Appollinario Porto Alegre, para a creação de uma nova secretaria de relações externas. O Snr. adjunto do segundo secretario pede ao Snr. Appollinario Porto Alegre, que dê mais amplas explicações sobre o fim dessa secretaria. O Snr. Appollinario Porto Alegre pede a palavra e explica qual o fim da mesma, que tem por objecto manter correspondencia effectiva com as commissões de socios correspondentes em todos os pontos da Provincia, não só para que estas commissões estejam continuamente ao facto do que se passa na associação, ajudem-a, no que se fizer mistér como representem o Parthenon Litterario nas occasiões em que deva tal o fazer. O Snr. Christiano Kraemer, obtendo a palavra, oppõe-se á creação dessa Secretaria por ser ella contraria á letra dos Estatutos da Sociedade, que determina não poder fazer-se reforma alguma antes do prazo de um anno contado desde a approvação dos ditos Estatutos. E' lido um substitutivo do adjunto do segundo secretario em que propõe em vez de dizer-se „Secretaria de relações externas“, diga-se „Commissão de relações externas“, com o mesmo fim da secretaria proposta pelo Snr. Appollinario. O Snr. Presidente fazendo algumas observações sobre o debate demonstra que é fóra da lei da associação a creação da secretaria, que só póde isso ter lugar depois de vencido o supra dito anno para que elles vigorem sem alteração; e pondo a votos o substitutivo, foi approvedo por maioria. Sendo nomeado relator da dita commissão o Snr. Appollinario Porto Alegre, não quiz acceitar este cargo e á vista disto o Snr. Presidente guardou-se para fazer mais tarde as nomeações que serão publicadas na seguinte sessão ordinaria. E como se achasse a hora adeantada o Snr. Presidente encerrou a sessão sendo dez horas da noite, e para constar passei a presente acta que assigno. José de Sá Brito, adjunto do segundo secretario.



INDICE

Um grande morto.....	Pag. 3
<i>José Paulo Ribeiro</i> — Synthese da poesia popular Riograndense considerada como factor historico.....	11
<i>Souza Docca</i> — Vocabulos Indigenas na Geographia Riograndense	33
<i>Aug. de Sainte-Hilaire</i> — Viagem ao Rio Grande do Sul. Tra- dução de Adroaldo Mesquita da Costa.....	149
<i>C. Teschauer</i> — Geographia imaginaria e sua influencia na Historia	171
<i>Florencio de Abreu</i> — Actas das sessões do Parthenon Litterario	197
